PORQUE SOFREMOS...

PORQUE SOFREMOS...

HUBERTO ROHDEN

PORQUE SOFREMOS...

O SOFRIMENTO HUMANO À LUZ DA BIOLOGIA, DA FILOSOFIA E DO EVANGELHO

1 9 4 3
RIO DE JANEIRO
Caixa Postal 831

PARECER DO CENSOR ECLESIÁSTICO SOBRE ESTE LIVRO DEDICADO Á DIOCESE DE URUGUAIANA, RIO GRANDE DO SUL:

"PORQUE SOFREMOS é, sem favor algum, um grande livro, que deve ser lido devagar para ser saboreado e aproveitado. Tudo nele tem importância. Tudo é filosofia da vida. Tudo é Evangelho vivido.

Oxalá muitos aproveitem este manancial de verdades divinas e humanas!

Uruguaiana, 2 de julho, 1943.

P. Ricardo Liberali".

NIHIL OBSTAT
Uruguaiana, 2 de julho, 1943
P. Ricardo Liberali,
Censor ad hoc.

IMPRIMATUR
Uruguaiana, 3 de julho, 1943
Mons. Estanislau Wolski,
Vig. Capitular

Á legião imensa

dos sofredores anônimos

dedica estas páginas —

um companheiro de destino

Orientando...

No meio desse dilúvio de sangue, de lágrimas e de lama que ameaça afogar a humanidade dos nossos dias, todo homem lança ao céu esta angustiosa interrogação: Porque sofremos esses horrores? porque sofrem os inocentes, e quiçá mais que os culpados? . . .

Não temos a pretensão de querer explicar o inexplicavel nem definir o indefinivel. O sofrimento humano, por mais que dele se diga, escreva e pense, será sempre um tenebroso mistério. Ao lado da estreita faixa luminosa criada pela nossa compreensão se alargará sempre a vasta zona noturna que escapa a toda explanação racional.

O que mais nos deve preocupar, para podermos tolerar dignamente o inevitavel, não é tanto o donde *do sofrimento, mas, sim, o* porquê *e o* para quê *das dores que nos pungem, e qual a atitude que em face das mesmas convem assumir para que elas não nos sejam fatores negativos de destruição, porém elementos positivos e construtores, dentro do panorama total da humana personalidade e da nossa vida terrestre.*

Culpados ou inocentes, é indispensavel que dos males da nossa existência façamos um par de asas que nos elevem acima do mundo material e profano: é necessário que o sofrimento nos sirva como que de ferramenta para esculpirmos no bloco amorfo e bruto do nosso Eu a efígie da nossa verdadeira personalidade e da nossa grande dignidade em Cristo Jesús, o maior dos sofredores.

Não cremos que todo sofrimento tenha razão de débito, que seja necessariamente castigo por alguma culpa cometida ou herdada. Entretanto, é inegavel que a humanidade cristã do nosso século está imensamente endividada para com Deus e seu Messias enviado a este planeta. Até hoje, quase 2.000 anos após o advento do Cristo, apenas um quarto da humanidade chegou ao conhecimento do seu Evangelho, enquanto três quartos vivem ainda nas trevas do paganismo, longe daquele que é a "luz do mundo, o caminho, a verdade e a vida"...

E dos quinhentos milhões de cristãos, quantos vivem a sua fé? quantos fazem do credo da sua igreja o decálogo da sua atividade quotidiana? As igrejas cristãs perderam a maior parte da sua influência sobre a sociedade, porque, em vez de cultivarem o "espírito vivificante", discutem de preferência a "letra mortífera" da lei, e vivem a guerrear-se umas as outras, enquanto lá fora centenas de milhões de homens não encontram com que saciar a fome e a sêde de sua "alma naturalmente cristã". Continua a vigorar en-

tre os cristãos de hoje a infeliz ideologia dos Cruzados medievais que matavam a alma do Cristianismo, trucidando milhares de homens, afim de reconquistar o corpo morto de Cristo, ou antes, o sepulcro vazio desse corpo.

O Cristianismo é a religião do amor e da caridade — mas nunca se viu maior ódio do que o que os cristãos do século vinte exibem aos olhos do mundo inteiro.

Nunca teve o ocidente cristão tanta razão para rezar o confiteor das suas culpas como hoje.

Ora, toda culpa acarreta uma pena — é esta a inexoravel biologia do universo espiritual. Toda desordem tem de ser reintegrada na ordem por meio do sofrimento.

Se a desordem é prole dum gozo ilegal, só pode a ordem ser filha dum desgozo, dum sofrimento.

Se o prazer macula, a dor redime.

*

*   *

Entretanto, como diziamos, a finalidade da dor não se cifra nesse papel negativo, nesse pagamento de débito, nesse simples restabelecimento da ordem perturbada pela culpa. A dor tem tambem caráter de crédito, tem uma função nitidamente positiva e construtora — e é precisamente isto que dá conforto, coragem e serenidade a todo humano sofredor.

A dor, quando compreendida, é um poderoso fator de evolução rumo às alturas, é um veemente estímulo de progressiva espiritualização da vida.

Não afirmamos que a dor, considerada em si mesma, tenha caráter redentor, mas, sim, que Deus se serve do sofrimento para redimir o homem das suas misérias e imperfeições.

Não foi o sofrimento de Cristo que redimiu a humanidade — mas foi Jesús que, por meio do seu sofrimento, nos redimiu. E assim continua a ser através de todos os séculos: Deus redime o homem por meio da dor.

Não nos pode a redenção de Cristo libertar da geena de Satã se o homem não se libertar da irredenção do seu egoismo e orgulho, do inferno do seu ódio e da Sodoma da sua luxúria.

E' a dor, esse anjo de Deus vestido de crepe, que descerra ao homem cativo as portas do cárcere, para que entre no vasto e luminoso reino da liberdade dos filhos de Deus.

Esse emissário da Divindade, é certo, tem algo de funéreo, de noturno, de triste e lacrimoso — mas brilham-lhe nos olhos esperanças de felicidade e sorriem-lhe nos lábios alvoradas de vida imortal.

Ninguem pode amar o sofrimento por causa dele mesmo, assim como ninguem pode gozar o desgozo — mas o sofrimento, quando compreendido em sua suprema finalidade, pode ser tolerado com serenidade e até abraçado com amor.

Pode o homem, através de muitas lágrimas, chegar a encontrar mais profunda quietação espiritual na noite estrelada das suas dores do que no dia meridiano dos seus prazeres.

A treva é silenciosa e pressaga — mas no alto brilham os luzeiros de Deus, cujo silêncio diz mais ao homem espiritualizado pela dor do que todos os ruídos do dia profano.

Existe uma misteriosa alquimia que em ouro de lei converte todos os minérios, até a substância mais vil — e é do cadinho do sofrimento que o homem extrai esse metal precioso.

Quem vive o Evangelho de Cristo conhece o segrêdo dessa alquimia.

Se o homem moderno não sabe sofrer com serenidade é porque, quando muito, crê no Cristo do passado — mas não vive o Cristo do presente...

Não bastam herbários mortos nem palhas secas de humana teologia — são necessárias as "águas vivas" do Cristo que brotam dos rochedos vivos da eternidade e "jorram para a vida eterna"...

Companheiros de jornada e de destino, sigamos o Cristo, rumo ao Calvário — e rumo ao Tabor...

1. - Os olhos da esfinge

Refere a mitologia que, numa montanha, a meio caminho de Tebas, vivia um monstro singular que tinha corpo de leão e cabeça de homem. A todo viandante propunha ele misterioso enigma, e devorava sem piedade a quem não lhe soubesse solução.

Passou por lá o príncipe Édipo, que de pronto adivinhou o segrêdo da terrivel esfinge — ao que esta, furiosa, se precipitou ao mar.

O enigma da esfinge era o homem...

E, apesar da solução que todos os Édipos da história lhe teem dado, ou tentado dar, continua o homem a ser um grande enigma, semi-anjo e semi-animal — esse "desconhecido"...

E o centro desse enigma, o ponto mais obscuro dessa noite, o mais doloroso nervo dessa chaga viva é o problema do sofrimento.

Porque deve o homem sofrer?...

A história da humanidade é uma imensa cadeia de sofrimentos, de ordem física e moral.

E a vida de cada indivíduo, desde o berço até ao esquife — que é ela senão um elo nessa enorme corrente de dores?...

Cada um de nós é uma humanidade em miniatura, é uma síntese e recapitulação dos martírios do gênero humano.

Entrámos no mundo chorando — e sairemos do mundo gemendo...

E entre a lacrimosa alvorada do infante e o angustioso ocaso do moribundo — que é que vai entre esses dois polos extremos da nossa existência terrestre?

Dores e doenças, deficiências congênitas e lesões orgânicas, surdez e cegueira, mudez e deformidade corpórea, atrofia dos membros e cretinismo do cérebro — sofrimentos e males de toda a espécie.

E, após esta vanguarda dos males físicos, vem o corpo do exército, os sofrimentos morais, os males especificamente humanos — legião imensa, negra como o inferno de Satã, vasta como os horizontes do cosmos, terrivel como as mais dilacerantes agonias do espírito... Injustiças e crueldades de inimigos... Traições e perfídias de amigos... A boa fé iludida... As melhores intenções mal interpretadas... O amor vendido pelo interesse... A religião mercantilizada... O próprio Deus invocado como patrono da mais vil cobiça e exploração — todos esses esquadrões de Iscariotes e Calabares fazem do nosso pobre planeta uma geena de infelicidade...

E, mesmo que faltassem dores físicas e sofrimentos oriundos da sociedade, o próprio indivíduo é demônio de si mesmo e ergue o trono de lúcifer dentro do Eu... Vende a inteligência pelo estômago... Escraviza o espírito pela carne... Sacrifica tesouros eternos por um punhado de prazeres efêmeros... Faz duma vida destinada a ser jornada para as alturas uma dansa macabra rumo ao abismo.

Parece a criatura humana obsessionada por um espírito maligno, que a faz girar eternamente num deserto estéril — quando em derredor se alargam fecundos pomares...

*

* *

Compreende-se, em face disto, a frase cínica de Heine, que não sabe resolver, como diz, se este mundo é "hospital ou hospício".

Compreende-se o negro pessímismo de Schopenhauer, que considera a inexistência muito preferivel à existência.

Compreende-se que até um espírito nobre e lúcido como Sêneca tenha escrito a apoteose do suicídio, louvando a "sabedoria da natureza que abriu só uma entrada à vida, e muitas saídas; és feliz? — vive! és infeliz? — volta para donde vieste! ninguem é obrigado a ser infeliz".

Compreende-se o doloroso suspiro de um favorito da sorte como Salomão: "Vaidade das vaidades — e tudo é vaidade!"

Compreende-se essa pavorosa onda de desertores da vida que, sucumbindo à ofensiva das dores e desilusões, jogam fora as armas e, sem ordem de seu superior, abandonam covardemente o campo da luta.

Compreende-se a linguagem dos manicômios, essas tristíssimas necrópoles da inteligência humana, bem mais tristes que os cemitérios dos corpos, onde milhares de espíritos náufragos vegetam, inconcientes, semi-concientes, enchendo de gargalhadas imbecis a noite da sua imensa tristeza...

Compreende-se tambem esse cansado derrotismo que invadiu a alma de milhões de homens do presente século e nelas estratificou espessa camada de inconsolavel melancolia, quando não levanta montanhas de ódio e revolta contra o destino, contra a vida, contra a sociedade, contra Deus, contra si mesmos — contra tudo e contra todos...

Compreende-se, em face desse dilúvio de sofrimentos, que o homem moderno procure por todos os modos esquecer o que negar não pode, que tente narcotizar a sua alma infeliz com todos os entorpescentes das diversões, com todas as cocaínas da luxúria, com todas as morfinas de amores e aventuras eróticas, com todos os derivativos de interesses profanos, de gozos científicos, artísticos,

com toda a lufa-lufa comercial e industrial. Pois, uma vez que as dores existem, dizem eles, e nos agridem sem cessar, procuremos ao menos anestesiar o nosso Eu contra sua crudelíssima ofensiva.

Assim é que o homem moderno, incapaz de solucionar o enigma da lúgubre esfinge, resolveu fechar os olhos para não lhe ver as pupilas hirtas e repletas de mistério. Resolveu cloroformizar o espírito enfêrmo para não sentir a ferocidade dos dentes e das garras do implacavel monstro que acompanha e persegue a vida do humano viajor...

Uma vez que nem a filosofia de Aristóteles, nem o idealismo de Platão, nem o estoicismo de Sócrates valem sossegar as dúvidas atrozes do espírito pensante, refugiemo-nos, dizem eles, aos jardins floridos de Epicuro e aos lautos festins de Luculo! Procuremos ignorar o que não valemos negar nem remediar! Vegetemos e gozemos, uma vez que sem dores não podemos viver e pensar!

Assim procedem os que conhecem os males da vida, mas ignoram que atitude assumir em face deles. Os que ainda não descobriram o sentido e a verdadeira razão-de-ser do sofrimento.

Pois o remédio está nesta mesma compreensão.

Os que ainda hostilizam esse arauto de Deus como emissário de Satanás, sómente porque vem vestido das côres da noite — estes ainda não en-

traram no santuário dos iniciados, infelizes desses profanos.

Como se a noite não fosse uma noite estrelada, precursora de alvoradas!

Como se a noite não enchesse de maior claridade o espírito que todas as claridades do dia!...

Como se a noite não fosse de Deus!...

Do Deus do poder...

Do Deus da sabedoria...

Do Deus do amor...

2. - Porque sofre o inocente...

Encontramos nas venerandas páginas da Bíblia (1) a mais veemente revolta contra o sofrimento e um dos mais antigos tentames de solução do grande enigma.

"Vivia na terra de Hus um homem por nome Jó, que era irrepreensivel e homem de bem, que temia a Deus e evitava o mal. Tinha sete filhos e três filhas. Possuia 7.000 ovelhas, 3.000 camelos, 500 juntas de novilhos, 500 jumentas, além de numerosíssimos fâmulos. Era mais rico que todos os filhos do oriente".

Mas eis que desaba sobre esse homem piedoso e bom a mais tremenda catástrofe! Perde todos os seus haveres. Perecem-lhe todos os filhos. E ele mesmo se vê coberto de lepra, da cabeça aos pés. Ficou-lhe apenas, como desgraça viva e perene, a mulher insensata e descaridosa.

Sentou-se então o milionário, subitamente reduzido a mendigo, sobre um monturo e com o caco dum vaso partido — última relíquia da sua fortu-

---

(1) Livro de Jó.

na — raspava o pús que lhe corria das fétidas chagas.

E dizia Jó:

"Nú saí do seio de minha mãe...

Nú voltarei ao seio da terra...

O Senhor o deu...

O Senhor o tirou...

Bendito seja o nome do Senhor!"...

Quando os três amigos — Elifaz, Baldad e Sofar — ouviram da desgraça de Jó, resolveram de comum acordo visitá-lo e aliviá-lo na sua grande dôr.

Ao avistá-lo de longe, não o reconheceram. Consternados, rasgaram as suas vestes, cobriram a cabeça de cinzas e romperam em grandes prantos.

Depois, sentaram-se no chão, ao pé de Jó, e lá se deixaram ficar sete dias e sete noites, sem proferir palavra, porque viam que era indizível o sofrimento do amigo.

Finalmente, abriu Jó os lábios e, maldizendo o dia do seu nascimento, exclamou:

"Oxalá se extinguisse o dia em que nasci!...

E a noite em que foi dito: Eis um menino!...

Oh! esse dia!...

Ficasse ele em trevas sepulto!...

Nunca dele cuidasse Deus, lá encima!...

Nunca sobre ele brilhasse luz matutina!...

Que o suplantassem a noite e as sombras da morte!...

Que nuvens sinistras o envolvessem!...
Que a escuridão o tragasse em pleno dia!...
Oh! essa noite!...

Fosse ela presa de eterna calígem!...
Jamais se juntasse aos dias do ano!...
Jamais se computasse no número dos meses!...
Ficasse estéril — essa noite!...
Jamais nela ecoasse clamor jubiloso!...
Que em vão pela luz suspirasse!...
Jamais contemplasse da aurora as pálpebras!...
Ai! porque não fechou as portas do seio?
Porque não ocultou a meus olhos a aflição?
Porque não morri ao nascer?...

Porque não pereci ao sair das entranhas maternas?...

Porque sobre joelhos me acolheram?...
Porque os seios me deram a mamar?...
Se no túmulo jazesse, teria sossêgo...
Se logo morresse, estaria em paz...
Fosse como um aborto, que algures se enterra!
Fosse qual infante que nunca viu a luz!...
Porque se dá à luz o sofredor?...
Porque se empresta a vida ao padecente?...
Suspiram pela morte — e a morte não vem...
Buscam-na com afã, como se buscam tesouros...

Exultariam, cheios de júbilo, se o túmulo achassem...

Não tenho sossêgo...
Não tenho repouso...
Ignoro a paz"...

....

Em face de tamanho sofrimento, animou-se Elifaz a tentar uma explicação e disse:

"Considera! quando foi que pereceu um inocente?

Quando foram jamais exterminados os justos?

Quando foi que um homem teve razão contra Deus?

Quando um mortal contra aquele que o criou?...

Interveio Baldad dizendo:

"Será que o Onipotente adultera a justiça?

Não! entrega seus filhos à própria iniquidade, porque contra ele pecaram.

Se és puro e reto, implora misericórdia ao Onipotente.

E ele te restituirá a felicidade de outrora.

E mais bela que d'antes será tua sorte".

Acrescentou Sofar:

"Oxalá falasse o próprio Deus;

E verias que maior que o castigo é tua culpa!"

Neste sentido discutem, longas horas, os amigos de Jó, partindo sempre da suposição de que todo sofrimento é castigo de culpa e pecado; que ninguem sofre inocente; que o homem de bem recebe, já nesta vida, a recompensa pelo bem que praticou, ao passo que o mau receberá a paga das suas maldades.

Jó protesta a sua inocência. Mas os amigos lhe replicam que, conciente ou inconcientemente, existe na vida do sofredor alguma mancha enorme que com tão enormes martírios deva ser apagada.

A filosofia do livro Jó — como, aliás, quase toda a ideologia do Antigo Testamento — move-se essencialmente no plano da vida terrestre. Ainda não era chegado o tempo de se levantar o véu para compreender o definitivo restabelecimento do equilíbrio da justiça, num mundo futuro.

Não compreendiam os amigos de Jó que o sofrimento pudesse ter caráter *positivo,* de crédito, e não apenas índole *negativa,* de pagamento de débito.

A ideologia duma definitiva e integral retribuição no mundo futuro triunfou, quase em toda a linha, com o advento do Cristianismo — ao passo que a idéia unilateral e imperfeita de ser o sofrimento apenas castigo de culpa, persiste até hoje na mente de numerosos sofredores cristãos.

Tambem os apóstolos, antes de iluminados pelo Espírito do alto, professavam esta ideologia exclusiva do débito, tanto assim que, em face do cego de nascença, perguntam ao divino Mestre: "Quem foi que peçou para que este homem nascesse cego: ele ou seus pais?" Responde Jesús definindo nitidamente o conceito da filosofia cristã do sofrimento: "Nem ele nem seus pais pecaram para ele nascer cego; mas isto aconteceu para que se manifestasse a glória de Deus".

Esse homem não sofre para pagar algum débito, dele mesmo ou de outrem, mas para aumentar um crédito, a glória de Deus, a coisa mais real e positiva que imaginar se possa.

Tem se perguntado se Deus necessita ou se serve do humano sofrimento para manifestar a sua glória; se Ele, o Eterno, o Onipotente, o infinitamente Bom, faz sofrer suas criaturas com o fim de dar maior brilho e realce ao seu divino poder.

Seria absurdo e blasfemo supôr tal coisa. Deus não necessita de ninguem para manifestar as suas infinitas perfeições, e, sendo ele o Amor, não faria sofrer um ser racional com este fim.

Deus manifesta a sua glória através do sofrimento fazendo com que o homem se purifique, se aperfeiçoe, se espirtualize, se divinize cada vez mais. As perfeições de Deus não podem evoluir, porque são de grau infinito, desde toda a eternidade. Ainda que todos os mundos do universo,

todos os anjos e homens glorifiquem o Criador através de todos os séculos e milênios, não cresce por um átomo a glória intrínseca da Divindade; o que pode tomar incremento é apenas a sua glória externa, isto é, o conhecimento e louvor de Deus por parte da criatura racional.

Quanto mais o homem evolue, quanto mais realiza o seu verdadeiro Eu humano, quanto mais aperfeiçoa a sua íntima personalidade, tanto mais glorifica a Deus, assemelhando-se a Ele, segundo as palavras de Jesús: "Sede perfeitos, assim como é perfeito vosso Pai celeste".

O homem perfeito é o mais belo poema da Divindade, a mais deslumbrante apoteose de seu Autor.

E, no estágio atual da nossa evolução, é precisamente a dôr que, quando compreendida em sua alta finalidade, conduz o homem ao supremo grau de pureza e espiritualidade.

E' assim que Deus "manifesta" a sua glória através do sofrimento humano.

*
* *

Quando os amigos de Jó tinham esgotado os recursos da sua sabedoria, sem solver o tenebroso problema da dôr, mas complicando-o cada vez mais com os seus falsos postulados, interveio o próprio Deus e disse ao homem de Hus e a seus desastrados consoladores:

"Quem é esse homem que com palavras insensatas obscurece planos cheios de sabedoria? Levanta-se! arma-te! perguntar-te-ei — e dar-me-ás lições!... Ousarás condenar a justiça dos meus desígnios? condenar-me a mim para te justificares a ti mesmo?"...

Em seguida, enumera Deus todas as grandezas da sua criação, desde as maravilhas do mundo sideral até aos prodígios de força e beleza que povoam a terra, e faz sentir a Jó a sua própria miséria e insignificância. O que o apóstolo Paulo, mais tarde, escreveu sobre o absoluto e inconteste direito que o oleiro tem sobre o vaso de barro que formou, isto faz Deus sentir em cheio ao homem justo e reto de Hus, reduzido àquela extrema miséria. Porque sofria Jó? Não porque tivesse pecado, mas porque o divino Artífice tem o direito de fazer do seu artefato o que lhe aprouver. Pode dar-lhe forma perfeita ou imperfeita como quiser. Pode orná-lo de belos desenhos, ou deixá-lo sem ornato algum. Pode destiná-lo a fins honrosos ou a uso ordinário. Pode tambem quebrar o vaso de argila, partí-lo ao meio, reduzí-lo a mil fragmentos, a pó, se quiser — sem que ao barro assista o direito de se queixar desse trato, uma vez que o vaso, quer em sua matéria-prima, quer em sua forma, é absoluta e incondicional propriedade de seu dono e autor.

Reconhece Jó a grandeza de Deus e a humana pequenez, e exclama:

"Agora reconheço, Senhor, que tudo podes!
Só de ouvir-dizer te conhecia eu —
Agora te conheço de vista...
Por isto, revogo!
Arrependo-me!
Eu — cinza e pó!"...

E, no momento em que Jó reconhece e confessa que Deus pode fazer do homem o que entender, cede a tensão do problema, termina o drama dos conflitos, está solucionado o enigma do sofrimento, e, de acordo com a ideologia da época, é o sofredor inocente reintegrado em todos os seus direitos: recupera saude perfeita e são lhe restituidos duplamente os haveres que perdera.

Assim devia necessariamente rematar a tragédia das dores, à luz da Tora — como não teria terminado à luz do Evangelho...

Tal era a solução que então se sabia dar ao tenebroso enigma do sofrimento humano, sobretudo às dores do inocente.

Deus tem o direito...

Deus o quer...

Só cumpre ao homem calar e submeter-se...

Solução verdadeira e certa — mas ainda incompleta...

3. - Razão e origem do sofrimento

Quem vê em todo sofrimento uma razão de débito a pagar, não pode deixar de investigar a origem dessa dívida.

Débito *contraído,* ou débito *herdado* — difícil conceber outra espécie de dívida.

Se eu mesmo contraí um débito moral, justo é que o solva, seja agora, seja mais tarde.

Pelo pecado perturbei o equilíbrio da ordem moral — pela pena, pela dor física ou moral, restabeleço esse equilíbrio.

Sendo que a culpa nasce quase sempre dum gozo ilícito — só pode a destruição da culpa nascer dum des-gozo, dum sofrimento.

Se o gozo mancha — a dôr purifica.

Cristo não redimiu o mundo pelo gozo, por mais puro que este gozo fosse em sua pessoa — redimiu o mundo pela dôr, como que a insinuar que toda a redenção é condicionada ao sofrimento, que toda a purificação moral é fruto de alguma dôr. "Sem efusão de sangue não há redenção", escreve São Paulo.

*

* *

Bem mais obscuro e difícil se torna o problema quando se trata de sofrimentos infligidos por culpa não cometida conciente e pessoalmente — por alguma culpa inconciente ou alheia. Revolta-se o sentimento natural contra essa "injustiça".

Ensina a teologia cristã que o homem — prescindindo de pecados pessoais — sofre, de preferência, pelo pecado de Adão, representante oficial e universal do gênero humano. Pecou toda a humanidade na pessoa de Adão. Não pecou a pessoa de cada homem individualmente, mas pecou a natureza humana representada no Eden, por seu protoparente. Não pecou esta onda do mar, por assim, mas pecou a água do mar, que se acha contida, parcialmente, nesta pequenina onda da minha personalidade. E, porque se turvou o oceano e a primeira fonte das suas águas, por isso sofrem todas as ondas e todas as gotas do mar humano essa mesma turbidez inicial.

Paga, pois, cada homem individualmente o débito coletivo da humanidade. Paga cada filho uma parcela da grande dívida que seu primeiro pai lhe legou.

Veio o Redentor e pagou o débito moral, a culpa da humanidade — mas não cancelou o débito físico, a pena temporal, o sofrimento humano.

Por isso, diz a teologia cristã, deve cada um dos filhos de Adão solver o débito de seu ascendente, sofrendo.

Não satisfeitos com esta solução, e até escandalizados com semelhante "injustiça", como lhe chamam, recorrem outros a diferentes tentativas de solução.

Sofremos, dizem eles, na vida presente pelos pecados que cometemos em existências anteriores. Percorre o homem diversas existências e metamorfoses, e em cada um destes períodos evolutivos deve subir alguns graus na escala ascensional do seu aperfeiçoamento. O homem que deixa uma existência manchado de culpas e imperfeições morais, deve, na próxima reincarnação, aqui ou em outro planeta, ou no espaço, cancelar por meio de sofrimentos essas nódoas do seu espírito.

Não é intenção nossa decidir o pleito e dizer onde está a razão e a verdade — tanto mais que, como diz santo Agostinho, há em todo o erro uma verdade oculta, como também há, quase sempre, um erro em toda a verdade humana. Qualquer solução que déssemos, sempre deixaria margem para outras soluções possiveis e provaveis.

Entretanto, parece-nos solução por demais precária e incompleta:

1 — localizar o ponto central do problema do sofrimento fora da vida atual;

2 — culpar como principal responsavel pelas dores da vida humana pessoa diferente da do sofredor;

3 — fazer consistir a principal razão-de-ser do sofrimento num elemento puramente negativo, como é a expiação duma culpa.

Sem querermos rejeitar de todo as hipóteses acima indicadas, julgamo-las insuficientes para uma solução mais ou menos satisfatória.

Antes de tudo, é necessário fazer consistir a razão do sofrimento humano em algo de positivo, sob pena de entrarmos em conflito com todo o resto da Natureza. Pois é certo que o homem, como parte integrante dos seres vivos e elo na imensa cadeia evolutiva do mundo, não ocupa lugar à parte, fora das realidades biológicas que o circundam. Por mais que elevemos o homem, por mais que defendamos a sua origem superior e sua natureza racional, é certo que, no plano da biologia, não o podemos isolar como um bloco errático no meio de vasta planície. A biologia das suas dores, embora humanizadas pelo espírito, não deixará nunca de ter estreita afinidade genésica com o sofrimento dos outros sêres vivos que povoam a face da terra.

Ora, em todos os sêres vivos, a dor é, antes de tudo, um fator de evolução ascensional, e, por isso mesmo, algo de eminentemente *positivo*, um elemento nitidamente *construtor*, no vasto cenário da Natureza animada.

Uma vez admitido este caráter positivo e construtor do sofrimento, e dada a sua tendência es-

sencialmente *evolutiva* e *prospectiva* — porque ainda recorrer a explicações de caráter meramente negativo e retrospectivo? Porque responsabilizar pelo sofrimento apenas o passado, e não também o presente e o futuro? Porque perguntar sempre: "Que fizeste, ó homem, para assim sofreres?" e não antes: "Que fará de ti o sofrimento?"...

Uma vez que a dôr é um elemento positivo e construtor, é certo que, quando compreendida, em vez de arrasar, há de edificar algo dentro da vida humana.

Não negamos com isto que o sofrimento possa ter também caráter de "pagamento de débito", caráter purificador de culpas próprias e até alheias — mas não podemos limitar a isto a sua missão peculiar.

E é imensamente grande e positiva a missão que o sofrimento tem na vida de todo o homem e da humanidade.

4. - A biologia da dôr

Todo o ser vivo, ao menos no presente estágio, se acha sujeito ao sofrimento. E' lei da natureza.

A função biológica da dor é da mais alta relevância, porque está a serviço da conservação e evolução do indivíduo e da espécie. Sendo o ser vivo um conjunto de elementos de cuja harmonia funcional depende a vida e atividade vital, deve o indivíduo zelar solicitamente pela existência e integridade de cada um desses fatores. Para conseguir que o ser vivo cuide eficazmente da existência e integridade dos seus elementos constitutivos é que a Natureza, sempre admiravel em suas leis, o dotou da faculdade de sentir dôr e prazer, sendo aquela uma advertência de perigo iminente, e este um atestado de funcionamento normal.

Entretanto, nem a dor nem o prazer limitam a sua missão à simples conservação do indivíduo. Vão além, e, uma vez que a conservação do indivíduo por maior lapso de tempo não é possivel sem a perpetuação da espécie, desempenham a dôr e o prazer importantíssimo papel na reprodução biológica do ser. Se assim não fosse, não tar-

daria a vida da espécie a extinguir-se sobre a face da terra com a extinção do indivíduo:

Toda a lesão orgânica, toda a afecção mórbida, a sêde, a fome, a fadiga, provocam no indivíduo uma espécie de dôr, impelindo-o a libertar-se do desagradavel dessa sensação e contribuindo assim para a existência, saude e integridade do ser.

Assim é que, em todo o âmbito da natureza viva, a dôr não é um fim, mas tão sómente um meio para atingir um fim superior — como também o prazer tem por fim a consecução dum determinado objetivo considerado pelas leis naturais como necessário ou conveniente.

Nenhum organismo repararia prontamente as lesões sofridas, se com o ferimento não experimentasse tal ou qual sensação de dôr. Pode esta sensação ser nitidamente conciente nos sêres superiores, ao passo que nos organismos inferiores é, talvez, semi-conciente ou sub-conciente, segundo o grau que cada ser ocupa na escala hierárquica da vida. Pode percorrer toda a escala das dôres, desde a mais intensa até à mais fraca e diluida; mas, de algum modo, ela existe e impele o indivíduo a cuidar de si mesmo.

Por onde se vê que, mesmo no plano mais primitivo, o sofrimento tem uma função essencialmente positiva, benéfica, salvífica, construtora. Não existe em todo o universo dos sêres vivos

uma dôr de caráter e finalidade negativos, destruidores ou simplesmente passivos.

Toda dôr é uma afirmação — e não uma negação.

Toda dôr está a serviço da vida — e não da morte.

Toda dôr é inimiga da estagnação e do regresso — e amiga da evolução e do aperfeiçoamento.

Toda dôr é construtora — e não demolidora.

O escopo de toda dôr é, em última análise, o prazer, porque este é índice de saude e integridade vital.

Dôr e prazer são irmãos, e, por mais diversos que pareçam, teem a mesma natureza e a mesma missão a cumprir, missão nobre, positiva, sublime: a defesa da vida em todas as suas formas e manifestações. A dôr é a poderosa vanguarda da vida, a vigilante atalaia do mais grandioso fenômeno que sôbre este planeta apareceu.

Impossivel seria, não sómente a conservação da vida, senão também a evolução da mesma, nos vastos domínios da flora e fauna, se lhe faltassem esses dois fatores: a dôr e o prazer. São os dois polos sôbre os quais gira toda essa deslumbrante epopéia evolutiva que abrange milhares de séculos e de milênios. A paleontologia descobriu fósseis nas estratificações geológicas dos períodos siluriano e cambriano, que remontam a uns setecen-

tos milhões de anos antes da nossa éra. Já nesses tempos pre-históricos existiam, portanto, sêres orgânicos: moluscos, trilobitas, corais; e já nessas épocas obscuras imperavam sôbre a face da terra esses soberanos da evolução: a dôr e o prazer. Nunca teriam os tempos subsequentes do Trias, Jura e Creta — uns trezentos milhões de anos antes da nossa éra — visto os gigantescos sáurios de 25 metros de comprimento e 40 toneladas de peso; nunca teria o período Terciário — cêrca de duzentos milhões de anos antes do nosso tempo — produzido essa imensa variedade de peixes, répteis, aves e mamíferos, se não imperassem sôbre a terra a dôr e o seu sorridente irmão, o prazer.

Nunca teria o microscópico protozoário unicelular saído do nível primitivo da sua extrema simplicidade, se não fôra capaz de sentir algo de agradavel e desagradavel dentro da gotinha incolor de protoplasma que lhe constitue o corpo gelatinoso.

Nem jamais teria ao mundo dos peixes e répteis sucedido o das voláteis e dos quadrúpedes, se na criação de orgãos locomotores mais perfeitos não houvesse alguma sensação de prazer suplantando o desprazer.

Sôbre as asas noturnas da dôr e as asas diurnas do prazer se processa toda a evolução do mundo orgânico.

*

*   *

A biologia é, no fundo, uma só para todos os seres vivos, sem excetuar o próprio mundo intelectual e espiritual. Nenhum ser atinge a plenitude da sua evolução senão através das vicissitudes acerbas e deliciosas desses dois fatores de toda a vida.

Indivíduo que nunca se visse agredido pelo sofrimento, que não fosse obrigado a se defender contra algum inimigo, não sairia jamais da planície da sua primitiva mediocridade e imperfeição. Assim como a corrente elétrica só faz encandescer o fio metálico quando este, devido à sua estreiteza, lhe oferece notavel resistência, ao passo que o percorre sem luminosidade alguma quando a ponte metálica é por demais larga e cômoda, assim também nenhum ser aperfeiçoa as suas aptidões e qualidades dormentes quando a vida lhe corre por demais agradavel e facil.

A maior desgraça para qualquer ser vivo, racional ou irracional, é não ter inimigos, não encontrar dificuldades a vencer, não ter de lutar contra potências adversas.

"Amar os inimigos", não é apenas preceito da ética cristã, é também um postulado fundamental da biologia natural, porque os nossos "inimigos" nos são, geralmente, amigos mais verdadeiros do que todos os que nos louvam e adulam, oportuna e inoportunamente. Se nos faltassem esses "queridos inimigos", esses "inimigos amigos", seria a nos-

sa vida uma triste estagnação, em vez duma jubilosa evolução.

Toda a evolução do universo é resultado dessa bendita "inimizade", dessa luta perene contra potências adversas, dessa necessidade que a vida tem de se afirmar contra poderosos concurrentes e forças alheias.

Se Darwin afirma que toda evolução é *struggle for life* (luta pela vida), enuncia, certamente, uma grande verdade, porém uma verdade parcial. A luta do ser vivo não gira simplesmente em torno da questão primitiva de "ser ou não-ser", de "viver ou morrer", mas é, acima de tudo, uma questão de evoluir, de "ser-melhor", de "viver mais amplamente". Para conservar e transmitir a simples e desnuda existência não teria o ser vivo mister essa luta ingente de todos os dias, de todos os séculos e milênios. Mas o que ele quer, concientemente ou inconcientemente, é conquistar uma existência melhor, uma vida mais plena, o desdobramento cabal de todas as potências latentes dentro de sua natureza específica. Daí o trabalho, a luta, o sofrimento, em linha ascensional.

A evolução é, pois, no seu ponto culminante e mais característico, uma luta pró-aperfeiçoamento, um drama milenar pela perfeição integral do ser.

Verdade é que muitos sêres sucumbem nessa luta pela vida e pela perfeição; mas os fortes se tornam mais fortes, e dos mais fortes se originam

os fortíssimos, os invenciveis, os que lançam pontes sôbre abismos e conduzem o mundo de perfeição em perfeição, consoante a vontade de seu divino Autor e Legislador.

Sêde perfeitos! — é a senha dos sêres em evolução.

*

* *

Se em todos os setores do universo a dôr é fator de vida, progresso e aperfeiçoamento, seria paradoxal admitir que na esfera superior da vida racional e espiritual houvesse exceção da regra.

Se, desde o protozoário unicelular até ao mamífero, com seus bilhões de células, a dôr é necessária para que assim o ser vivo "entre em sua glória" — não é possivel que na vida humana tenha o sofrimento outra finalidade e razão de ser senão esta mesma: de fazer com que o homem "entre em sua glória", como dizia aquele que mais do que ninguem sofreu e melhor do que nós conhece a missão do sofrimento aqui no mundo.

Deus não se contradiz em suas obras. O que nos disse através desses milhões de séculos de evolução orgânica, isto mesmo nos diz também pela razão humana e pelos lábios de seu Filho: que todo o ser susceptivel de aperfeiçoamento deve as-

cender ao cume da perfeição lutando e sofrendo — até atingir a plenitude da sua "glória".

Sofre o homem porque não é perfeito — porém perfectivel.

O sofrimento, de perfectivel, o torna perfeito.

5. - Polaridade

Onde quer que exista polaridade alí existe possibilidade de progresso, evolução, aperfeiçoamento. E, quanto maior a distância e a tensão dinâmica entre os polos, tanto maior o potencial de evolução e perfectibilidade.

Só um ser de infinita perfeição não tem polaridade, porque nele se acham atualizadas todas as potências. Nele, portanto, não há luta e conflito entre a *realidade* e a *possibilidade,* entre o *ser* e o *poder ser,* entre o *termo* e o *caminho* da jornada.

Conflito também não existe no ser de absoluta imperfeição, num ser cujos polos se achem no nível zero — se é que tal ser pode existir. No caso, porém, que exista, acha-se ele em estado de absoluta inércia, num eterno equilíbrio passivo consigo mesmo, sempre quite com todos os seus débitos, porque ele mesmo é um enorme débito negativo, uma nulidade dinâmica. Num ser assim, não há "potência que tenda ao ato", porque não há ato, e ele mesmo é uma universal impotência.

Também no ser infinitamente perfeito reina paz, paz eterna e absoluta — mas é uma paz dinâmica, uma paz ativa e positiva, e não uma paz passi-

va e negativa, como no ser infinitamente imperfeito.

Este não evolue, por absoluta impotência — aquele não evolue, por absoluta potência e onipotência.

Aquele não progride, porque, em virtude da sua própria essência, coincidem todas as suas possibilidades com a grande realidade, que é ele mesmo, "actus purus", como dizem os filósofos. Nele está realizado, desde a eternidade, tudo o que havia de "realizavel".

O ser imperfeitíssimo não progride porque não há em sua natureza a menor possibilidade evolutiva, nada fora do seu grande zero em imovel estagnação.

O ser perfeitíssimo não progride porque ele é a plenitude de todo o progresso, ele é o Tudo, e por isso nada mais pode receber que não possua.

Entretanto, todos os sêres que se acham localizados entre esses dois polos extremos, entre o *não* absoluto e o *sim* infinito, estão em vias de evolução, ao menos no presente estágio acessivel ao nosso conhecimento. E' toda evolução diz luta, conflito, sofrimento. E, quanto mais alto se acha um ser na escala biológica das entidades, tanto maior é a polaridade e a tensão dinâmica entre os dois extremos, entre o *real* e o *possivel*, entre o *hoje* e o *amanhã* da sua perfectibilidade. E, en-

quanto não coincidirem esses dois polos, haverá polaridade, tensão, luta, sofrimento.

Aqui na terra é o homem o ser de mais vasta polaridade — e, por isso mesmo, o maior sofredor. E, quanto maior se tornar essa polaridade pela intensificação da sua conciência, maior será o seu sofrimento.

Viver é evoluir...

Evoluir é lutar...

Lutar é sofrer...

Por isto, o nosso sofrimento é a nossa glória.

"E' necessário que o homem sofra tudo isto — para assim entrar em sua glória"...

6. - Entre dois mundos

A polaridade dos sêres — a distância entre o que *são* e o que *podem ser* — é a bitola da sua evolução, da sua luta, do seu sofrimento.

No homem é extraordinária essa polaridade, dada a sua natureza composta de elementos díspares que reclamam harmonização. Do mundo espiritual tem ele a alma e as potências superiores, inteligência e vontade — do mundo material tem ele o corpo com todos os órgãos e instintos próprios dos sêres irracionais.

Com esta dualidade de elementos constitutivos está aberta a porta para os mais trágicos conflitos e o mais profundo sofrimento. De per si, seria possível perfeita harmonia entre a matéria e o espírito, porque assás poderoso é o Autor da natureza para fazer dessas duas antíteses uma maravilhosa síntese, e pintar com as tintas claras e escuras dos dois mundos um quadro cheio de beleza e harmonia. E assim o quis, de fato, o Eterno — e assim o quer ainda hoje: a natureza humana, composta de elementos díspares há de ser um poema cheio de ordem e encanto, mais belo, em certo sentido, que o próprio mundo dos puros

espíritos. E' certo que há maior perfeição ontológica e metafísica no mundo dos anjos — mas o mundo dos homens é o mundo da poesia e da graça, o mundo dos contrastes e dos cambiantes, o mundo onde os arco-iris do sorriso brilham através de lágrimas de dôres — todo este mundo de estranha magia nasce essencialmente da fusão de dois elementos heterogêneos sabiamente sintonizados numa grande unidade. Poesia só existe na zona crepuscular onde se dão as mãos o espírito e a matéria, onde se abraçam os gênios das alturas e das profundezas, onde se diluem, num indefinivel jogo de côres e cambiantes, as luzes do céu e as sombras da terra...

E esta zona da poesia é a humanidade.

Podia a natureza humana conservar o maravilhoso equilíbrio dinâmico que lhe dera o divino Autor, subordinando o criado ao incriado, a matéria ao espírito.

Era isto possivel, em tese.

Entretanto, em face da liberdade que Deus outorgou ao homem, era possível também o contrário: o desequilíbrio dos fatores componentes e a subsequente luta dentro da própria natureza humana.

Com o livre arbítrio, inerente a todo o ser racional, estava aberta a porta para uma ilimitada polarização do ser humano, para um conflito de gigantescas proporções — para um paraiso imen-

so de beatitude e para um inferno sinistro de sofrimentos.

Com a sublevação do servo contra o senhor nasceu a revolta da matéria contra o espírito — dois conflitos que determinam a história da humanidade.

Autonomia versus autoridade!

Matéria versus espírito!

Assim como, no terreno da biologia física, o deslocamento dum membro ou a adulteração funcional dum órgão provocam invariavelmente uma sensação de dôr ou mal-estar orgânico, assim também produz toda a adulteração da biologia espiritual, como fenômeno concomitante, um desprazer moral, um sofrimento, um martírio da alma.

E, em vista da estreita união vital entre corpo e alma, essa desharmonia espiritual acaba fatalmente por se refletir, cedo ou tarde, sôbre os órgãos mais sensiveis do corpo assim intoxicado por "indução", se assim se pode dizer, envenenando aos poucos toda a vida humana.

Sabemos que o espírito, desde o momento da conceição, constróe o seu corpo, a começar pela fusão de duas células até essa maravilha dos tecidos orgânicos, complicadíssima arquitetura de milhões de células. Mas esse mesmo arquiteto construtor destróe também o corpo que edificou, se o construtor se desharmonizar em suas funções superiores. A saude da alma preludia, inúmeras ve-

zes, a saude do corpo — assim como a enfermidade da alma provoca, não raro, a enfermidade do corpo. E' certo que para essa saude ou enfermidade corporal concorrem também fatores externos; mas o fator interno é de máxima importância.

Grande número dos nossos males físicos tem origem metafísica. Definha o corpo porque a alma está desharmonizada, sobretudo quando o organismo possue uma contextura delicada, vibrátil, éco e instrumento dócil de todas as vozes do espírito. Não são apenas o manicônio ou o posto de psicopatas que atestam o influxo deletério do espírito sôbre o corpo — é quase toda a história da humanidade, através das noites e dos dias da sua epopéia evolutiva.

Não houvesse desharmonia entre o espírito finito e o Espírito Infinito, não haveria, certamente, tão vasta dissonância entre o corpo e a alma — e estaria eliminada uma das principais fontes dos sofrimentos da humanidade.

E, como a humanidade é um todo, uma imensa cadeia de causas e efeitos, são os males transmitidos de geração em geração.

Todo homem é uma espécie de sintese e recapitulação da humanidade. Nas células germinais que deram existência ao nosso ser dormitavam potências sinistras de séculos e milênios pretéritos — como também potências luminosas dos sêres humanos que nos precederam. Culpamos a Deus

pelos males que sofremos, quando, na maior parte dos casos, deveríamos culpar a nós mesmos, seja na pessoa do próprio Eu, seja na pessoa dos nossos ancestrais. Pagamos o débito que contraimos por culpa própria — e pagamos o débito daqueles de que herdamos também o crédito do nosso ser com todas as suas boas qualidades. O simples fato de existirmos prova que esses milhares de élos da cadeia genealógica que nos precederam e nos deram o ser, sustentaram vitoriosamente a luta milenar da existência, tanto assim que levaram até nós, através da arriscada olimpíada da história, a chama ardente da vida e um determinado *quantum* de crédito ativo, para a continuação dessa mesma luta. Este simples fato de existirmos e vivermos equivale a uma grande probabilidade a favor da nossa vitória final e duma ulterior evolução, por entre as ofensivas da direita e da esquerda.

Ora, uma vez que o homem, composto de matéria e espírito, é livre, pode subir a todas as alturas e descer a todos os abismos do universo. Tem nas mãos as chaves do céu e do inferno, também para a vida presente.

Podia Deus criar um ser que não tivesse nas mãos essas chaves — mas, neste caso, devia deixar de criar o homem. Devia criar uma pedra.

Todo o homem, para ser homem — ao menos no atual período da sua evolução — é susceptivel de sofrimento e de prazer. Esta faculdade inere à sua própria natureza humana e racional. Quem quiser libertar-se da dor deve, antes de tudo, libertar-se da natureza humana — deshumanizar-se...

Se, portanto, perguntássemos a Deus: Porque permites o sofrimento humano? ele só nos responderia: Porque permito que sejas homem.

Se, como refere o Gênesis, o homem do paraiso estava isento de sofrimentos, não era isto um estado natural, mas um especial privilégio de Deus que preservava o homem daquilo que lhe é conatural. Deixada a si mesma, é a natureza humana necessariamente sofredora, como sofredor é todo o ser vivo em evolução.

Sofre o homem porque está suspenso entre dois mundos...

Sofre para se distanciar do mundo da matéria e aproximar-se do mundo do espírito.

Para "entrar em sua glória"...

7. - A verdadeira perspectiva

Uma vez destruida, pelo abuso da liberdade, a harmonia entre o finito e o Infinito, desharmonizou-se também a reta ordem entre a matéria e o espírito — e entrou o sofrimento humano na fase da sua maior acerbidade.

São fenômenos correlativos.

Se pelo prazer indébito foi destruida a harmonia, só pode ela ser restabelecida pelo des-prazer, pela dôr.

Se pelo gozo foi a humanidade lançada ao cáos — só pelo des-gozo, pelo sofrimento, pode ela ser libertada desse cáos da desordem e reintegrada no cosmos da ordem.

Se, segundo a Bíblia, o gozo e a dôr são fatores de perdição e de redenção coletiva, na pessoa de Adão e de Cristo — porque deixariam de ser elementos de perdição e de redenção individual?

De fato, quase toda queda moral é proveniente de algum gozo indébito — assim como toda a ressurreição espiritual supõe sempre alguma dôr.

Se ao estonteado carnaval do prazer segue uma quaresma de luto — à sangrenta sexta-feira do so-

frimento há de necessariamente suceder uma páscoa de aleluia.

Entretanto, esta filosofia só tem valor real à luz da verdadeira perspectiva em face da vida humana. Quem considera a vida terrestre como algo de definitivo, como um fim, e não como um meio; como um termo, e não como uma jornada — este cairá de decepção em decepção e não sairá jamais do mar negro do seu pessimismo e da revolta íntima contra o sofrimento. A culpa não cabe ao sofrimento — cabe à falsa perspectiva que esse sofredor assume em face das dôres e em face da própria razão-de-ser da vida terrestre.

Aqui, como aliás em todos os pontos, só a ontologia e metafísica das supremas realidades objetivas podem servir de normas e diretrizes à vida moral do homem. Quem prescinde da suprema realidade, que não depende do seu querer ou não-querer, nem do seu entender ou não-entender; quem inventa arbitrariamente uma ordem subjetiva, para seu uso e abuso pessoal e interno — esse homem não deve atribuir a Deus ou à Natureza a culpa dos males que sofre, mas, sim, a si mesmo, à sua desastrada filosofia.

E' sabido que a mais perfeita obra-prima de pintura ou escultura pode aparecer como horripilante caricatura e monstruosidade quando contemplada de certo ângulo visual, duma perspectiva falsa ou com uma iluminação contrafeita. O que

o espectador, num caso desses, deve fazer não é corrigir a suposta imperfeição da obra d'arte, mas retificar a sua posição e atitude em face da mesma, afim de obter a verdadeira perspectiva e poder com justeza avaliar a obra.

Assim, a solução do problema da dor só será possivel na suposição fundamental duma verdadeira e correta atitude e perspectiva em face da suprema realidade ontológica, que não depende do homem. Só à luz da metafísica eterna será suportavel a física efêmera da vida humana.

A solução do problema do sofrimento não consiste, nem poderá consistir jamais na eliminação das dôres como parte integrante da vida humana, nem mesmo na diminuição real dos sofrimentos, objetivamente considerados. O acervo das dôres será sempre igual, nem será possível, com todos os expedientes da nossa cultura, filosofia ou teologia, reduzí-lo, diminuir-lhe a quantidade ou qualidade. Pelo contrário, parece até que os sofrimentos da vida aumentam e se intensificam na razão direta do progresso da nossa cultura. O homem culto do século vinte sofre mais, parece, que o homem menos culto do primeiro século da nossa cronologia, ou os nossos ancestrais dos tempos pre-históricos.

De maneira que a solução do problema do sofrimento não pode de forma alguma consistir na abolição ou diminuição objetiva das dores. Só po-

derá consistir numa reta atitude e numa compreensão sensata deste inevitavel fenômêno. Será esta compreensão o carinhoso samaritano que virá pensar as chagas do humano viajor à beira da estrada; caberá ao espírito essa missão de médico e enfermeiro dos nossos sofrimentos.

O menor dos sofrimentos, quando incompreendido ou descompreendido, pode ser um inferno — e a mais atroz das dores físicas ou morais pode ser apenas um suave e benéfico purgatório, quando iluminada pela luz matinal duma grande compreensão. A própria morte, esse pavoroso espetro do homem profano, pode tornar-se um anjo consolador, quando contemplada à luz divina do nosso Getsêmane...

O homem que tem a compreensão nítida e a convicção profunda de que o sofrimento é para ele, além dum banho purificador de nódoas, também um fator positivo de enriquecimento espiritual, não um carrasco feroz, mas um libertador do cárcere da matéria — esse homem pode sofrer com serenidade os martírios da vida. O "escândalo da cruz", que leva milhões de homens à descrença, ao pessimismo e ao desespêro, é fruto dum grosseiro materialismo, infelizmente triunfante em todas as frentes da vida moderna. De fato, a vida presente só é toleravel à luz estelar do Getsêmane ou à luz solar do Gólgota. No dia e na hora em que o homem perder a verdadeira perspectiva da vida,

que só o Cristianismo pode dar integralmente, começa a sua vida a ser um inferno.

O Evangelho, chave do Cristianismo, é um livro fechado e ignoto para uma enorme porcentagem dos chamados cristãos dos nossos dias. Conhecem todos os pretensos "analgésicos" da humana sabedoria; recorrem a todas as "injeções", lançam mão de todos os "narcóticos e entorpescentes" que os homens inventaram no decorrer dos séculos para aliviar ou esquecer as dôres da vida — mas ignoram que o único remédio aos inevitaveis sofrimentos da vida é o Evangelho, porque só ele nos dá a verdadeira, firme, correta e persistente atitude em face da vida — e é nesta atitude que consiste todo o segrêdo da paciência, da resignação, da serenidade e até da alegria no meio dos martírios do corpo e dos tormentos da alma.

"Transbordo de júbilo no meio de todas as minhas tribulações" — exclama um dos maiores sofredores da humanidade.

E porque podia São Paulo lançar este brado de júbilo em pleno Calvário da vida? Porque podia com verdade e sinceridade afirmar: "O Evangelho é minha glória — e minha vida é o Cristo!"...

8. - O exército dos estóicos

Podemos dividir em três grupos a legião imensa dos humanos sofredores: a vanguarda dos regenerados, a retaguarda dos revoltados e o corpo do exército dos estóicos.

Comecemos pelo grupo maior, que é o último.

A filosofia pagã da Grécia ocupou-se tão intensamente com o problema da dôr como a teologia mística da Índia. E tanto esta como aquela chegaram à mesma conclusão: o *estoicismo,* o *nirvana* — duas palavras que, no fundo, dizem o mesmo.

Ensinam esses sábios que a melhor solução do problema do sofrimento, e, portanto, da vida humana, está numa completa e universal indiferença, numa espécie de equilíbrio da alma, numa voluntária extinção de todas as potêcncias ativas do nosso ser.

O homem deve conquistar e manter absoluta neutralidade psíquica em face da dôr e do prazer.

Deve receber com a mesma calma e frieza glacial o agradavel como o desagradavel.

Deve insensibilizar o próprio Eu e como que auto-sugestionar o corpo e a alma ao ponto de já não perceber a diferença entre o sofrimento e o gozo.

Deve aprender a arte de ser pedra inerte, bloco de gêlo, cadáver ambulante, indiferença absoluta.

Deve saber banir do semblante todo e qualquer sorriso de satisfação e desterrar dos olhos toda e qualquer lágrima de dôr.

Não deve inquirir, com o poeta, porque o homem tem apenas uma fonte para o sorriso, e duas fontes para a tristeza: deve saber fechar, como os estóicos de Hélade, as fontes das lágrimas, e deve, como o asceta da Índia, barrar a fonte do sorriso com o gêlo da mais absoluta neutralidade...

Deve saber contemplar os horizontes claros e escuros da vida com os olhos hirtos, impassiveis e vácuos da esfinge de Gizeh, petrificada no deserto imenso numa atitude de total insensibilidade e num gesto de completa neutralidade psíquica.

E' esta também, em última análise, a quintessência da ética de Buda, que encontra na suprema apatia do nirvana o paraiso da humana felicidade.

Para além dessa "beatitude negativa", não conseguiram remontar as águias da filosofia e da teologia do paganismo. Para tão arrojado surto só teria asas bastante vigorosas o Nume divino do Verbo que a princípio estava com Deus e que era o próprio Deus...

*

*   *

Pode-se dizer que a imensa maioria da humanidade professa, conciente ou inconcientemente, a ideologia estóico-brâmane. Centenas de milhões de homens, dentre esses quase dois bilhões que habitam a face da terra, sem excetuar os quinhentos milhões de cristãos, muitos deles só conhecem uma resignação passiva sob a pesada mole das dôres que lhes caiu no meio do caminho da vida. Não revoltar-se contra o sofrimento, é a perfeição máxima a que chega a maior parte dos homens. Calar-se, emudecer como Jó, em face do incompreensivel e inevitavel — é nesta escola primária do espírito que vive a maior parte dos sofredores. Poucos chegam a ingressar na academia do Sermão da Montanha: "Bem-aventurados sois vós quando vos perseguirem e caluniarem e disserem de vós todo o mal por minha causa; alegrai-vos e exultai!"...

Ainda bem quando esses estóicos, do grosso do exército dos crucíferos, não recuam para a retaguarda dos pessimistas e revoltados...

*

*   *

Quase todo sofredor estóico e resignado foi, a princípio, um desses "revoltados" e analfabetos da espiritualidade. Pouco a pouco, sob os repetidos golpes da adversidade, e à luz ou semi-luz duma

compreensão melhor, entrou na legião imensa dos "silenciosos".

Desde então, passa ele a vida quase como um sonâmbulo semi-conciente. Anestesiado pelo sofrimento, narcotizado pelas dores e desenganos, caíu aos poucos numa universal passividade, numa espécie de torpor, de letargia espiritual. Parece-se a alma do estóico com o lombo dum animal de carga que, ao furor do látego cruel, a tal ponto endureceu e calejou que, depois de receber 100.000 golpes, quase que não percebe mais o 100.001.º açoite e subsequentes. Apenas um ligeiro estremecimento — e torna logo à insensibilidade habitual...

Esse homem já liquidou com a vida antes de morrer...

Vive do lado de além...

Nada mais espera da vida senão uma coisa, um grande benefício: a morte. Invoca a morte, convida-a como sua grande amiga e benfeitora, como a redentora universal do sofrimento...

Impelido por um conciente ou inconciente instinto de conservação, costuma o estóico circundar-se duma muralha de gêlo, duma completa e glacial indiferença em face de tudo e de todos. Nas profundas crateras desse vulcão continua a borbulhar a lava candente duma revolta íntima contra o destino; mas esse homem conseguiu, à força de ingentes sacrifícios e, talvez, de dilúvios de lágrimas, fe-

char a boca da funesta cratera; conseguiu até cobrir com uma espessa camada de neve o cume do seu silencioso vulcão — assim como muitas vezes o Vesúvio se cobre duma coroa de neve, quando no interior continua a ferver a lava ígnea.

Esse homem conseguiu cloroformizar aos poucos a sua alma rebelde e obrigá-la a dormir o misterioso sono duma violenta resignação — uma vez que todo despertar e toda vigília conciente tornariam insuportaveis as dores de que o destino lhe encheu a vida...

E, como a sociedade não permite ao homem ser o que é, aprendeu esse sofredor a camuflar o seu verdadeiro Eu e ocultar por detrás duma máscara de serenidade e sorriso convencional a tragédia anônima de sua alma...

De vez em quando, tenta algum Tu romper as muralhas que isolam esse Eu, e penetrar na silenciosa fortaleza de gêlo; sacode as portas maciças, mas os rijos ferrolhos não cedem a pressão alguma, porque o sofredor estóico fez consigo mesmo este sacrossanto e inviolavel pacto: de não revelar a nenhum mortal o que se passa por detrás desses gigantescos blocos de gêlo e granito que ergueu em torno de sua alma. E também isto provém dum tal ou qual instinto de conservação e auto-defesa, porque uma voz misteriosa lhe diz que só é possível essa relativa paz de espírito por entre o saara e o silêncio da mais absoluta solidão...

Nessa noite profunda e nessa quietude pressaga passa o estóico a sua vida, a sua estranha hibernação espiritual. Não se sente, propriamente, feliz nesse ambiente — sente-se apenas menos infeliz do que fora dele. Evadiu-se do cáos e refugiou-se ao vácuo — mas não consegue evadir-se do vácuo para entrar na plenitude. Se foi feliz naquela fuga, não é feliz neste tentame de evasão. Vive entre a infelicidade da revolta e a felicidade da compreensão, nessa semi-felicidade da resignação passiva; entre a meia-noite e o meio-dia, no crepúsculo sonambulesco duma noite que não acaba e dum dia que não amanhece...

E' este o simulacro de paraiso criado pelo estóico, um mundo precário feito de silêncio e de treva, de muita tristeza e de alguma alegria...

O estóico é, muitas vezes, alma profunda, como são, geralmente, os temperamentos chamados melancólicos. À medida que vai murando os horizontes da sua vida social, cava cada vez mais profunda a mina do próprio Eu. E lá das tenebrosas profundezas da alma ergue os olhos — e vê brilhar as estrelas de Deus...

E' esta a experiência de quase todos os homens que pensam e sofrem: quando atingem o ínfimo nadir do próprio Eu, vislumbram, em sentido contrário, o mais alto zenite da Divindade...

Visse o estóico apenas a escuridão noturna do próprio Eu, não suportaria essa noite. O que o

salva do iminente naufrágio de si mesmo são as altas estrelas de Deus...

O homem, chegado a essa neutralidade psíquica, a essa região polar de universal passividade, torna-se para o mundo e para si mesmo um estranho, um mistério... Aprendeu com Sêneca e Buda que "os desejos do homem são os seus carrascos", e por isso procura matar todo e qualquer desejo que nasça dentro do Eu, e prevenir o aparecimento dos nascituros.

Assim consegue manter em equilíbrio, embora forçado e penoso, o fiel da balança psíquica e impedir que ele se incline para a direita da alegria ou para a esquerda da tristeza...

Vertical, dura e imóvel como as colunas da Stoa (1) que frequentou, é a atitude da alma do estóico — uma linha reta, aguda e estreita como um fio de espada, uma fuga radical e inexoravel a todas as linhas horizontais do mundo e dos homens em derredor...

---

(1) Stoa — quer dizer, colunata — era uma galeria de colunas em Atenas onde mestre Zenon costumava doutrinar os seus discípulos na suprema sabedoria da vida. Daí o nome dos adeptos de sua filosofia: os estóicos, isto é, os da Stoa.

9. - A retaguarda dos revoltados

Por detrás do silencioso exército dos estóicos marcha e vocifera a turba-multa dos rebeldes, analfabetos na arte do sofrimento.

Menos disciplinados que os discípulos de Zenon e Buda são os soldados dessa sinistra retaguarda dos padecentes. Uma vez que para eles o sofrimento é uma noite polar sem estrelas, vêem na dôr o maior contrassenso, a mais radical negação da vida. O sofrimento é para eles um emissário do espírito das trevas, inimigo número um do gênero humano.

Deus, se existe para o revoltado, ou não pode impedir os males que assoberbam a humanidade, ou não o quer. Se não pode — que é da sua onipotência? Se não quer — que é da sua bondade? Ora, um Deus sem potência e sem amor não é Deus — é um pseudo-deus, um fantasma, um tirano, um demônio.

O revoltado não é, propriamente, ateu nem ateista — é um anti-teista, um homem que odeia a Deus, porque o seu deus é um deus-carrasco, um deus-monstro, um deus-demônio.

E é contra esta crudelíssima divindade que o sofredor se revolta, contra ele e contra seu mundo. E, como o homem é a criatura mais absurda e paradoxal deste mundo, revolta-se ele contra a humanidade e contra o próprio Eu.

Esse homem é a incarnação viva do pessimismo, dum pessimismo feroz e agressivo, dum pessimismo negro como a mais profunda escuridão do inferno, rubro como a mais sangrenta chaga dum coração dilacerado...

Esse homem, intoxicado pelo virus duma dor incompreendida e descompreendida, anda pelo mundo de punhos cerrados, a ranger os dentes, sempre em atitude agressiva, sempre disposto a se precipitar sôbre tudo e sôbre todos.

Não crê na bondade, não crê na inocência, não crê no amor, não crê na sinceridade de criatura alguma. Todos os seus pensamentos e atos já estão dantemão pautados pela negação e pela hostilidade. Para ele só existe maldade e hipocrisia. Está convencido de que a vida é uma falência sob todos os aspectos, que a inexistência seria mil vezes preferivel à existência.

Quando, alguma vez, se depara a esse homem infeliz uma das grandes belezas da vida humana, a bondade em todo o seu esplendor, a inocência em todo o seu encanto, o amor com todo o seu sorriso primaveril — que faz esse hmem intoxicado pelo sofrimento? crê nessas luminosas realida-

des? Não crê! Tolera-as apenas por algum tempo e põe-se à espera duma oportunidade para desmascarar mais esta "hipocrisia".

E não lhe é difícil essa manobra destruidora, pois quem contempla o mundo através dum prisma côr da noite enxerga como negras as mais preclaras alvuras do céu e da terra. "Não dizia eu — exclama ele, triunfante — que nada de bom existe na terra? que o mundo é obra do demônio, e não de Deus? que a humanidade é essencialmente má e perversa? que a vida é um inferno?"...

E então tem ele um momento de prazer — de prazer satânico...

Desses infelizes está cheio o mundo.

São realmente infelizes, porque fazem da sua própria infelicidade um credo, um culto, uma filosofia, um ídolo infinitamente querido — sorvem com estranha volúpia a taça desse veneno dos venenos, adoram essa noite imensa sem estrelas — por mais incrivel que isto pareça...

Perderam o senso da felicidade, a faculdade de ver a luz, de tanto fitar as trevas...

Vivem da negação e para a negação, esses rebeldes. O seu mundo é destruição e revolta, hostilidade perene e universal. Erguem a sua tenda no meio dum cáos, numa babel de ruinas e destroços e fragmentos de todas as coisas boas e belas da vida...

*

*   *

Esses pessimistas profissionais são, quase sempre, antes vítimas do que culpados. E por isso, em vez do nosso desprezo, merecem a nossa comiseração, e, sobretudo, a nossa indulgente compreensão. São doentes, que devem ser tratados com mãos delicadas de enfermeira.

O que os levou a esse estado de intoxicação espiritual são fatores de ordem biológica, psicológica e social.

Há homens que entram na vida onerados duma enorme carga de taras, e este lastro passivo os predispõe para o grande naufrágio da existência. Não faltam, certamente, luzes ao lado dessas trevas; mas — não se sabe por que infeliz disposição psíquica — essas aves noturnas se enamoram da escuridão mortífera e fogem da vivificante claridade...

O homem — esse "desconhecido"...

Circulam dentro das veias de cada indivíduo humano elementos indefiniveis, écos longinquos de gritos pre-históricos, vozes estranhas do subconciente das gerações que o precederam e lhe deram o ser...

Cada um de nós é um élo nessa imensa cadeia genealógica, através da qual corre a misteriosa corrente magnética das energias vitais, veiculando luzes e sombras, acordando anjos e demônios, serafins de bondade e satãs de maldade...

Todo homem é uma síntese da humanidade — desse prodígio de amor e desse mistério de ódio...

Todo indivíduo é uma recapitulação do gênero humano — através de todas as suas alturas e de todos os seus abismos...

Somos livres, é verdade, mas a nossa liberdade é relativa, e não absoluta. Motivos inconcientes impelem o nosso agir conciente. Elementos sonâmbulos dão colorido aos nossos pensamentos vígiles...

Minha vontade sou eu — mas esse Eu é antes um semi-Eu do que um pleni-Eu. Ajo assim e assim porque quero, certamente — mas à margem do meu querer livre e espontâneo se desdobra uma larga faixa que se subtrai às ordens da minha vontade soberana...

Quanto mais o homem se aproxima do vértice da sua personalidade, que se revela precisamente na atitude em face da dor, tanto mais se acentuam nele as sombras e as taras que formam o obscuro sub-solo do seu ser. Só no dia e na hora em que conseguíssemos devassar essa noite imensa do subconciente e inconciente do indivíduo, poderíamos definir com precisão a razão última da sua intoxicação espiritual. Mas, como todo homem é um mundo à parte, um universo por si, um cosmos original e inédito, que nunca existiu nem nunca existirá igual — não temos esperança alguma de de-

finir o indefinivel. A única atitude que se compadece com esses mistérios é, da nossa parte, um respeitoso silêncio, uma grande indulgência e uma sincera caridade...

*

* *

O que o ambiente *biológico* e *psíquico* iniciou na alma desses infelizes sofredores é, não raro, completado pela atmosfera *social*.

Se um homem intimamente bom e reto tiver um momento de fraqueza e der um passo em falso — está perdido! A sociedade e os costumes humanos não lhe perdoam um por cento de treva em face de noventa e nove por cento de luzes — tamanha é a injustiça da humana justiça! Por causa dum único passo errado obrigam os homens, esse delinquente fortúito a errar todo o resto da sua vida. Encerram-no, muitas vezes, em companhia de profissionais do crime, homens em adiantado processo de putrefação moral. E nesta companhia de perversos reais deve o jovem delinquente casual passar anos e decênios — que admira que ele, apenas inicialmente mau, se torne integralmente malvado?...

E mesmo que daí saia não contaminado, a sociedade nunca mais lhe permitirá que seja bom. Apontá-lo-ão a dedo todos os fariseus da honestidade oficial, e, como uma matilha de cães fa-

mintos, uivarão no encalço do infeliz a eterna cantilena do mal que ele cometeu num momento de fraqueza — tamanha é entre cristãos a apostasia do espírito do Evangelho de Cristo!...

Só mesmo um sincero discípulo do Nazareno que tenha vivido e sofrido o Evangelho da redenção, descobrirá em almas de Madalenas impuras e de Zaqueus injustos a soluçante saudade da pureza e da justiça... Só ele terá olhos assás clarividentes para ver num ladrão e homicida crucificado uma alma desejosa do reino de Deus...

O homem é muito mais aquilo que desejaria ser do que aquilo que é realmente. O fato histórico da nossa vida depende de tantos fatores alheios à nossa vontade — duma fraqueza momentânea, dum equívoco infeliz, duma boa fé iludida, dum amor atraiçoado — mas aquilo que, por entre as lutas da vida inteira, desejamos ardente e sinceramente, embora não o alcancemos — isto é que caracteriza realmente o nosso Eu, isto somos nós, isto é que é a verdadeira personalidade do nosso ser...

O Nazareno julgava os homens pelos sinceros anseios de seu coração — e não pela fortúita e, por vezes, tão involuntária realidade da vida.

Repleto de sofredores revoltados está o mundo, porque cheia de descaridade e incompreensão está a humana sociedade...

10. - A vanguarda dos regenerados

Com este capítulo atingimos a zona do indefinivel...

Por mais que se pense, diga e escreva, nunca será possível dar propriamente idéia adequada do que o sofrimento, quando compreendido e aproveitado, produz no homem, em ordem à sua libertação interior e à sua ascensão espiritual. E' um desses fenômenos que só se podem sentir, viver, gozar e sofrer, mas nunca definir.

Escrever sôbre tão delicada realidade, é quase uma profanação, um sacrilégio contra o *sancta sanctorum* da alma humana.

Entretanto, tentemos indigitar, de longe e com muita reverência, um ou outro dos indefiniveis efeitos que o sofrimento produz nos melhores dos homens.

Antes de tudo, o sofrimento liberta o homem do peso morto da matéria. Desmaterializa-o, por assim dizer. E' certo que também no sofredor continua a vigorar a mesma união íntima e substancial entre o corpo e a alma. Também nele, como diz a Escritura, "o corpo onera o espírito".

A carne e o sangue, os nervos e o cérebro — tudo isto continua a afetar poderosamente a alma, não lhe permitindo erguer vôo às regiões da pura espiritualidade.

Entretanto, é inegavel que o sofrimento confere ao espírito alto grau de liberdade, grande domínio sôbre a matéria. Assim como o gozo sensitivo materializa e deprime a alma, estabelecendo entre ela e o corpo estreita interdependência, cerceando os surtos do espírito, assim o contrário do gozo, a dôr, tem sôbre a alma o efeito oposto.

A morte liberta a alma totalmente do corpo, e o sofrimento — que tem tal ou qúal afinidade com a morte, que é uma espécie de precursor, servente ou auxiliar da morte — desempenha também um papel parecido com o da morte, desmaterializando parcialmente o homem. Há homens que, em plena vida corpórea, chegam a tão alto grau de libertação espiritual que não parecem mais estar sob a ação da carne, dos nervos e do sangue. Antecipam, até certo ponto, um estado futuro — e deve haver nisto inefavel felicidade, que compensa com abundância todos os sacrifícios da "desmaterialização". Reconquista aquela liberdade do espírito sôbre a matéria que era o estado natural do homem do paraiso terrestre. Segundo o Gênesis, é a entrada do Eden defendida por um "querubim de espada flamejante em punho". Quem, portanto, quiser reentrar no paraiso perdido há de

forçosamente passar pela "espada flamejante" do sofrimento.

Em última análise, dentre os fatores naturais, é esta gloriosa libertação da escravidão da matéria o segrêdo de certas pessoas que exercem estranho poder e irresistivel fascinação sôbre seus semelhantes.

E' sabido que a morte, libertação integral da matéria, confere ao espírito extraordinário poder sôbre o mundo material. O espírito desmaterializado desloca grandes pesos, atravessa substâncias compactas, transpõe com a velocidade do pensamento distâncias enormes — numa palavra, mostra-se superior a toda a ordem material, readquirindo o seu natural domínio sôbre a matéria, parcialmente ligado durante a vida terrestre.

Quanto mais a alma, no estado atual, se liberta da influência deprimente do corpo que ainda a prende com os seus vínculos múltiplos, tanto mais vasta, profunda e decisiva será a ação que ela exerce sôbre o corpo que informa, como também sôbre outros homens, e, não raro, sôbre sêres irracionais e matérias inertes da natureza circunjacente.

Todo homem pode, de algum modo, dizer com o Rei dos sofredores: "Quando eu estiver suspenso na cruz atrairei tudo a mim"; então atingirá o meu magnetismo personal o máximo da sua força atrativa, quando eu atingir o zenite do meu sofrimento espiritualizador.

Em consequência dessa emancipação do peso morto da matéria vive o herói do sofrimento redentor circundado duma como auréola de paz e serenidade, que nasce da conciência do seu poder e da sua intangibilidade. Deus é a infinita serenidade e quietude, porque é o supremo poder e o espírito infinito — e na razão direta que o homem se espiritualiza e como que diviniza pelo sofrimento se aproxima dessa inefavel quietude e serenidade interior.

Essa calma e paz que cerca o homem liberto da servidão da matéria não é a inércia negativa da pedra ou dos túmulos do cemitério; é uma paz e quietude positiva, um como misticismo dinâmico que acabou em universal sossêgo e silêncio, precisamente porque possue em si grande potencial ativo, a plenitude da força espiritual.

Esse homem aprendeu a viver intensamente — sem o menor ruido...

Esse homem é bom — silenciosamente bom...

E' poderoso — mas não exibe poder...

E' puro — mas não vocifera contra os impuros...

Adora o que é sagrado — mas sem fanatismo...

Carrega fardos pesados — com leveza e sem gemido...

Domina — sem insolência...

Humilha-se — sem servilismo...

Ama — sem se oferecer...

Renuncia — sem fazer disto um culto...

Fala a grandes distâncias — sem gritar...

Rasga caminhos novos — sem esmagar ninguem...

Abre largos horizontes — sem arrombar portas...

Faz bem a todos — sem que se perceba...

E' poderoso como o sol — e delicado como um raio solar...

Realiza grandes coisas — mas a sua atividade não se assemelha à explosão duma bomba, porém ao silencioso ritmo das estrelas pelas vias inexploradas do universo...

E, uma vez que o homem espiritualizado pelo sofrimento possue esse misterioso carisma da serenidade dinâmica e da energia silenciosa, atua sôbre os homens como um mago, como um ser de outros mundos, e isto não com palavras sabiamente escolhidas e períodos adrede burilados, mas com a sua simples presença, com a sua realidade espiritual ou com a mais singela das palavras.

Poderosas auras dimanam do heroi do sofrimento, empolgando as almas, levantando os desanimados, restituindo aos pessimistas vontade de viver e agir, iluminando trevas, abrindo fontes, dando asas — distanciando os homens da terra e aproximando-os do céu...

E' assim que vivem os redimidos pela dôr...

A vanguarda dos regenerados...

11. - Possuir - sem ser possuido

Um dos maiores obstáculos que o homem encontra no caminho da sua jornada ascensional está no uso dos bens materiais, quer internos, quer externos.

A imensa maioria dos homens só chega a aquilatar esses bens no seu justo valor ou desvalor depois dum grande sofrimento, porque o homem profano não possue as suas riquezas — é por elas possuido, mesmo por aquelas que não possue realmente. Nenhuma teoria, nenhuma filosofia consegue libertar o homem desse daltonismo espiritual — só um grande sofrimento pode retificar-lhe os erros de visão e perspectiva moral.

Só está em condições de possuir realmente algo de material o homem que primeiro se despossue daquilo de que é possuido ou possesso. O homem possuido e possesso daquilo que julga possuir será sempre um escravo espezinhado por seus tirânicos senhores de metal, papel ou barro. Só o homem interiormente desapegado daquilo que exteriormente possue pode, sem perigo, dizer-se dono de alguma coisa.

Não basta a simples ausência histórica de bens materiais, porque há inúmeros mendigos que são escravizados por aquilo que não possuem, pela desmedida cobiça de possuir o que nunca possuirão. O mal não está na simples posse material, mas, sim, no apêgo interior, na escravidão espiritual. Por isso dizia o maior de todos os psicólogos, lá das alturas do monte das bem-aventuranças: "Bem-aventurados os pobres pelo espírito, porque deles é o reino do céu!" Os "pobres pelo espírito" são os homens interiormente desapegados dos bens materiais, quer possuam quer não possuam externamente esses bens. Por isso, também não exigiu o Nazareno dos seus amigos a renúncia externa às riquezas, mas exigiu de todos a renúncia interna. E, no caso que a posse externa ponha em perigo a desposse interna, desaconselhou também aquela.

O "Sermão da Montanha", que é a mais deslumbrante apoteose do sofrimento espiritualizador, principia significativamente com o panegírico da pobreza pelo espírito, do desapêgo interior, como que abrindo a porta ao mundo da perfeita liberdade do espírito.

"Bem-aventurados os pobres pelo espírito!"...

Com efeito, como diziamos, é a dor que faculta ao homem aquilatar com justeza e exatidão o valor das coisas materiais, porque a dôr cria na alma uma espécie de desposse, de vácuo, de serena

neutralidade psíquica. Só assim, nesse ambiente de perfeita imparcialidade e dessa discreta distância dos bens físicos, pode o espírito humano exercer o cargo de juiz íntegro, de árbitro desprevenido, no meio desse eterno litígio sôbre o valor ou desvalor das realidades palpaveis que circundam o nosso corpo ou integram o nosso próprio Eu.

O sofrimento reequilibra a nossa balança interior, pondo-lhe o fiel rigorosamente na vertical, para depois poder dizer com precisão quanto pesam as coisas materiais e quanto as coisas espirituais. A dôr é essencialmente retificadora daquilo que o prazer adulterou. Só nessa atmosfera de perfeita imparcialidade, de serena e silenciosa neutralidade psíquica, é que o homem adquire um critério justo e real de todas as realidades da vida.

O mundo material que escraviza e adultera o homem é em parte externo, em parte interno, ou, talvez melhor, é objetivo e subjetivo. O mundo externo e objetivo são os bens de fortuna e todas as coisas que não fazem parte do Eu. O mundo material interno e subjetivo é o corpo com todas as suas partes integrantes: a carne, o sangue, os nervos, os gozos sensitivos, etc.

O homem que conseguiu libertar-se da escravidão dos sentidos e das riquezas entra numa zona de grande liberdade espiritual. Não mais o atormentam os carrascos dos desejos e solicitudes imo-

derados. O seu centro de gravidade deslocou-se das baixadas da matéria mutável para as excelsitudes do espírito imutável. O sistema planetário de sua vida traça o seu ritmo em torno dum grande sol, que o sustenta em sua órbita, que o ilumina com a sua luz, que o acalenta com as suas benéficas irradiações. Dele será o reino do céu no além, porque dele já é no aquém o reino celeste da liberdade, da paz, da serenidade interior.

Não é necessária, nem seria suficiente, a simples desposse exterior dos elementos escravizantes — é essencial a desposse interior, o desapêgo espiritual desses elementos, a "pobreza pelo espírito".

Ora, como diziamos, o que mais liberta o homem da prepotência da matéria, dentro ou fora do próprio Eu, é o sofrimento. Pela dôr faz o homem voluntária e espontaneamente o que pela morte é obrigado a fazer a força e contra a sua vontade: a proclamação da sua liberdade e independência espiritual. A dôr, física ou moral, reprime os excessos da sensualidade, atua como calmante dos ardores do sangue, como refreadora das paixões orgânicas, cerceando ao mesmo tempo o orgulho do homem e convencendo-o da sua extrema fragilidade.

A dôr é purificadora, pudica, virginal — ao passo que o gozo tem sempre um quê de impuro, menos casto, menos espiritual e divino.

Uma vez desvalorizados, ou antes, avaliados no seu justo valor, os bens materiais do corpo, retifica o sofredor também a sua super-valorização dos bens materiais externos, cujo valor depende essencialmente do valor que dermos aos bens corporais. Quanto mais o homem valoriza o corpo tanto mais valoriza também a riqueza e seus derivados, e vice-versa. E, como em face da dôr os bens do corpo sofrem uma espécie de inflação e progressiva desvalorização, é lógico que sofram a mesma inflação também os bens materiais circunjacentes.

Muitos são os pobres, neste mundo — poucos os que sabem ser pobres.

Muitos são os ricos — pouquíssimos os que sabem ser ricos.

Saber ser pobre, é arte difícil.

Saber ser rico, é arte dificílima, façanha tão heróica que poucos chegam a aprendê-la com perfeição. Tão difícil e rara é essa arte que, segundo as palavras lapidares do divino Mestre, é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha do que um rico entrar no reino do céu.

Entretanto, embora difícil, é possível essa arte, "porque a Deus tudo é possível" — possível até ensinar ao homem rico a arte de ser rico...

O rico avarento de que fala o Evangelho nunca aprendeu essa arte, ainda que visse, todos os dias, à porta do seu palácio, um mestre insigne na

arte de ser pobre e que, certamente, também lhe teria dado ótimas lições na arte de ser rico. O ricaço, porém, não aprendeu sequer o abc dessa arte, e por isso, no rigoroso exame ao limiar da eternidade, foi definitivamente reprovado.

A maior parte dos pobres estupidifica-se em sua pobreza. Pobres de corpo, não chegam a aprender a arte divina de ser "pobres pelo espírito", interiormente desapegados daquilo que exteriormente lhes falta. Enamoram-se, apaixonam-se delirantemente pelo vil metal — que não possuem, metal que não quer saber deles e dos seus amores. Praticam, por assim dizer, "vício solitário", esses infelizes, poluindo-se com algo que não podem abraçar na realidade, mas abraçam freneticamente na imaginação doentia e febril da sua desmedida cobiça.

Esses onanistas da pobreza são mais infelizes do que os ricaços, porque estes ao menos gozam a sua fortuna, enquanto aqueles, privados dos bens espirituais, nem ao menos fruem os bens materiais — duplamente infelizes.

Os ricos, bisonhos na arte de ser ricos, não conseguem mobilizar e pôr em curso a sua riqueza, e por isso sucumbem asfixiados sob essas pesadas montanhas de ouro ou de barro — se não vier alguma crueldade benéfica, algum sofrimento re-

dentor libertá-los do peso morto da matéria mortífera.

E' de per si muito indiferente que o homem possua ou não possua bens de fortuna. O que importa, o que é decisivo é o uso que ele saiba fazer dessa pòsse ou dessa falta de posse, dessa plenitude ou dessa vacuidade material. Tanto esta como aquela pode er ocasião de ruina ou ensejo de ressurreição... Pode o homem salvar-se ou perder-se com aquilo que tem ou não tem...

E' aqui a zona das grandes falências espirituais — como também das insignes vitórias da alma.

Há homens que ainda da extrema pobreza sabem tirar grandes riquezas; homens que da absoluta indigência comunicam a seus semelhantes inesgotavel abundância; homens para os quais um desprezivel centavo é uma força imensa, um símbolo de poder divino — ao passo que outros morrem espiritualmente nas suas riquezas maciças, qual passarinho a definhar em magnífica gaiola de ouro...

Pode a mais vil moeda e a mais esfarrapada nota de banco derrotar e esmagar o homem — e pode também o homem arrastar consigo pelos espaços montanhas de ouro sem que elas lhe tolham o vôo. Tudo depende da liberdade ou es-

cravidão interior, da força ou da fraqueza da personalidade. (1)

Há quem ajunte dinheiro pelo gosto de possuir — são os invertidos da cobiça, os homens desnaturalizados, os mais deploraveis de todos.

Há quem acumule fortuna para com ela comprar prazeres pessoais, sensitivos — são os homens naturais no ínfimo plano da vida profana.

Há quem vá à conquista de valores materiais para abrir caminho aos valores culturais, à ciência, à arte. aos bens naturais do espírito — são estes os homens sensatos e adiantados na filosofia da vida.

E há, finalmente, homens que não ajuntam tesouro algum material, na certeza de que o mundo do espírito e o reino de Deus são independentes dessas materialidades — e estes super-homens aparecem ainda, no cenário do mundo presente, como fenômenos de outros mundo, loucos ou santos...

*

*   *

(1) Reproduzimos, neste e nos seguintes capítulos, alguns pensamentos de Pedro Lippert S. J.: "Zweierlei Menschen", "Abenteuer des Lebens", "Der Mensch Job redet mit Gott", modificando-os segundo a conveniência.

Para que o homem possa possuir sem ser possuido, para que possa assumir e conservar atitude certa, firme e persistente em face do mundo material, é necessário que, antes de tudo, se ponha num estado de perfeita liberdade interior; que estabeleça dentro de sua alma um como que equilíbrio psíquico de todos os prós e contra; que ponha o fiel da balança em rigorosa linha vertical de absoluta imparcialidade. E' necessário que o homem faça do seu Eu uma espécie de carta branca, ou antes, luz solar incolor e perfeitamente neutra. E' necessário que saia completamente do campo dos interesses vários, como se nada tivesse de ver com aquilo que deve ser decidido pró ou contra ele. E', numa palavra, necessário que o homem ganhe distância, afim de poder avaliar com justeza e retidão os valores reais da vida.

Tão difícil é esta neutralidade e esta serena distância do espírito que só um grande e profundo sofrimento a consegue realizar dentro do homem e da vida humana. Quem nunca passou por um grande sofrimento é forçosamente um cego, um míope ou um daltônico, incapaz de emitir opinião justa e válida sôbre as coisas circunjacentes. Tão grande é a astúcia do amor-próprio, tão perversa a quinta-coluna das nossas paixões, do nosso orgulho, da nossa inextinguivel vaidade, que estes nossos inimigos natos se disfarçam, dum instante a outro, em amigos e aliados, erguendo gi-

gantescas cortinas de fumaça e criando tão fantásticas fatas-morganas que o homem profano sucumbe fatalmente a essa habil estratégia e deslumbrante pirotécnica dos aliados do orgulho e da luxúria.

Mas nem essas potências adversas resistem à prolongada ofensiva do sofrimento, que lhes vai insensivelmente solapando as muralhas de granito, arrancando, uma por uma, as máscaras hipócritas com que tentavam camuflar posições e iludir a realidade da vida.

O sofrimento é a morte de toda ilusão e hipocrisia, o fim de todas as moléstias infantis do homem profano, o alijamento de todo o bagaço e lastro supérfluo com que os gozadores costumam onerar a barquinha da sua vida.

O sofrimento não é senão a outra face da verdade, que descobre o homem e o pôe diante dele mesmo, com a rectilínea e inexorável sinceridade da crua realidade. Revela o homem assim como ele é, e não como é julgado pelo mundo ou por si mesmo, sem disfarces, em toda a verdadeira fisionomia do seu Eu.

O sofrimento é o supremo fator da sinceridade e duma quase infinita simplificação. O gozador é complexo e complicado, cheio de superfluidades pueris e ridículas, ao passo que o sofredor vitorioso é duma suave e benéfica simplicidade e despretensão.

O gozador é duro, áspero, desabrido com seus semelhantes, precisamente por ser o contrário para consigo mesmo — ao passo que o homem regenerado pela dôr é benévelo, tolerante, suave, amigo e compreendedor, porque é eminentemente sincero e austero consigo mesmo.

Por isto, o sofredor vitorioso é sempre uma alma amante, cheia de indulgência e de caridade.

Só pode amar de fato quem é verdadeiramente livre.

Só é verdadeiramente livre quem sabe sofrer.

Por isso, só o verdadeiro sofredor é que sabe amar de fato.

Daí a misteriosa afinidade entre a dôr e o amor. Ambos, ou são filhos da liberdade interior, ou produzem na alma esta liberdade.

O que o grosso dos homens chama "amor" é, geralmente, sensualidade, interesse ou egoismo — e estes demônios da vida humana são tanto mais perigosos quanto menos o homem sofre.

O verdadeiro amor é inseparavel companheiro do sofrimento, porque filho da liberdade do espírito. E, por ser livre, não é interesseiro, não é egoista, não é sensual. Pode, sim, tomar a seu serviço as potências sensitivas do organismo, mas não se identifica com essas potências, nem se deixa por elas escravizar.

O amor ultrapassa a própria pessoa do amante.

Por isso, o amor espiritualizado pelo sofrimento e integralmente genuino, apaga, até certo ponto, a linha divisória entre o *meu* e o *teu*, chegando quase a diluir a linha entre o *Eu* e o *Tu*... Não usurpa direitos alheios espoliando o Tu em benefício do Eu, mas abre mão do *meu* e do *Eu* em prol do *teu* e do *Tu*. A sua política não é crime de extorsão violenta, mas heroismo de doação espontânea. Dentro destes limites do respeito aos direitos do próximo, realiza o espírito superior a sua grande e benéfica ação niveladora.

Toda vez que um grande amor aparece sôbre a face da terra ou dentro duma alma humana, alarmam-se os homens por causa dos seus ídolos e fetiches, temem e receiam pelo que julgam ser deles, porque um grande amor é sempre um grande terremoto, que não respeita certos meridianos e paralelos das longitudes e latitudes da vida social, certas balisas burocráticas da nossa civilização, criadas, evidentemente, por algum des-amor. Os primeiros discípulos do Nazareno, arrebatados pela tempestade divina do Sermão da Montanha, perderam de vista essas diferenças entre o meu e o teu, entre o Eu e o Tu e, sendo muitos e de sentimentos vários, acabaram por se tornar "um só coração e uma só alma"...

O homem que proclamou dentro da alma a verdadeira liberdade do espírito acharia imperdoavelmente ridículo e vergonhoso carregar a mão sô-

bre algum pedaço de terra morta ou de metal inerte e declarar com voz estentórea: "Isto aqui é meu!" Pois, como é que lhe pertenceria alguma coisa, se ele não se pertence mais a si mesmo? se fez espontânea doação do Eu a um Tu? se emigrou de si mesmo e imigrou para dentro dum outro Ser? se ele alienou irrevogavelmente a sua pessoa humana a uma pessoa ou super-pessoa divina, diluindo a pequenina onda do seu Ser no mar imenso da Divindade?...

Não, o homem liberto de si mesmo pelo sofrimento, divinizado pelo amor supremo, está definitivamente inutilizado para as coisas do mundo, inebriado por aquele "veneno" sublime que emana das palavras de inconcebivel loucura e sabedoria: "Se alguem te ferir na face direita — apresenta-lhe também a outra... Se alguem te roubar a túnica — cede-lhe também a capa... Se alguem te obrigar a acompanhá-lo por mil passos — vai com ele dois mil... Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos fazem mal..." E' evidente que com semelhante filosofia nada se arranja no mundo, entre os profanos gozadores e os analfabetos da espiritualidade... "O meu reino não é deste mundo"...

Vai um simbolismo profundo por toda a epopéia da Redenção, que é obra do sofrimento, e não do gozo.

Desde que pela dôr foi redimido o gênero humano, não pode o indivíduo redimir-se senão pelo sofrimento — e não pode também redimir os outros senão pela dôr, completando em sua pessoa, como diz São Paulo, a medida dos sofrimentos de Cristo.

*

*

Narram fábulas antigas que um rei obtivera dos deuses a faculdade de transformar em ouro tudo quanto tocasse com as mãos ou com o corpo. E, por fim, viu-se o rei na iminência de morrer de fome, porque todos os manjares se convertiam em ouro duríssimo, ao mais ligeiro contacto das mãos ou dos lábios.

E' o que sucede a milhares de homens de todos os tempos e de todos os paises: morrem de fome no meio das suas montanhas de ouro, porque, conhecedores da alquimia humana de fazer ouro de todas as coisas, ignoram a alquimia divina de fazer do ouro e de todas as coisas iguaria para o espírito — e sucumbem de inanição espiritual...

O que não disse a mitologia helênica disse-o o Evangelho de Cristo: revelou a arte de transformar em alimento espiritual todas as coisas materiais que nos circundam...

O profano gozador é como o rei Midas, a perecer no meio do seu ouro — o sofredor espiritua-

lizado é como o Cristo, vivendo no meio daquilo que parece ser a negação da vida...

Sofrendo — para gozar...

Perdendo para possuir...

Morrendo — para viver integralmente...

12. - Ciência e sabedoria

O sofrimento, libertando a alma da escravidão material, confere-lhe intensa espiritualidade, grande amplitude e profundidade, tornando-a assim apta e idônea para receber a verdadeira sabedoria da vida.

Há no mundo muitos homens inteligentes, sagazes, preparados e eruditos; há talentos e gênios; há inventores e descobridores; há pensadores e filósofos — mas não há muitos homens sábios.

Uma coisa é ciência — outra coisa é sabedoria.

Uma coisa é possuir exímios dotes de intelecto e vasto arsenal de conhecimentos positivos em vários ramos do humano saber — outra coisa é possuir esse indefinivel carisma do espírito que eleva o homem acima de tudo isto.

A ciência, por mais ampla e profunda, tem sempre um quê de periférico — ao passo que a sabedoria é essencialmente central.

No homem verdadeiramente sábio existem vastas planícies e espraiam-se ilimitados horizontes para todos os lados. E no centro de todas estas amplitudes está ele mesmo, está a sua visão pa-

norâmica, serena, calma, imperturbavel, compreensiva.

Sabedoria é algo que tem que ver com a pátria eterna da luz, da força, da harmonia infinita. Não é como a luz sinistra dum incêndio, nem como a força violenta duma bomba, mas é como a serena claridade da luz solar que, no mais profundo silêncio, ilumina o universo; é como a energia cósmica do mundo sideral que em graciosos ritmos e elegantes elipses manifesta a irresistivel potência das suas leis.

O homem sábio é silenciosamente forte, e, por ter a conciência da sua força, não pratica violências.

O homem apenas inteligente e erudito é como uma passagem estreita entre duas muralhas altíssimas, que desembocam numa claridade final, mas coarctam e limitam a visão do viandante — ao passo que o homem sábio está como que no alto duma atalaia, abrangendo todas as latitudes e longitudes do mundo.

E' possível que o homem sábio possua menor cabedal de conhecimentos positivos, e até menos agudeza de inteligência do que algum cientista — mas esta mesma sobriedade é de tal natureza que sobrepuja a multiplicidade acumulada nos cérebros mais eruditos. Outros conhecem muitos fenômenos — o sábio conhece apenas uma causa, mas desta causa derivam todos aqueles efeitos, e ele,

abrangendo a fonte, conhece a origem e o percurso das águas em suas multiformes direções. Da sua excelsa atalaia panorâmica compreende todas as relações e afinidades recíprocas dos fenômenos transitórios, segundo a medida que o Eterno lhe concedeu. Não tem necessidade de correr atrás de cada um dos seres em particular, não tem mister examiná-lo *in loco* — porque o homem sábio tem a intuição da suprema causalidade, e por isso compreende de relance e como que em germe todos os fenômenos que dela dimanam.

Precisamente nesta calma e segura visão compreensiva das coisas é que consiste o mais glorioso apanágio do sábio e a sua mais bela similitude com a suprema e sapientíssima Divindade.

E' também desta fonte que flue aquela inefavel paz e tranquilidade que circunda a pessoa do homem verdadeiramente sábio, inspirando instintiva confiança aos outros homens.

Esse homem não se perturba com coisa alguma...

Não tem pressa...

Não se afoba...

Não corre...

Não se exalta...

Não fica nervoso...

Não receia chegar tarde, porque em qualquer ponto da sua viagem está sempre no termo da jornada, de todas as jornadas da sua vida...

Por isso, também não conhece temor e inquietude.

Não há surpresas ingratas para o homem sábio...

O homem sábio quer bem a todas as criaturas de Deus. Coloca-as todas dentro da vasta luminosidade da sua visão panorâmica, umas mais perto, outras mais longe de si, cada uma no lugar que lhe compete.

O homem sábio não tem ódio a ninguem. Não persegue ser algum. Não é intolerante. E' amigo da verdade, mas não arma polêmicas. Não é barulhento como o arroio que em estrepitosas catadupas salta de rochedo em rochedo, espumejando e lançando gotas violentas para todos os lados — é antes como uma vasta torrente que deslisa, silenciosa e imperceptivel, em demanda do oceano...

O homem verdadeiramente sábio é sempre um grande amigo de Deus, e até um favorito da Divindade. A sabedoria é um carisma que o Ser infinitamente poderoso, sábio e bom comunica a um ou outro dos seus servos e arautos.

*

* *

Mas que homem mortal poderia ser amigo e arauto da imortal Divindade sem passar pelo fogo do sofrimento? sem consumir na fornalha das

dores as escórias e impurezas da sua fragil humanidade?

Por isso, só se encontram homens verdadeiramente sábios no trecho que vai do Getsêmane ao Gólgota — é este o clima dos grandes homens, porque é a zona dos grandes sofredores...

Quem não sofreu é analfabeto da vida...

Quem pouco sofreu cursou apenas escola primária...

Só o acadêmico das dores e o universitário do martírio é que é formado na suprema sabedoria da vida, sem a qual não há grandes homens...

Se a experiência alarga os horizontes da vida, se a oração eleva o nível do nosso ser — a dôr confere à alma extraordinária profundidade. E sem profundidade não há personalidade perfeita.

E' no fundo dessa noite que despontam ao sofredor as estrelas de Deus, as grandes intuições, as inefaveis clarividências, as novas Américas do saber, as atlântidas, vias-lácteas e surpreendentes nebulosas de ignotos mistérios — mundos anônimos, que se descortinam ao espírito quando, ferido pelo sofrimento, desperta para as grandes realidades da vida...

Segundo o Gênesis, perdeu o homem a sua vidência superior depois dum gozo indébito. De que modo reconquistaria ele essa vidência senão pelo desgozo, pelo anti-gozo, que é a dôr? Só o antídoto do sofrimento pode restituir ao homem o que lhe

roubou o veneno do prazer. Só a dôr pode neutralizar a toxina mortífera que o gozo lhe inoculou na alma.

Por isso, não há, na vida atual, sabedoria fora do sofrimento. O gozador é essencialmente tolo, porque bisonho na sabedoria da vida.

Sofrimento, sabedoria, espiritualidade, amor, serenidade, paz, beatitude — impossivel separar umas das outras estas realidades da vida humana, porque vigora entre elas estreita afinidade e interdependência.

Ao espírito atrazado afigura-se-lhe o sofrimento como algo de negativo, algo de vácuo e destruidor — quando, na realidade, o sofrimento, ao menos nos seus efeitos, é o que há de mais positivo e construtor — tanto assim que o Rei dos mártires chegou a dizer em plena Páscoa, entre Jerusalem e Emaús, que até ele, o Cristo, "devia sofrer tudo aquilo para assim entrar em sua glória"...

Que outro presente de Páscoa, mais belo e valioso, poderia ele oferecer à humanidade senão este?...

A apoteose da cruz...

O aleluia do sofrimento redentor...

13. - Agonia redentora

A Natureza orgânica é, toda ela, prova eloquente da necessidade da dôr como fator biológico e evolutivo.

Escolhamos, dentre os milhares de exemplos, apenas um ou outro dos mais singelos e que nos ficam mais ao alcance da mão.

Procure o leitor plantar por exemplo um ficus benjamin, destacando do tronco um galhinho e fincando-o na terra. Verá que lhe morre a maior parte das mudas. Se for feliz e escolher o tempo mais propício, conseguirá fazer "pegar" uma ou outra. O resto sucumbirá fatalmente.

Entretanto, se o leitor conhecer algo da biologia e "psicologia" da planta, procederá de outra forma, e colherá surpreendentes resultados: submeterá as mudas a um grande "sofrimento" — e verá que sobreviverão quase todas ao processo de transplantação. Não destacará o galho do tronco, mas lhe tirará apenas o cortex em qualquer ponto, desnudando a madeira do galho. A seiva vital, como é sabido, sobe de preferência pelo cortex ou casca da árvore, nutrindo as partes superiores. Na casca se acha localizada a principal rêde ar-

terial da planta. Tirada a casca, fica quase interrompida a ascensão das seivas, e a parte assim isolada do abastecimento vivificante começa a definhar aos poucos. Tenta a planta refazer o cortex, e muitas consegue de fato restabelecê-lo; mas, como este processo é vagaroso, não resiste a parte isolada ao longo jejum — e morre.

Debate-se, pois, em lenta agonia o galho do ficus. Amarelecem as folhas e caem. Mas a vida orgânica continua ainda por muito tempo a resistir no interior do galho e dos ramos, tentanto realizar o impossivel.

Uma vez cortada a principal linha de abastecimento com o pé da árvore, restaria uma esperança de salvamento: a formação de novas linhas vitais independentes da planta-mãe. E estas linhas chamam-se, no mundo orgânico, raizes. Muitas plantas encerram em si a capacidade de lançar raizes de diversos pontos do cortex. Mas que fazer com essas raizes no ar? donde tirar o alimento a ser canalizado por estas artérias? Seria indispensavel a terra, o humus, para fornecer às raizes e ao galho esta nutrição salvadora.

E as potências orgânicas do galho periclitante intensificam o seu poder criador, prontas para deitar raizes no primeiro encontro com algo de úmido e nutritivo, impacientes, ansiosas por descobrir essa derradeira âncora de salvação.

Se, durante este período de cruel agonia destacarmos do tronco da árvore um galho de ficus e o enterrarmos em solo úmido, veremos que lança raizes com grande rapidez, e, em breve, passado o tempo da grande crise entre a vida e a morte, brotarão folhas novas e se desenvolverá um pé de ficus independente e autônomo.

Dest'arte pode o jardineiro que conhece as leis orgânicas da planta fazer quantas mudas quiser.

*

*   *

Traduzindo em linguagem humana e aplicando ao nosso tema este idioma tácito do mundo vegetal, podemos dizer o seguinte:

Enquanto o galho do ficus — ou outro qualquer, em condições idênticas — leva vida folgada e fácil, sustentado pela planta-mãe e sem nenhum esforço nem sacrifício individual, não possue vida própria, autônoma, não tem "personalidade", como diriamos tratando do homem. Não *vive*, propriamente, é antes *vivido*.

Se, no meio desta vida fácil e impessoal, o obrigarmos de chofre a começar vida própria, independente, "pessoal", destacando-o do tronco e enterrando-o no solo, o galho não aceita esta mudança brusca da vida fácil para a vida difícil; faz greve, abre falência — morre... Suicida-se, por

assim dizer, para fugir a esse terrivel sacrifício. Pois a criação de raizes próprias representa para um galho assim, de vida regalada, um esforço enorme, a concentração dinâmica de todas as suas energias vitais — e ele não sente em si a força para tamanho sacrifício. Por isso sucumbe e morre.

Entretanto, se o sujeitarmos a uma grande dôr, a uma lenta agonia, cortando-lhe a ponte para a vida deleitosa, então esse ser orgânico como que entra em si mesmo, conclama todas as suas potências vivas, mobiliza todas as reservas vitais, em face do iminente perigo de completo aniquilamento. Joga fora as folhas. Renuncia a todo o luxo. Limita-se ao estritamente necessário, ao essencial, à vida simples e desnuda. Procura uma tábua de salvação nesse temeroso naufrágio. E este salva-vidas lhe é oferecido em forma duma camada de terra úmida — e o galho agonizante agarra-se com as forças dum semi-desesperado a essa tábua salvadora, lançando raizes e estabelecendo assim novas linhas de abastecimento para as células e os tecidos orgânicos quase mortos de fome.

Que foi que levou esse galho à mobilização geral das suas forças? que foi que lhe despertou no seio as potências dormentes? que foi que lhe deu vida própria e independente?

Foi o sofrimento, foi a dôr, a cruel agonia.

Foi a dôr que o fez levantar o grito de "independência ou morte!" E, como a vida quer viver,

proclamou esse galho padecente a sua independência, para fugir à morte, independência que jamais teria proclamado, se a isto não fosse obrigado por um grande sofrimento.

*

* *

E' excusado fazer a aplicação à vida humana. Todo o homem conhecedor da vida e do próprio Eu sabe perfeitamente que o que acontece no mundo orgânico irracional acontece, com muito maior brilho e intensidade, no mundo humano do espírito. Sabe que a dôr é a grande despertadora de energias latentes, a grande criadora de personalidades humanas...

A dôr — essa inimiga tão amiga...

A dôr — essa crudelíssima benfeitora...

A dôr — esse anjo de Deus vestido da côr da noite...

A dôr — que nos ergue às alturas...

Através duma agonia redentora...

14. - Morte parcial - e vida integral

Quando uma dessas lagartas que vivem nas hortaliças ou nas árvores se aproxima do termo da sua existência larval, deixa de comer e torna-se triste, melancólica e como que pensativa. Em vez de passar o dia a triturar os tecidos celulares das folhas, suspende a sua faina gastronômica, e parece que vai morrer...

E, de fato, a larva morre, em certo sentido. Morre aquele ser primitivo e informe, aquele estômago ambulante; morre a forma externa, mas não morre o conteudo interno; este prepara-se para uma nova existência, para a vida perfeita e definitiva.

E, para que nascer possa este ser definitivo e perfeito, é necessário que morra o ser provisório e imperfeito.

Morrer para viver — não é só uma máxima do Evangelho; é também um postulado da Natureza. Morrer em parte — para viver plenamente.

Chegada ao acaso da sua semi-vida, na vespera duma pleni-vida, retira-se a lagarta do cenário

quotidiano e procura algum cantinho sossegado. Alí, suspende-se debaixo dum galho, ou enclausura-se num casulo de fiosinhos de sêda, quando não prefere sepultar-se no fundo da terra — à espera da ressurreição e da vida futura...

Dentro de poucos dias, desaparece a forma da larva, e aparece algo de indizivelmente belo, artístico e misterioso — a crisálida...

Não conhecemos a psicologia dos insetos; mas, a julgar pelas aparências, o inseto sofre com esta metamorfose, que não deixa de representar, para o seu organismo provisório, algo de insólito, inquietante e temeroso... Não poder mais comer nem se mover livremente... Ter de suspender a sua única ocupação, o seu viver habitual... Imobilizar-se num ângulo escuro... Perder a sua forma natural... Reduzir-se à estreiteza do casulo ou da crisálida... Submergir na úmida escuridão do solo, e esperar alí, dias ou semanas, sem saber por quê — é de supor que este período de transição represente para o ser em evolução algo de doloroso e desagradavel...

Mas é lei da Natureza que a todo o estado superior preceda um período de relativo aniquilamento, e, quanto mais perfeito é o ser e quanto mais gloriosa a sua vida definitiva, tanto mais profunda é também a sua metamorfose — e tanto maior será o sofrimento por que há de passar...

Se uma dessas larvas pudesse raciocinar, e se alguem quisesse convencê-la de que é preciso morrer parcialmente afim de viver mais plenamente, é certo que a larva não compreenderia tão alta filosofia. Só compreenderia a vida que vive entre as folhas das hortaliças ou das árvores, incapaz de imaginar que, algum dia, lhe pudessem nascer dois pares de asas levíssimas, meia dúzia de pernas articuladas, dois hemisférios furtacores com milhares de pupilas reticuladas e, em vez daquelas grosseiras mandíbulas de lagarta, a mais graciosa e estética de quantas bocas tem a Natureza idealizado: um finíssimo cabelinho em forma de espiral. Não compreenderia que, em vez de devorar folhas de couve, se nutriria de gotinhas de nétar e passaria o dia a adejar pela luminosa vastidão do espaço, quase como um espírito, como um sopro de Deus...

*

* *

Homem profano! — tu és como a lagarta...

Homem iniciado na dôr! — tu és como a borboleta...

Dois estados de um e o mesmo ser — e entre essas duas vidas de um só vivente negreja uma espécie de morte... Não uma morte real — mas uma morte aparente...

Sofrer é morrer parcialmente — afim de poder viver plenamente...

Morrer para as baixadas — e viver para as alturas...

Morrer para o mundo primitivo e provisório — e viver para o mundo perfeito e definitivo...

Entre a larva e a borboleta medeia o silencioso ataude da crisálida...

Entre o homem material e o homem espiritual medeia o abismo do sofrimento, sepulcro de tantos ídolos...

Entre o ocaso e a aurora há sempre uma noite...

Uma noite estrelada...

A noite do homem...

E as estrelas de Deus...

15. - Escultores e esculturas

Quando entrei na oficina do marmorista, dei de rosto com um enorme bloco de pedra lançado ao meio da vasta sala, bruto, pesado, informe.

"Mármore de lei" — disse o escultor, sorrindo satisfeito e apalpando o bloco calcáreo com certo orgulho e complacência.

Depois disto, empunhou pesado martelo e vibrou contra as arestas mais salientes da pedra tão veementes golpes que enormes lascas saltaram para todos os lados, voando até às paredes do recinto.

Assim continuou o artífice a desbastar o bloco, por espaço de longas horas.

De quando em quando, suspendia a faina, tomava nas mãos um papel e estudava não sei o que. Aplicava a régua ao desenho que se via no papel, e continuava a martelar, a martelar.

Vi também, sôbre uma mesinha, uma pequena figura de gesso, muito bem modelada, e que parecia servir de diretriz ao incansavel escultor.

Se eu não conhecesse a singular competência do artífice, o seu senso estético e sua grande técnica, teria dito comigo mesmo: Que selvageria! esse

desatinado acabará por reduzir a fragmentos e pó todo esse bloco de mármore precioso...

Retirei-me.

Depois duma semana, voltei à oficina. Não vi mais o bloco informe, mas também não vi obra d'arte. Em lugar da pedra bruta estava uma espécie de coluna irregular, uma figura branca de formas imprecisas, ia quase dizendo uma nuvem com vagos delineamentos de corpo humano. Distinguiam-se, com dúbia clareza, o tronco, a cabeça, os membros, mas não se descobriam pormenores anatômicos, nem rosto, nem dedos, nem traço algum individualizante.

O escultor, em vez do martelo, empunhava uma espécie de talhadeira ou formão, uma ponta de ferro, que, de vez em quando, trocava por um grande cinzel.

Sorrindo, satisfeito, disse-me o amigo:

"E' mármore de lei, e do melhor. Não encontrei um só veio escuro. Estou de sorte"...

E continuava a bater, a cortar, a cinzelar.

*

*   *

Semanas volveram...

Tornei à oficina do escultor. Estupefacto, parei à entrada. Diante de mim se erguia, alva como a mais pura das neves, uma efígie marmórea

de indescritivel encanto. Corpo esbelto, ligeiramente coberto de vestes que pareciam tecido finíssimo; semblante venusto, que dizia um mundo de coisas belas e sublimes; mãos semi-erguidas ao céu em atitude de prece, ou à espera duma dádiva divina — lá estava esse gracioso sopro de Deus feito nívea estátua de mármore...

Quedei-me por longo tempo nessa contemplação, bebendo, com os olhos e com a alma, esse conjunto de beleza, de graça, de poesia e de mística...

E tudo isto surgiu dum bloco amorfo, bruto, informe...

Surgiu, à força de inúmeros golpes de martelo, de cinzel, de esmeril, sob a inspiração dum grande artista...

*
*   *

E eu pensei em vós, almas humanas que gemeis sob os golpes da adversidade e das dôres da vida...

Pensei naquele grande Artista que, dia a dia, trabalha nesse mármore de lei da vossa alma, desbastando, esculpindo, aperfeiçoando, até que esse bloco amorfo e rude do simples indivíduo se transforme eu autêntica personalidade, numa obra-pri-

ma de arte e beleza, digna de figurar no templo da eterna Divindade...

Quando compreendereis, almas sofredoras, as intenções do grande Artífice?...

Quando compreendereis, esculturas de Deus, essa carinhosa "crueldade" do divino Escultor?...

Quando?... quando?...

16. - Jardineiro e jardins

Quando Madalena, na alvorada daquela primeira Páscoa, chorava à entrada do sepulcro vazio, não havia em sua alma um vislumbre das luzes pascais, mas, sim, as sombras tétricas de uma grande quaresma.

E no meio dessas sombras e tristezas lhe aparece o Mestre. Ela, porém, não o reconheceu; "pensava que fosse o jardineiro".

Isto pensava a Madalena lacrimosa em plena Páscoa — e tinha razão; pois era, de fato, o jardineiro, o solícito e carinhoso cultor desse jardim devastado pelas tempestades do sofrimento. À luz solar das pupilas do Nazareno, ao timbre suave da sua voz, ergueu-se e renasceu para uma vida nova aquela plantinha abatida pelo temporal.

Na vida de todo homem aparece Deus como jardineiro — mas raras vezes o reconhece o homem, imerso em tristezas e dôres.

Quando o jardineiro, durante o inverno, poda a sua planta, cortando-lhe muitos ramos e fazendo cair por terra essas partes integrantes do ser vegetal — que idéia formaria do hortelão a planta mutilada e ferida, se pudesse sentir e raciocinar

como nós? Evidentemente, consideraria o homem como um ser desalmado e cruel, um carrasco, um monstro perverso que se deliciasse em obras de destruição, num sadismo de incompreensivel ferocidade.

E, enquanto a planta chora e sangra por inúmeras chagas abertas pela aguda lâmina do podador, continua este na sua carinhosa crueldade — na sua crudelíssima caridade...

Sim, na sua caridade, porque todas as dôres que ele inflige à planta nascem duma grande bondade e benquerença. Se o jardineiro não tivesse confiança em sua planta, se não a estimasse, se ela não fosse planta de lei, deixá-la-ia crescer a bom crescer, como as ervas do campo. Mas, como lhe quer bem e como sabe que a planta não devidamente expurgada dos ramos fracos e das folhas excessivas acabaria por definhar aos poucos ou se esvairia em folhagem supérflua sem fruto sólido e bom, lança mão desse expediente doloroso para levar a sua planta à suprema perfeição de que ela é susceptivel. E' por isso que ele educa, disciplina e castiga as filhas gentis da Flora, não porque houvessem feito mal, mas porque são boas e capazes de se tornar cada vez melhores.

E' por isto que ele corta à videira as varas mais belas que produziu no último ano e ata-a estreitamente à latada, para que suspenda ao sol a exuberância de lindos cachos.

E' por isto que ele decepa o tronco da laranjeira bravia ou de fruto agreste, para nela enxertar um germe de qualidade que produza fruto cheio e saboroso.

E' por isto que ele, em certo tempo do ano, elimina das plantas floríferas algumas das folhas mais largas e robustas, para que maiores e mais vigorosos evoluam os cálices e as pétalas coloridas.

*

*   *

E' o que faz o divino Jardineiro da vida humana.

Tira-nos, não raro, o que temos de mais querido e íntimo. Corta, do meio da família ou amizade, uma pessoa sem a qual, parece, fica a nossa vida reduzida a um deserto, a um vácuo insuportavel, a um pavoroso contrassenso...

Sangra o pobre coração...

Estorce-se a alma em cruel agonia...

Cerra-se em torno de nós uma noite imensa...

Parecem extintas todas as estrelas do céu...

Apagados todos os farois da praia...

Alarga-se em torno de nós um saara sem fim...

A sociedade nos doi...

A solidão nos atormenta...

O trabalho enfada...

E repouso é sem alívio...

O sono sem descanso...

A vida um inferno...

Só a inexistência nos parece desejavel...

Voltar ao nada... submergir no seio do nirvana... abismar-nos na inconciência, no nada absoluto — ah! se fosse possível!...

Temos ímpetos de descrer de Deus, porque um Deus cruel não nos parece Deus algum...

E, no entanto, é esse "Deus cruel" o Deus de infinita bondade, o carinhoso jardineiro da alma que nos faz sofrer porque nos quer ver perfeitos e dignos dele...

Mas a sua providência é, atualmente, como um desses artísticos vitrais que, vistos de fora, parecem borrões de tintas em um cáos de veios de chumbo; só quando vistos de dentro, contra a luz, é que aparecem em toda a sua beleza. Um dia, contempladas à luz da eternidade, se revelarão as maravilhas da providência de Deus em nossa vida. Até as sombras mais espessas terão uma razão-de-ser... Até as dores mais acerbas cantarão uma sinfonia de ordem, de bondade e de amor...

E a planta humana compreendrá a carinhosa "crueldade" do divino Jardineiro, que a fez sofrer por entre lágrimas de quaresma afim de fazê-la sorrir e exultar entre aleluias de Páscoa e hosanas de felicidade...

17. - Anjos e demônios dentro do eu

Quando se fala em sofrimento, cada homem dá a esta palavra o colorido característico da sua própria vida e personalidade.

Sofrem todos — mas cada um sofre a seu modo.

Pois, como todo ser humano é um mundo por si, um universo original e inédito, vem o sofrimento de cada um revestido necessariamente da aura específica do sofredor.

Não há nada tão eminentemente individual na vida humana como o sofrimento.

Há tantas modalidades da dôr quantos os indivíduos que povoam a terra.

Sofrer é, para muitos, apenas padecer dôres físicas, moléstias, ferimentos, acidentes, infortúnios, pobreza, morte.

Sofrer é, para muitíssimos, um martírio da alma, oriundo de algum golpe invisível, duma injustiça, duma traição, duma calúnia, duma perfídia qualquer.

Entretanto, há ainda uma classe de homens que sofrem de outro modo, que, além das dôres físicas e morais dos outros, padecem sofrimentos me-

tafísicos, se assim se pode dizer. De perfeita saude corpórea e sem nenhuma injúria moral, vivem esses homens numa permanente agonia interior, agonia silenciosa e anônima, introvertida, incompreendida, indefinivel...

Sofrem, por assim dizer, a si mesmos, o seu destino, a sua missão.

Sofrem a natural limitação e insuficiência da própria natureza.

O seu compreender e querer é imenso, e o seu poder é mesquinho — e a distância que vai entre estes dois polos da vida é a bitola do seu sofrimento anônimo, da sua perene agonia.

Quando então um desses homens clarividentes e plenivolentes tem a cumprir, no cenário do mundo, uma grande missão, atinge a dôr imanente do seu espírito o mais alto grau de candência e intensidade. Arde-lhe o espírito em brasa acesa. Sangra-lhe a alma em chaga viva...

Sofre esse homem a indevassavel escuridão que envolve todas as coisas finitas. Sofre a vasta imperfeição que circunda todas as perfeições criadas. E sofre até esta coisa incrivel: a sobrehumana claridade da sua grande vidência e estesia interior...

Todo o saber superior nos torna tristes...

Todo o querer profundo gera martírios...

Quanto mais vasto é o saber, quanto mais alto o querer do homem, tanto mais acerbo é o seu sofrimento.

O homem de grandes vôos fere as asas nas barreiras da sua materialidade e insuficiência, barreiras que por outros espíritos, de surtos menos arrojados, não são atingidas e por isso não lhes causam dores.

Esses homens, mártires da sua grande missão ou vítimas dum destino ignoto, são necessariamente incompreendidos pela turba-multa dos gozadores profanos, e também pela legião imensa dos sofredores comuns. E por isso, isolados, se retraem cada vez mais da multidão, ao menos em espírito, e constroem o seu mundo à parte, criam a sua noite estrelada, vasta, profunda, taciturna, repleta de solidão e de mistério...

Esses espíritos que seguem à margem da estrada geral não são necessariamente pessimistas e misantropos — se o são é porque não são espíritos superiores. Refugiam-se à solidão interior, porque sentem que é o seu clima.

Há uma solidão negativa — e há uma solidão positiva.

Há uma solidão-vácuo — e há uma solidão-plenitude.

Aquela é uma zona sinistra que, com a fatalidade dum destino e duma tragédia, empolga e envolve o homem, isolando-o no vasto saara da sua grande noite interior.

A solidão positiva, porém, é um silencioso paraiso criado pela poderosa liberdade do espírito humano.

Aquela é um exílio para o qual a vítima é desterrada — esta é uma ilha longinqua em pleno oceano para onde se retira o homem afim de pensar mais a sós consigo e com Deus.

A solidão negativa é algo de terrífico, de indizivelmente trágico, porque é uma infinita vacuidade e um silêncio acabrunhador. O habitante dessa zona polar do espírito chega, muitas vezes, a fazer da sua vida uma filosofia, ou antes, uma metafísica, e até uma mística, satanicamente sedutora. Convence-se, ou persuade-se de que a eterna solidão é o destino fatal de todo homem; que não há humanidade, só há homens juxtapostos, sem nenhum vínculo de coesão e afinidade espiritual; que todo indivíduo se encontra isolado no espaço e no tempo, minúsculo grãozinho de areia, pequenino átomo suspenso na vastidão do cosmos, sem nenhuma relação com os outros átomos...

Deste veneno dulcíssimo se teem inebriado muitos dos grandes gênios da humanidade, exímios pensadores, artistas insignes, poderosos déspostas, grandes reformadores religiosos, arrojados titãs do espírito. Não poucos dos preclaros profetas da Divindade passaram a vida nessa taciturna e amaríssima solidão interior. Sofriam indizivelmente com o clima polar dessa grande noite, e muitos deles

sucumbiram por entre os glaciares sinistros dessa zona gelada. Vítimas de sobrehumana vidência e estesia, não valeram evadir-se do campo magnético da sua filosofia funesta, da sua metafísica noturna, da sua mística crepuscular...

Pode essa solidão negativa ser um destino, uma fatalidade, efeito de taras ou flúidos que circulem nas artérias do corpo ou da alma desses taciturnos sofredores. Mas pode ser também uma culpa, filha duma grande soberba, que fechou por detrás de si todas as portas da vida, cortou todas as pontes, rompeu todos os liames sociais, ergueu intransponiveis barreiras entre o Eu e o Tu, embriagando-se voluptuosamente com a peçonha duma infinita tristeza e melancolia...

Estranhos Narcisos, apaixonam-se esses homens pelo amargor do seu grande e solitário sofrimento. Gozam a dôr. Deliciam-se na tristeza. Atingem no ínfimo nadir duma dôr sem nome o zenite duma volupia anônima...

E tudo isto por entre as sombras crepusculares dum como semi-conciente sonambulismo, cujo verdadeiro motivo eles mesmos ignoram e do qual não conseguem despertar para a plena vigília da conciência meridiana...

*

*   *

Quando então esses solitários sofredores transferem para o terreno religioso a sua filosofia noturna e funesta metafísica, e quando esses mártires do próprio Eu são inteligências e vontades de elevado potencial energético — então assiste a humanidade a um dos dramas mais sublimes e mais satânicos da história. Surge então o que Romain Rolland, nos seus estudos sôbre Léo Tolstoi, apelidou de "demonismo religioso".

Não há palavra que melhor diga da imensa tragicidade de certas almas que, no mais alto céu da sua religiosidade, encontram o mais profundo inferno da sua obsessão espiritual... A sua grande paixão religiosa termina num sanguinolento ocaso de indescritivel sofrimento — e este mesmo sofrimento é o idolatrado objeto da sua paixão espiritual... Sofrem e gozam ao mesmo tempo o sadismo atroz de sua alma dilacerada, e querem obrigar a humanidade inteira a beber o mesmo cálice de infinita e dulcíssima amargura que eles bebem...

No fundo desse mar negro estratifica-se vasta camada de inextinguivel melancolia... Sobem cada vez mais as vagas candentes desse lago de lava vulcânica, até se apoderarem da alma toda, até encherem do negror noturno das suas vagas ígneas todo o ser do infeliz sofredor...

Pode ser que esse homem goze de perfeita saude física e mental. O seu estado não tem necessa-

riamente séde no sangue, no cérebro ou nos centros nérveos, embora possa, em certos casos, haver cumplicidade da parte da zona psico-física. A verdadeira séde dessa profunda melancolia espiritual se acha, ao menos nos casos mais característicos, nas regiões da metafísica, numa perturbação do próprio "hábito espiritual" do Eu, radicada talvez numa grande culpa do espírito...

O "demonismo religioso" revela e sintetiza toda a sublimidade e profundeza da alma humana, resume todas as luzes e sombras da sua vasta polaridade psíquica e espiritual.

E' estranho que numa alma de intensa espiritualidade — porque só estas podem cair vítima do "demonismo religioso" — ainda exista dualidade metafísica. E' estranho que até à excelsitude desse vértice atinjam as potências do abismo; que até nessas alturas invadam as trevas infernais do subconciente a divina claridade do conciente...

O homem empolgado pelo "demônio religioso" nada tem de comum com esses vulgares e cínicos escarnecedores da religião, embora a sua atuação demolidora seja, muitas vezes, considerada como heresia, ateismo ou ódio religioso. Assim como, no plano afetivo, o ódio é, não raro, a manifestação dum grande amor insatisfeito, assim nasce também o "demonismo religioso" duma alta-tensão espiritual, dum grande e veementíssimo amor à religião,

dum como delírio metafísico de insatisfeita espiritualidade.

Léo Tolstoi, como frisa Romain Rolland, é um dos tipos clássicos dessas almas profundamente religiosas e dolorosamente dualistas. A alma russa é, aliás, muito propensa ao "demonismo religioso", como se lê nas linhas ou adivinha nas entrelinhas das obras de Dostoiewski, de Berdjajew e de tantos outros pensadores dessa nação. Esse estado de espírito supõe, por um lado, uma profunda e decidida religiosidade, cujas raizes atinjam até às regiões noturnas do subconciente e da metafísica — e, por outro lado, uma eterna e inconciliavel desharmonia interior. Nesse angustioso crepúsculo, entre as trevas e a luz, entre dissonâncias e harmonias, flutua o espírito desses mártires da própria espiritualidade.

Os grandes heresiarcas da história, os arrojados reformadores e os ardentes fanáticos foram quase todos violentos perseguidores religiosos, não por motivo de ódio, mas, sim, de intenso amor à religião. Quase todos eles — ao menos os de boa fé — antes de desencadearem sôbre a humanidade o dilúvio das suas vagas sanguinolentas, tinham sofrido em seu próprio interior a veemência desse ciclone espiritual. Por amor à sua fé e ao seu Deus se julgam obrigados a infligir a si mesmos e aos outros indiziveis sofrimentos — esta boa fé anima a todos esses homens. Não mascaram de aparên-

cias de religiosidade a sua religião; não agem por egoismo, interesse, vanglória, cobiça, como tantos homens pseudo-religiosos, para os quais a religião é apenas um trampolim para as alturas dos seus fins pessoais. Não, a vítima do "demonismo religioso" é duma infinita sinceridade e seriedade. A religião lhe é a coisa mais sagrada e divina na terra — é Deus mesmo. Ferve nas íntimas artérias dessa alma a lava ígnea dum grande ideal metafísico, pelo qual está disposta a todos os sacrifícios, até a imolação da própria personalidade.

O que falta a esses homens trágicos é aquela serena claridade, aquele equilíbrio harmônico, aquela vigília conciente que é a última perfeição do homem religioso e que nos aparece, com sobrehumana beleza, na pessoa de Jesús Cristo, repleto de religiosidade e destituido de qualquer vestígio de fanatismo religioso.

No verdadeiro gênio religioso prevalecem os anjos serenos e benéficos do conciente sôbre os demônios lúgubres e terríficos do subconciente — ao passo que no homem empolgado pelo "demonismo religioso" sucumbe a lúcida aurora da vigília espiritual ao eclipse noturno do fanatismo cego e demolidor.

Não fôra Tolstoi esse espírito culto de altos quilates e eivado de intelectualismo ocidental, é certo que, em vez de restringir o seu "demonismo

religioso" à sua vida individual, o teria derramado, a exemplo de Calvino, Knox e outros, em mares de sangue e de lágrimas sôbre a humanidade cristã do seu tempo. Limitou-se a perseguir o próprio Eu, a maldizer da vida social, da ciência, da arte, da cultura humana. Preferiu à agudeza mortífera da espada a agudeza intelectual da sua lógica rectilínea, procurando alimentar o seu cristianismo com a essência pura do Sermão da Montanha, em vez de o diluir nas doses homeopáticas da religiosidade que via em tôrno de si (1).

O gênio religioso é calmo, panorâmico, construtor, como a luz solar — o demonismo religioso é inquieto, unilateral, demolidor, como um incêndio.

Há homens sem fanatismo religioso, porque possuem religiosidade plena e equilibrada.

Há homens sem fanatismo religioso, porque lhes falta a religião.

E há homens dominados de veemente fanatismo religioso, porque possuem grande religiosidade, mas falta-lhes a luz e a força necessárias para harmonizar as suas desharmonias internas e sintonizar numa unidade espiritual o seu dualismo metafísico.

A maior parte dos fanáticos que se nos deparam na vida religiosa são fanáticos por simples

---

(1) Cf. Lippert, obr. cit.

contágio externo, pela sugestão do ambiente, se é que no mais obscuro recôndito de sua alma não se ocultam motivos que são precisamente o avêsso da religião: egoismo, vaidade, espírito de exibição, intolerância, cobiça, orgulho, etc.

O fanático religioso, porém, cujo fanatismo não nasceu do contágio do ambiente nem de motivos mesquinhos, mas surgiu das incontrolaveis profundezas da metafísica — esse homem é um fenômeno ao mesmo tempo épico e trágico, digno de admiração e digno de lástima; objeto de assombro e alvo de terror; um ser quase divino e quase diabólico... Muitos o escarnecem, muitos o odeiam, muitos o temem, muitos o amam — porque poucos o compreendem...

E ele mesmo não se compreende, porque o que esse homem é espiritualmente não o é, a bem dizer, em virtude de alguma atividade livre e conciente, é-o muito mais em virtude duma força inconciente, dum "daimon", dum gênio ignoto, que atua de baixo para cima, que radica na zona noturna do seu ser e lança seus brotos, suas flores, seus frutos, para dentro da zona diurna da sua vida espiritual.

E é por isto mesmo que esse homem sofre a sua grande e misteriosa espiritualidade. Não domina essa espiritualidade — é por ela dominado, empolgado, escravizado. Essa espiritualidade é como uma potência cósmica que, do tenebroso uni-

verso do Eu, invade o mundo dos pensamentos e afetos do ser humano...

E o homem delicia-se com esta invasão espiritual, porque para o homem superior o mundo espiritual é algo de indizivelmente belo, grandioso e sedutor — e ao mesmo tempo sofre esta incursão das potências cósmicas, porque se sente por elas ameaçado e tolhido em sua liberdade interior...

E é por isto que o homem empolgado pelo "demônio religioso" é profundamente feliz — e profundamente infeliz. Sofre a sua felicidade — e goza a sua infelicidade.

A sua vida oscila entre estes dois polos extremos. Esta polaridade é o seu céu — e é o seu inferno... Em face deste paraiso empalidecem todas as delícias profanas — e em face dos tormentos desta geena desmaiam todas as dores que outros mortais possam sofrer...

*

*   *

Para que este "demonismo religioso" seja para o homem um querubim redentor, e não um lúcifer de perdição, é necessário que o homem saia da su grande solidão espiritual — não para o meio da sociedade, que talvez lhe descompreenderia os mais sagrados e dolorosos mistérios, mas para a luminosa sociedade daquele que disse: "Eu sou o

caminho, a verdade e a vida... Eu sou a luz do mundo — quem me segue não anda em trevas"...

Através do Cristo encontrará ele, possivelmente, também o caminho para os cristãos, o retôrno para os homens, para a sociedade.

Uma vez desimpedido o trânsito e restabelecida a correspondência entre o Eu e Deus, será possível lançar também uma ponte entre o Eu e o Tu, reconciliar-se com o mundo dos homens, que, afinal de contas, é o mundo de Deus...

E tudo isto conseguirá o homem da solidão espiritual, se compreender o sagrado mistério do seu sofrimento...

Se souber sofrer sem pessimismo...

Sem amargura...

Sem descrença...

Sem desamor...

Sofrer com o Cristo e como o Cristo...

Então, derrotado o "demonismo religioso", cantarão os anjos de Deus o hino do "gênio religioso", o aleluia da Páscoa, o hosana da redenção divina pelo sofrimento humano...

18. - Realizando o eu ideal

Para compreender a verdadeira missão do sofrimento na vida humana, é necessário não esquecer que o homem é, geralmente, muito mais aquilo que desejaria ser do que aquilo que é historicamente.

Quando Jesús simpatizou com a Madalena prostrada a seu pés e debulhada em lágrimas, não simpatizou, certamente, com a "pecadora pública possessa de sete demônios", como diz tão enfaticamente mestre Lucas. Não simpatizou com aquilo que a todos inspirava antipatia e asco, com aquele mundo noturno de fraquezas carnais. Não simpatizou com a jovem de Mágdala que andava nos braços de homens animalizados — mas simpatizou com a Madalena ideal que vivia e gemia sob o invólucro desta triste realidade. Simpatizou com aquilo que Madalena queria ser, e não com aquilo que ela era. E o que Madalena queria ser no momento dramático em que, silenciosa, cobre de lágrimas, de ósculos e de perfumosas essências os pés do Mestre, isto queria a estrela de Mágdala ser desde sempre, desde moça, desde menina, embora obscura e inconcientemente. Circunstâncias infelizes e po-

tências adversas impeliram-na a uma zona alheia à verdadeira e íntima realidade do seu Eu humano e feminino. Mas esse autêntico Eu humano e feminino continuava a viver e a soluçar nas profundezas de sua alma, ansioso pelo momento da sua realização integral. "Da pátria formosa distante e saudoso, chorando e gemendo seus cantos de dor"... Dentre todas as dores anônimas da vida humana deve ser esta a mais atroz: não ser no plano real o que se deseja ser no plano ideal.

Difícil seria encontrar entre essas milhares de meretrizes das nossas cidades uma só que declarasse de conciência sincera: "Eu quero ser o que sou — e não desejo ser o que não sou". Quase todas essas infelizes que enfloram a tragédia noturna da sua vida com os fogos fátuos dum sorriso convencional, detestam a realidade que vivem e suspiram por um ideal que não conseguem viver. Quase todas elas são incomparavelmente melhores do que os "homens honestos" que as frequentam, porque estes gozam a sua volúpia com plena liberdade, ao passo que aquelas são gozadas e exploradas quase sempre coagidas por alguma circunstância alheia à sua vontade, vítimas de alguma tragédia fisiológica, econômica ou social, que só Deus conhece...

O homem é plenamente aquilo que é quando livremente deseja ser o que é.

O nosso ideal, quando sinceramente cultivado, é que é o nosso verdadeiro ser, mesmo quando a nossa realidade não coincida ainda com esse ideal. A realidade histórica depende quase sempre de fatores e circunstâncias alheias à nossa vontade — ao passo que o nosso ideal é integralmente nosso, é a alma da nossa vida, é a vida da nossa alma, é a quintessência do nosso Eu. Por isso, o que caracteriza a nossa verdadeira vida, o que dá atitude e colorido ao nosso ser é o nosso ideal, porque o nosso verdadeiro Eu principia lá onde principia a liberdade — e só os nossos ideais é que vivem nesse clima de perfeita liberdade. Pode a realidade histórica ser fruto de algo semi-livre, mas só o nosso mundo ideal é que é plenamente livre.

Daí se explica a estranha indulgência que Jesús tinha para com as Madalenas e Samaritanas do seu tempo, com os Levi e Zaqueu, com o ladrão crucificado, com os "publicanos e pecadores". Daí se explica também porque ele detestava os fariseus, escribas e doutores da lei. A extraordinária vidência do Nazareno — sem falar da sua oniciente divindade — descobria, para além das realidades históricas desses pecadores, uma realidade ideal que os homens não enxergavam: o grande desejo dos Zaqueus e das Madalenas de serem o que não eram, de ser o que eram apenas no íntimo santuário da alma, mas não na realidade histórica da sua vida.

E o Nazareno, com as luzes e forças da sua graça onipotente, transformava em realidade objetiva a subjetiva nostalgia dessas almas — desses homens maus que queriam ser bons. Realizava a *força do alto* o que a *força de dentro* só conseguia desejar.

Por isso, certos homens — sobretudo os doutores das aparências e analfábetos da essência — execravam o Nazareno como "amigo de publicanos e pecadores", e não compreendiam como é que um homem que se dizia profeta e enviado de Deus pudesse simpatizar com o rebutalho da humanidade e colocar a escória moral acima da "justiça" dos doutores da lei, escribas e sacerdotes da sinagoga.

Não indagava Jesús o que tinham feito os que dele se aproximavam, não queria saber quais as suas virtudes ou os seus vícios — queria saber tão sómente qual o desejo de seu coração, qual a grande saudade de sua alma, qual o longinquo ideal do seu espírito, qual o objeto da sua grande e, talvez, inconciente e anônima nostalgia do seu ser. E pela natureza desse grande e íntimo desejo é que o Nazareno aferia o valor das almas que dele se aproximavam. Para ele, o homem era aquilo que sinceramente desejava ser e se esforçava por tornar integralmente.

*

* *

Ora, no plano dos fatores naturais, nada há que tanto auxilie o homem a realizar integralmente o seu Eu superior como o sofrimento. E' ele que faz o homem "entrar na glória" da sua verdadeira personalidade.

A dôr desadultera o homem, adulterado pelo gozo.

A dôr descobre dentro do pseudo-homem o homem autêntico.

A dôr faz com que o homem torne a ser fiel a si mesmo, depois que o prazer o levou à infidelidade a si mesmo.

A dôr retifica o homem de todas as tortuosidades da matéria profana.

A dôr é, dentre os fatores naturais, a principal promotora duma absoluta sinceridade para com o próprio Eu — e a sinceridade é o princípio de toda a grandeza espiritual.

A dôr destróe todas as hipocrisias da vida...

Arranca todas as máscaras...

Desfaz todos os embustes...

Reconduz o filho pródigo de todas as "terras estranhas" para a "casa paterna".

Prostra todas as Madalenas aos pés de Jesús...

Leva todos os publicanos à confissão da realidade...

Acaba com toda a camuflagem e todas as cortinas de fumaça...

A dôr realiza dentro do homem o seu verdadeiro Eu...

Por isso, dizia Pascal que só no leito das dôres é que o homem é integralmente cristão...

E é por isso que o sofredor acaba, quase sempre, aos pés da cruz de Cristo, porque o cristianismo é a religião da inexoravel sinceridade...

A linha do sofrimento e a linha do cristianismo, embora sejam talvez distantes em sua base e origem, acabam necessariamente em linhas convergentes, quando traçadas em sentido reto, e terminam logicamente no vértice da pirâmide, em Deus. E isto, porque Deus é Verdade, Deus é Sinceridade, Deus é a suprema Realidade — e o sofrimento é o primeiro ministro da Divindade, e, por isso mesmo, o arauto da Verdade, da Sinceridade, da grande Realidade.

A ilusão, por mais bela, suave e blandiciosa, nos torna sempre inquietos, como agulha magnética desviada do seu norte — ao passo que a verdade, por mais austera e amarga, nos torna tranquilos e calmos.

Por isso, o sofrimento, como amigo da verdade e inimigo da mentira, nos enche sempre duma paz profunda e duma serena felicidade.

*

*　　*

Uma vez que o sofrimento descobre dentro do homem a alma boa do seu verdadeiro Eu, é também ele que ajuda a realizar este Eu no plano histórico.

O que o homem é no mundo ideal dos seus grandes e sinceros desejos, isto pode e deve ele tornar-se também na realidade objetiva da sua vida. O seu universo ideal deve fazer-se concreta realidade.

O que, por via de regra, impede e frustra esta realização do nosso mundo ideal são as enormes dificuldades criadas pelo sensualismo e pelo orgulho, dois fatores essencialmente adulterantes. O sensualismo reduz-nos a infra-homens, o orgulho pretende fazer-nos super-homens — em todo o caso, pseudo-homens, mentiras ambulantes, inverdades, aberrações da realidade.

O sofrimento, como fator de suprema verdade e retificação, destróe em nós a mentira bestial do infra-homem e a mentira luciferina do super-homem, estabelecendo a grande verdade do homem-homem, do homem real, assim como Deus o criou e Cristo o re-criou.

Por isso, o sofrimento retificador é tão amigo do homem como amigo lhe é a própria verdade.

Com a destruição do sensualismo e do orgulho está aberto o caminho para a verdadeira evolução espiritual do homem. Aterrada a baixada

da luxúria, e desaterrada a montanha da soberba — para usar a comparação de João Batista — está rasgado caminho plano e reto, está preparado o "advento do reino de Deus"...

E o reino de Deus está dentro do homem, como dizia Jesús.

O reino da verdade...

O reino da sinceridade...

O reino da suprema realidade...

Deus dentro do Eu...

19. - Pelo sofrimento à bondade

"Sêde perfeitos — disse Jesús — como perfeito é vosso Pai celeste".

Quer dizer que, dentro dos limites da nossa natureza específica, devemos realizar integralmente aquele ideal que representa a suprma perfeição do homem — assim como Deus, em sua natureza divina, é o ideal da perfeição infinita.

Deus, infinitamente perfeito, como modêlo da humana perfeição — que coisa mais bela podia Jesús dizer aos homens? que estímulo mais poderoso dar-lhes para as alturas?

O homem perfeito é o homem bom por excelência.

Sinceramente bom.

Profundamente bom.

Universalmente bom.

"Um só é bom, Deus" — disse Jesús. Divinamente bom — só Deus, infinitamente perfeito. Humanamente bom — todo homem humanamente perfeito

Deus — bom, por essência.

O homem — bom, por participação.

*
* *

Tantos e tão diversos são os sentidos da palavra "bom" que é difícil precisar a noção exata do "homem bom", na acepção genuina, autêntica e ideal do termo.

Homem idealmnete bom não é simplesmente o homem inteligente ou virtuoso. Conforme o timbre e colorido e a inflexão de voz com que pronunciarmos a palavra "homem bom", assume esta palavra sentidos vários, versicolores, desencontrados até. Assim como a palavra "um bom homem" significa, não raro, coisa bem diversa do que entendemos por um homem idealmente "bom", assim também pode o acento e a tonalidade característica de "homem bom" percorrer toda a escala cromática de cores e cambiantes, desde o sentido mais elogioso até ao menos recomendavel; pode simbolizar um homem simples, um homem bonachão, um homem despretensioso, um homem medíocre, um homem tolerante, um homem inexperiente, um homem sem problemas nem polaridade nem tensões internas, um homem ingênuo, cândido, infantil — e pode também significar a mais alta perfeição que o ser humano é capaz de atingir.

Quando aquele jovem do Evangelho se prostrou aos pés de Jesús e exclamou: "Bom Mestre!" queria ele, certamente, tecer ao Nazareno o maior louvor que a um ser humano se pode tecer.

Quando o povo galileu, incapaz de exprimir o que sentia, dizia toscamente: "Ele é bom", queria

exprimir a mais alta perfeição que entressentia na pessoa do profeta de Nazaré, mas que não sabia definir explicitamente.

"Bom" e "mau" são palavras de uso e abuso quotidiano, e, no entanto, não sabemos propriamente o que elas querem dizer, em toda a sua extensão e realidade. Disse Jesús que "Deus é bom", integralmente bom — mas nunca disse quem é mau, visceralmente mau.

A esta categoria de bons e maus pertencia, certamente, aquela pecadora de Mágdala que, em silêncio, chorava aos pés do Mestre os seus atos "maus" e era tão "boa" que, em atenção à grande "bondade" do seu amor, lhe foram perdoadas todas as "maldades" da vida.

E', pois, de supor que faça parte da bondade essencial dum homem, não apenas este ou aquele ato isolado, mas uma determinada atitude de sua alma, um hábito permanente, uma certa prontidão para com as coisas elevadas, uma como que luminosidade espiritual, algo de vívido e cálido, uma tal ou qual saudade de mundos longínquos, dos mundos da fé, do amor, da pureza, do idealismo, da liberdade — tudo isto faz parte daquilo que caracteriza o homem verdadeiramente "bom".

Quanto mais o homem se aproxima, pela crescente bondade, do Deus anônimo e indefinivel, tanto mais anônimo se torna ele mesmo. Podemos descrever realidades concretas, grandezas pal-

paveis; mas, onde principia o reino do espiritual, do divino, ali começa a falência de toda a definição precisa e nítida. Alma, espíritó, pensamento, liberdade, inteligência, vontade, amor, divindade — não há peso nem medida, não há silogismo nem argumento que a tão subtis e èxcelsas realidades dê forma definida.

E' possível que o homem bom nada saiba da sua bondade — e é precisamente esta ignorância um dos indícios da verdadeira bondade.

Bondade sabida é semi-bondade, e, por vezes, pseudo-bondade. Só Deus pode ter plena ciência da sua bondade sem a profanar nem amesquinhar. A bondade humana não suporta sem prejuizo a luz intensa que o holofote do saber conciente projeta para as regiões virgens da zona inconciente, onde as raizes da verdadeira bondade haurem a sua seiva vivificante. Só a penunmbra benéfica do não-saber protege eficazmente essa plantinha delicada...

Ser-bom equivale sempre a um querer-sair-de-si-mesmo.

Todo o ser verdadeiramente bom tende a ultrapassar os limites do Eu em demanda dum Tu — *bonum est diffusivum sui* — não para explorar esse Tu, nem para o arrastar para dentro de si mesmo (o que seria o limite da bondade); mas para lhe comunicar algo do seu próprio ser-bom.

Todo o Eu, quando bom, procura afirmar, produzir, criar algo em prol dum Tu. Quando esse Tu é maior, mais positivo, mais poderoso, mais pleno e perfeito do que o próprio ser, então o Eu se prostra diante dele e o venera e adora. Se esse Tu é menor, mais fraco, mais imperfeito e vácuo do que o Eu, então o homem bom se inclina para ele, compreendendo, amparando, auxiliando, erguendo-o do abismo à altura e, se possivel, doando-se a ele.

Tudo isto faz o Eu, não para receber algo do Tu, mas para dar ao Tu maior realidade, firmeza e plenitude.

A verdadeira bondade do homem se inspira, portanto, em motivos de absoluto desinteresse. Este desinteresse é da íntima essência da bondade.

O homem bom não pratica o bem para receber algum bem, nem mesmo para se tornar bom, mas tão sómente por causa do próprio bem que aos outros faz. Tão poderoso é esse bem que o homem faz aos outros, que não sómente faz bem a estes, mas lhe faz bem a ele mesmo, e — coisa admiravel! — tanto bem lhe faz que até o faz bom. E assim, sem saber nem querer, o homem que aos outros faz bem, a si mesmo faz tanto bem que aumenta a sua bondade intrínseca.

Esse não-saber da própria bondade, como diziamos, é característico do homem profundamente bom.

A bondade genuina não é narcisista. Não mira no espelho da própria perfeição a venustez do seu semblante.

A verdadeira bondade tem algo de leve, de imponderavel, de espontâneo, de gracioso, de etéreo. Quando arduamente conquistada e penosamente conservada à força de tantos e tantos exercícios, não deixa, certamente, de ser virtude e santidade, mas não é simples e singelamente a genuina e encantadora bondade do homem espontaneamente bom.

Nessa leveza e espontaneidade, nesse inefavel não-saber da própria perfeição, é que a bondade se parece com a arte e com toda verdadeira genialidade, que, em última anàlise, são carismas e dádivas gratúitas que a imensa liberalidade de Deus prodigaliza a alguns dos seus amigos favoritos.

Tão grande é, então, a responsabilidade desse favorito em conservar e fazer frutificar o presente da divina bondade, que a culpada esterilização da mesma o torna precisamente o contrário do que a bondade o devia fazer.

*

*   *

A bondade é como que um lago plácido que espelha o azul do céu.

No dia, porém, em que as águas dessa bondade dum Eu se puserem em movimento rumo a um

Tu — seja para o alto, adorando, seja para o fundo, socorrendo — nasce o amor, nasce a caridade.

Amor é bondade fluente.

Pode a bondade ser estática — o amor é sempre dinâmico.

Pode a bondade existir, isolada, num Eu — o amor só pode existir fluindo entre um Eu e um Tu.

Deus seria eterna e infinitamente bom, ainda que em sua única natureza houvesse apenas uma pessoa, nem existissem seres criados — mas Deus não seria amante se esta bondade ontológica não entrasse em fluxo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou entre o Criador e as criaturas.

No homem verdadeiramente bom, cedo ou tarde, começa a fluir essa bondade, em forma de amor.

Compreende-se daí que não há amor verdadeiro onde não existe bondade genuina; pois a bondade é a raiz do amor.

Só o homem bom pode amar em verdade.

A bondade, quando fluente e convertida em amor, termina sempre num Tu diferente do Eu, em se tratando de seres criados. Sai, por assim dizer, de si mesma e vai para dentro de outros sêres. Quando, na criatura, o termo do amor é o próprio amante temos o amor-próprio, o egoismo, o pseudo-amor, o interesse em alguma das suas múltiplas formas.

O amor não pergunta: Que recebo eu de ti? que és tu para mim? — mas, sim: Que posso dar-te? que posso ser para ti?

Podem presentes, abraços, carícias ser sinais manifestativos do amor, mas a sua essência e íntima natureza está na atitude interna da alma, numa grande e sincera bondade do Eu mobilizada em direção a um Tu, e por causa desse mesmo Tu.

Não pode receber amor quem não é idôneo para dar amor.

Só quem ama pode ser amado.

"A quem tem ser-lhe-à dado — mas quem não tem, tirar-lhe-ão até aquilo que julgava ter" (Jesús).

Falta ao não-amante o correspondente polo para receber a corrente psíquica do amor alheio.

Falta-lhe a respectiva corda para reagir à vibração espiritual que parte de uma fonte sonora.

Falta-lhe a antena sensivel que receba a onda que a estação emissora de alguma alma lançou ao espaço.

*

* *

Esta idoneidade para a bondade e para o amor é inata na alma humana. Existe em germe e potência.

Quando Deus rematou a obra da criação do mundo material, diz o Gênesis, "viu que era bom", e, quando criou o homem, "viu que era muito bom".

Se o homem, naturalmente bom, e até muito bom, se tornou menos bom, ou mau, pelo abuso da sua liberdade, nem por isto deixa de existir nele o

germe e a potência para ser bom, e muito bom, assim como Deus o criou. Entretanto, nem sempre o germe se desenvolve, nem toda potência se transforma em ato. Muita bondade potencial ou embrionária se atrofia e morre por falta de cultura e ambiente propício. Uma coisa, porém, é certa: onde quer que exista uma grande bondade e um amor genuino, por aí andou um grande sofrimento. Deus, certamente, poderia plantar essa florzinha maravilhosa em outro terreno e de outro modo a poderia fazer evoluir em todo o esplendor da sua plenitude; mas, na ordem atual das coisas, por via de regra, a perfeita bondade e o amor integral brotam dum solo rasgado pela lâmina cruel duma grande dor. Só num terreno regado de lágrimas e adubado de sangue é que vinga essa planta.

"Se o grão de trigo não cair em terra e morrer ficará estéril; mas, se morrer, produzirá muito fruto" — estas palavras de Jesús resumem toda a filosofia do amor nascido do sofrimento. Não pode a sementinha brotar, deitar raizes e criar folhas, se primeiro não romper a casca, o invólucro que encerra o germe vital. E esta ruptura é condicionada à umidade da terra. E' necessário que a semente desça ao fundo escuro do solo, que seja sepultada, por assim dizer, que morra para a luz, para o gozo, para o presente e para si mesma, afim de poder sair de si e viver na planta futura. Mor-

re a semente para que possa viver a planta. Da morte do Eu surge a vida do Tu — e neste mesmo Tu revive, rejuvenescido e super-potencializado, o próprio Eu.

"Se não morrer, ficará estéril — se morrer, será fecundo"...

Se a dôr não romper o invólucro do egoismo, ficará o Eu eternamente encerrado nessa estreita clausura, que não lhe permite plena evolução das suas potências latentes — mas, se o romper, sairá de si mesmo e encontrará um Tu e pelo amor atingirá a plenitude da vida pessoal.

E' por isto que São Paulo chama ao amor o "vínculo da perfeição", ou seja, o ápice, o foco, a síntese de toda a bondade. E' por isto também que o divino Mestre, em vésperas de seu grande sofrimento, compendiou toda a sabedoria do seu Evangelho neste preceito único: "Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos tenho amado — este é o meu mandamento". Amar a Deus acima de tudo, e amar o homem como a si próprio — é esta a síntese da "lei e dos profetas", a alma de toda a religião.

"Agora ficam a fé, a esperança e a caridade, estas três — a maior delas, porém, é a caridade"...

A bondade dinâmica, feita amor, confere ao homem a suprema perfeição da sua natureza.

"Deus é amor — e quem fica no amor fica em Deus"...

"Sêde perfeitos, assim como perfeito é vosso Pai celeste"...

Nessa amorosa adoração do Ser perfeitíssimo, e nessa amorosa inclinação a um ser inperfeito, é que está a suprema realização do próprio Eu, o "vínculo da perfeição".

Se a dôr não existisse, devia ser chamada à existência, afim de fazer do homem o que ele deve ser no plano eterno da Divindade.

E' necessário que o homem sofra — "para assim entrar em sua glória"...

Na bondade perfeita...

No amor genuino...

20. - O sofrimento preparando a união com Deus

Em todos os tempos da história tem o homem — os melhores dos homens — tentado conhecer a Divindade e unir-se a ela.

O homem subiu a todas as alturas da criação, espraiou os olhos por todos os horizontes do universo, interrogou todas as pulcritudes da natureza — à procura de Deus, em busca da Divindade...

Desceu aos abismos do mar; escutou o bramir da procela e o sussurro da viração; pediu resposta ao sol, à lua e às estrelas; interpelou as tempestades e o fogo, as nuvens, os relâmpagos e os trovões; perguntou a todos os sêres da flora e da fauna; auscultou as vozes mais suaves e os brados mais angustiosos do próprio coração — em busca da Divindade...

A síntese e quintessência do drama multimilenar da humanidade é uma comovente odisséia dos bandeirantes do espírito em demanda do Deus desconhecido...

E' este o fim último e supremo de todas as religiões, de todos os ritos, de toda a mística, de todo o esfôrço espiritual do homem: atingir a Deus, unir-se ao Absoluto, submergir no Eterno, identificar-se com o Infinito...

O que o homem deseja, em última análise, não é apenas um conhecimento platônico, uma união puramente intelectual, jurídica, mas, sim, uma como que fusão íntima, ia dizendo, física e até metafísica do ser humano com o Ser divino... "Inquieto está o nosso coração até que em Deus descance", suspira Agostinho, que, como poucos, sentiu essa imensa nostalgia da alma humana...

Mas... será possível esta união entre o homem e Deus? esta posse da Divindade? Não será isto uma utopia e temeridade?

Por três caminhos diversos, como diz William James, tem o homem tentado realizar esta sua união íntima com o Nume supremo: pelo *pensamento,* pela *ascese* e pelo *ato litúrgico.*

*

* *

Todas as escolas e ideologias de colorido filosófico, e, sobretudo, platônico, tentam escalar o céu pelas torres altíssimas da inteligência. Estão convencidos, esses filósofos, de que, prolongando em linha reta, ascensional, o raio vector do pen-

samento, acabará o espírito finito por encontrar-se com o Espírito Infinito, topará o homem com a suprema Realidade, com o *Logos*, razão central e básica do Universo. E esta Realidade — sejam quais forem os nomes que os povos tenham dado ao eterno Anônimo e Inominavel — é Deus.

Segundo os discípulos de Platão, quanto mais o homem aguçar a cúspide da inteligência, quanto mais percuciente tornar o gume do seu espírito, tanto mais se assemelha à Divindade, tanto mais se aproxima e apodera da infinita Inteligência cósmica — Deus. O tipo clássico do homem bom, virtuoso e santo seria, portanto, o intelectual, o filósofo, o pensador.

E' pena que esta tão bela e sedutora filosofia — que só podia ter por berço a Grécia intelectualista — não seja a expressão da verdade integral. Ela é, ao menos em parte, uma esplêndida ilusão, uma maravilhosa fata-morgana. E isto por uma razão essencialmente filosófica. Pois, em caso algum, pode o homem, pelo simples pensamento, apoderar-se do objeto pensado, e, menos ainda, identificar-se com ele. Medeia intransponivel abismo entre o sujeito e o objeto. O que o sujeito pensante chama para dentro do seu interior pelo ato cognoscitivo, é apenas uma imagem, um simples reflexo do objeto, ao passo que a realidade objetiva fica onde está, fora do homem, distante, inatingida, sempre longe do ente pensante.

O que nos salva das fauces do "fenomenologismo" de Kant e do "ilusionismo" filosófico dos seus discípulos é tão sómente a confiança que temos em a natural e necessária correlação entre a realidade objetiva e a imagem por ela projetada para dentro do sujeito cognoscente, dando-nos assim a certeza moral de que essa imagem não é uma criação arbitrária do nosso cérebro, independente do objeto, mas que é um arauto fiel da realidade, embora essa mesma realidade fique eternamente fora do nosso Eu pensante.

E' este o inextinguivel tormento de todo pensador sincero: não poder sair de dentro de si mesmo para apreender o objeto, nem poder trazer para dentro de si essa realidade objetiva. E, mesmo que com ambas as mãos agarrasse a realidade física do objeto, nem por isto a apreenderia com a faculdade cognoscitiva, não a possuiria intelectualmente. O sujeito cognoscente acha-se isolado dentro da sua fortaleza viva, como que num castelo medieval ao qual arrancaram todas as pontes levadiças que o punham em contacto com o mundo circunjacente. Eterno abismo negreja entre o Eu pensante e a coisa pensada. Apenas um débil reflèxo dessa coisa, coado para dentro do Eu, nos garante a sua objetividade real.

De maneira que, por mais intensa e vasta que seja a potência cognoscitiva do homem, por mais elevada e profunda que seja a sua filosofia — em

caso algum poderá a sua ciência uní-lo objetivamente à realidade, ou, em nosso caso, à Divindade. Poderá apenas fotografar-lhe no espírito uma imagem mais ou menos nítida dessa divina e infinita Realidade.

Revela-se, assim, a filosofia uma torre de Babel incapaz de atingir o trôno de Deus. Pelo simples pensamento não pode o homem possuir a Deus, assim como deseja possuí-lo para a sua beatitude integral.

*

* *

Desenganado de escalar o céu pela torre da filosofia e possuir a Deus pela força do pensamento, tentou o homem encontrar o Eterno em sentido contrário; abandonou o zenite do seu orgulho intelectual e foi em demanda do nadir do desprezo de si mesmo e de todas as coisas mundanas que acariciam esse Eu. Fugiu da sociedade, isolou-se em desertos e cavernas, rasgou as carnes com macerações e flagelos, debilitou-se à força de jejuns, vigílias e austeridades de todo gênero, a ver se, pela criação deste grande vácuo humano, conseguia atrair a divina plenitude.

Não erraram o caminho, esses bandeirantes sinceros da Divindade, mas andaram apenas meio caminho. Esqueceram-se de que o mundo de Deus não é inimigo de Deus, e que o homem não é tan-

to mais divino quanto mais distante da natureza que brotou das mãos do Onipotente. Esqueceram-se que a fuga do mundo não equivale a uma posse de Deus, mas que a natureza deve ser uma escada por onde suba o homem às alturas da Divindade.

O caminho da ascese trilhado por esses austeros bandeirantes da verdade é, certamente, um trabalho inicial, mas não é um trabalho completo e perfeito, capaz de levar o homem à posse integral da Divindade. Deus não habita no vácuo, no deserto, na negação — Deus habita na plenitude, na abundância, na reta afirmação de todas as coisas afirmaveis e positivas.

*

* *

Barrados os caminhos da filosofia e da ascese, abandonou o homem a linha vertical — a de cima e a de baixo, a da afirmação intelectual e a da negação pessoal — e procurou encontrar a Deus em sentido horizontal: tentou lançar misteriosas pontes para o além, por meio de ritos e fórmulas sagradas, a ver se destarte conseguia invadir, quase de contrabando, os domínios da Divindade, sempre distante e silenciosa. Cultivou a magia e a cabala, excogitou cerimônias cultuais e fórmulas litúrgicas para se pôr em contacto direto com o mundo invisivel.

Vai nisto algo de verdade, uma vez que todo símbolo lembra o simbolizado e aproxima o homem das longínquas realidades espirituais. Mas quem não vê que todo e qualquer ritualismo atinge apenas a superfície das coisas, e não a própria realidade, a eterna e intangivel Divindade? De mais a mais, quando mal interpretado, leva, não raro, à ilusão funesta de que essa brilhante superfície das coisas seja a própria alma e essência da infinita Realidade.

*

* *

Falharam, assim, todas as tentativas do homem de possuir a Deus pela filosofia, pela ascese, pela liturgia.

Viu-se o homem obrigado a rezar o confiteor da sua grande humilhação e reconhecer a sua absoluta impotência em face do maior e mais doloroso problema da vida: não dispõe de meio algum para subir ao céu e unir-se à eterna Divindade.

Revelou-se então o poder de Deus sôbre a fraqueza do homem...

Sabendo que o homem não valia subir às alturas do céu, desceu Deus às baixadas da terra — "e o Verbo se fez carne e habitou entre nós"...

Deus se fez homem para que o homem pudesse divinizar-se...

O de cima estendeu as mãos ao de baixo para que este pudesse ascender às alturas e unir-se ao alvo da sua eterna nostalgia...

*

* *

O que o homem pode e deve fazer para preparar este advento de Deus e esta união com a Divindade são duas coisas: uma de caráter *negativo*, outra de índole *positiva*.

Negativamente, pode e deve o homem preparar-se para essa divinização, removendo os impecilhos que obstem a essa vinda de Deus: a ignorância, a luxúria, o orgulho, o egoismo, a hipocrisia, todos os elementos anti-divinos.

Positivamente, deve o homem preludiar o advento do reino de Deus, ampliando o mais possível os limites do próprio Eu, pelo culto sincero da verdade, da justiça, e, sobretudo, pelo amor, amando o Deus de infinita perfeição nas suas imperfeitas imagens humanas.

O que a filosofia, a ascese e a liturgia não valem realizar integralmente, isto podem e devem elas ao menos preludiar, predispondo assim o homem para o advento de Deus, para a inhabitação de Deus dentro do homem.

Mas, como poderia Deus tomar posse do homem escravo de si mesmo, ou até da ma-

téria inerte, de algum pedaço de metal ou de barro?...

Como poderia Deus encher de si o que está cheio de coisas profanas, e até anti-divinas?...

E quem libertaria o homem da escravidão do Eu e do peso morto da matéria senão o sofrimento?...

Quem removeria os obstáculos profanos e quem lhe ampliaria a alma senão a dôr?...

Por isso, se é possível uma união entre Deus e o homem, possível é ela só entre o Deus de infinita pureza e o homem purificado pelo sofrimento.

Pelo sofrimento purifica-se o homem das coisas impuras...

Pelo sofrimento endireita o homem e torna planos e retos os caminhos da sua vida adulterados pelo prazer...

Pelo sofrimento torna-se o homem sincero cultor da ética do Evangelho, amigo da verdade libertadora, amigo da sinceridade retificadora, amigo da justiça redentora, amigo do amor e da caridade, que a tal ponto alargam e ampliam os espaços internos da alma que até o Deus de infinita amplitude se compraz em habitar neste mundo humano...

21. - Com os olhos no horizonte

A atitude que o Cristianismo nos dá em face da dôr não é, diziamos, como essas injeções de anestésicos ou inhalações de clorofórmio com que o estoicismo pagão procura tirar a seus adeptos a acerbidade e a conciência das dôres.

Nem é como esses multiformes derivativos com que o epicurismo pretende fazer esquecer os seus amigos as máguas de cada dia, distraindo-os com mil prazeres e voluptuosidades.

O Cristianismo não recorre à terapêutica de certos enfermeiros filosóficos que, em vez de curar, não fazem senão *camuflar* as chagas reais da humanidade, por meio de paliativos anódinos, enquanto essas chagas, aparentemente sanadas, continuam a existir e a supurar por debaixo dos tecidos celulares da alma, agravando, não raro, o estado mórbido do paciente.

Não, o Cristianismo não nega nem escamoteia os sofrimentos reais da vida. O Cristianismo afirma, explicitamente e com absoluta sinceridade, que a vida humana é uma luta perene. O seu divino Fundador é o rei dos sofredores, e todos os seus discípulos, se dele quiserem ser dignos, devem

"carregar a sua cruz todos os dias e seguí-lo". Quem não carregar a sua cruz não pode ser discípulo dele, não pode ser cristão genuino e integral.

Com estas palavras lapidares está decretada a união íntima, o indissoluvel consórcio entre o Evangelho e a cruz, entre a religião da suprema espiritualidade e a filosofia da dôr. Só se pode ser cristão autêntico entre o Getsêmane e o Gólgota. Fora deste caminho, não há cristianismo nem salvação. Quem o diz é o divino Mestre, ele, "o caminho, a verdade e a vida".

O Cristianismo tem a coragem e a lealdade de encarar de frente a cruz e abraçá-la com todas as suas arestas, em toda à sua gravidade, envolta em todas as sombras noturnas do horror, tinta com os mais sangrentos rubores da vida real.

O Cristianismo tem a inaudita sinceridade de dizer ao homem: Homem, aqui está a tua cruz, real, visivel, palpavel, pesada! toma-a sôbre os ombros e carrega-a para o topo do Calvário, com ou sem Cireneus e Verônicas, até ao derradeiro suspiro, até ao extremo limite das tuas forças, até ao limiar de um mundo ignoto!...

Nada de ilusões!

Nada de entorpescentes!

Nada de clorofórmio!

Nada de derivativos desleais!

Precisamente nessa inexoravel sinceridade do

Evangelho é que está a razão da força e confiança que ele nos dá no meio dos sofrimentos da vida. Temos confiança numa pessoa de cuja lealdade estamos intimamente convencidos. Nas horas mais decisivas da nossa existência, preferimos a verdade austera à mentira blandiciosa. Queremos ver claro, lutar de viseira erguida, em campo raso, e não de emboscada, por entre penumbras incertas.

*

* *

Dentre os motivos e as razões que nos ministram força e luz no meio das trevas e fraquezas da vida podemos distinguir a fé na imortalidade, e o exemplo de Jesús Cristo.

O materialista, o descrente, que considera a morte corpórea como o ponto final da existência humana, não encontra consolo real no meio dos seus sofrimentos. E tem razão, lá do seu ponto de vista. Pois, se a existência terrestre é a única, e se depois disto vem o vácuo, o nada absoluto do Eu, então a única filosofia razoavel é a do gozador sem restrições, como Salomão o descreve tão magistralmente:

"Diz o ímpio: Breve e penosa é a nossa vida. Não há quem salve o homem do termo final. Nunca se ouviu dizer que alguem arrancasse o homem do reino da morte.

Por acaso aparecemos — e mais tarde será como se nunca houvessemos existido.

Não passa de vapor o hálito das nossas narinas, e o pensamento é apenas uma centelha acesa pelo latejar do coração; se ela se extinguir, será o corpo reduzido a cinzas, e o espírito se dissolve qual aura subtil. Até o nosso nome será esquecido, com o tempo, e ninguem se lembrará mais dos nossos feitos...

Passa a nossa vida como o rasto duma nuvem, desvanece qual nevoeiro que os raios solares afugentam. Pois, como o perpassar duma sombra é o nosso viver... Não há quem torne do termo final, porque esse termo está sob sigilo, e de lá não há quem volte...

Por isso — vinde e gozemos os bens que existem! aproveitemos em cheio o mundo, como em plena juventude!

Venham preciosos vinhos e unguentos em abundância!

Nenhuma flor da primavera nos fugirá... Coroemo-nos de botões de rosas antes que se desfolhem! Nenhum de nós deixe de gozar em cheio as delícias da vida! Assinalemos com prazeres a nossa passagem, porque é este o nosso quinhão, este o nosso destino!" (Sb. 2, 1 ss).

Assim fala o materialista, o gozador profano.

Está gravado na íntima natureza de todo ser vivo o desejo da felicidade. E, quando a natureza chega a ser conciente, como no homem, atinge esse desejo uma nitidez e veemência irresistivel. Não ser feliz é, para o ser conciente, sinônimo de não existir, porque toda infelicidade é uma não-existência parcial, uma semi-morte, uma espécie de pseudo-vida. Tanto mais plenamente existe o ser quanto mais feliz se sente. A beatitude conciente é a mais linda flor da existência integral e perfeita, existência vivida em toda a sua plenitude, extensão, profundidade, altura e intensidade.

Nenhum ser pode renunciar à felicidade. Seria até ato imoral, deshonesto, anti-existencial e anti-divino, querer um ente abrir mão da sua felicidade, desistir da beatitude correspondente à sua natureza específica.

A "luta pela existência" que, como Darwin demonstrou, vai por todos os setores do mundo orgânico, é essencialmente uma "luta pela felicidade", porque nenhum ser perfectivel se contenta com a simples e desnuda existência, mas aspira sempre a uma existência mais intensa, mais plena, a uma evolução em sentido ascensional, à atualização das suas potências latentes — e no cume dessa perfeição está a felicidade cabal do ser.

Deus é a infinita beatitude porque é a existência de perfeição infinita. Um Deus que, em virtude da sua própria essência e natureza, não fosse

imensamente feliz deixaria de ser Deus — deixaria até de existir.

Quanto mais se aproxima da Divindade o ser criado tanto maior é a sua capacidade beatitudinal, porque tanto mais vasta é a potência ontológica e metafísica da sua natureza.

Pode esta ideologia parecer contrária ao Evangelho e à índole geral do Cristianismo, que, como foi dito, é a religião da cruz, a apoteose do sofrimento. Entretanto, essa contradição é apenas aparente, e não real. O Cristianismo é a religião do sofrimento precisamente por ser o Evangelho da suprema beatitude. A dôr não é um fim, é apenas um meio. Religião que estatuisse a dôr como fim seria religião imoral, deshumana e anti-divina.

Ninguem pode gozar o des-gozo.

Ninguem pode amar a dôr em si mesma — assim como ninguem pode amar a não-existência, seja ela total, seja parcial.

Podemos admitir uma dôr temporária, por amor a uma felicidade eterna.

Podemos tolerar, e até amar o sofrimento como ponte e escada para um mundo melhor, mais puro, mais espiritual, mais divino. Podemos amá-lo como anjo condutor para uma existência mais perfeita, mais plena, mais conciente, mais feliz.

Podemos abraçar a semi-morte desta atual quaresma lacrimosa, mas com os olhos fitos na

pleni-vida daquela páscoa vindoura aureolada dos fulgores duma alvorada de inefavel beatitude.

E é precisamente neste sentido que o Cristianismo é a religião da cruz e do sofrimento.

Tanto mais feliz é um ser quanto mais consegue realizar o ideal eterno da sua natureza. E, sendo a dôr a grande realizadora desse ideal, compete-lhe lugar proeminente na hierarquia dos fatores beatificantes de todo ser perfectivel. Os seres inferiores conseguem essa realização durante a sua vida efêmera, ao passo que o homem precisa, para a sua beatitude, duma existência sem fim.

Quem não está convencido duma vida futura e duma existência eterna não pode sofrer com serenidade, porque para ele o sofrimento é o maior absurdo e o mais espantoso paradoxo da vida.

Como tolerar essa semi- ou pseudo-vida de dôres, se a vida é uma só?

Como resignar-se à idéia de não ter ao menos uma única vida plena, perfeita, integralmente vivida?

Como renunciar à felicidade no mundo presente, se no extremo limite dele negreja o abismo eterno do nada?

Como tolerar sem protesto e revolta a monstruosa mentira duma vida não vivida, se esta vida não passa dum lampejo fugaz entre duas noites sem fim, a noite de *ontem* e a noite de *amanhã?*

Viver essa semi-vida dilacerada de dôres? — Não! antes abrir mão desse triste farrapo de vida e voltar á não-vida do que tolerar essa pseudo-vida!...

Assim pensam e procedem milhares de desertores da existência — porque? Porque, crentes na atual mortalidade, descreem da futura imortalidade. Da sua falsa filosofia brota a sua ética imoral — e resulta a sua catástrofe existencial. Inútil toda tentativa de consolo para esses homens, enquanto lhes faltar o elemento básico, a fé na imortalidade da alma humana.

Felizmente, esta fé não é apenas uma teoria filosófica, nem tão pouco uma bela miragem criada pelos eternos anseios do coração insatisfeito. A idéia da imortalidade, além de ser demonstravel à luz da razão e dos desejos beatitudinais da alma, é também uma realidade experimental, provada à luz de inumeraveis fatos históricos — sem falar da revelação divina e cristã, que vai do Gênesis ao Apocalipse; pois a Sagrada Escritura se sintetiza nestes dois pontos básicos: a existência de Deus e a imortalidade da alma humana.

Entre os antigos egípcios era tão intensa essa fé na sobrevivência do espírito após a morte física que erguiam sôbre os restos mortais dos seus príncipes e homens notaveis gigantescos mausoléus em forma de pirâmides, afim de preservar das

intempéries o veículo da alma. Para este fim embalsamavam também cuidadosamente o cadáver.

Entre os chineses e outros povos asiáticos é expressivo o culto dos mortos, em cuja sobrevivência creem firmemente.

Nas religiões dos assírios, babilônicos, persas, gregos, romanos, celtas, germanos, das tribus africanas e australianas, entre os esquimós e selvícolas norte-americanos, no culto truculento dos aztecas do antigo México, entre os incas do Perú, na mitologia fantástica dos indios sul-americanos — por toda a parte encontramos a mesma fé numa vida futura, de mãos dadas com a adoração de um Ser Supremo. Se falsa fosse essa fé universal da humanidade, falsa seria a própria natureza humana, e essa falsidade redundaria no próprio autor da natureza racional. Deus mesmo mentiria aos homens, obrigando-os a crer numa simples miragem apresentada como realidade.

Com o advento de Cristo, saiu a fé na imortalidade da zona penumbral duma certeza relativa e entrou na zona meridiana duma certeza absoluta. O Evangelho é a maior apoteose da imortalidade que já se escreveu sobre a face da terra. João Evangelista e Paulo de Tarso, os mais arrojados paladinos da divindade do Nazareno, são também os grandes cantores da imortalidade da alma.

Desde esse tempo, resplende todo o orbe cristão iluminado pelos fulgores da fé na vida eterna,

e tudo o que de grande, de sublime, de heróico se tem cometido, nesses quase vinte séculos de Cristianismo, foi realizado à luz dessa fé. Morresse esta fé, morreria tudo que é grande e belo — se é que sem essa fé pudera nascer.

Colocada dentro da luz solar desta fé, todo sofrimento, por mais atroz, é suportavel, podendo tornar-se até amigo do homem.

Esta fé inspira ao crente uma atitude corajosa e serena e preserva-o da noite do pessimismo e da covardia da deserção do campo de batalha. Não atua como os derivativos e entorpescentes do paganismo estóico ou epicurista. Atua como uma grande e poderosa realidade vital: A fé vem da maior das realidades — e vai para a maior das realidades. E entre esses dois polos extremos se lança uma grande corrente energética, que em força converte todas as fraquezas, em luzes transforma todas as trevas.

O sofrimento cristão é uma afirmação de realidades amargas, porém toleraveis em face da afirmação duma vida futura. E' toleravel a mais acerba das realidades desde que o homem veja na sua existência e atividade algo de razoavel, de justo, de honesto, de bom, de divino. Por outro lado, pode a mais insignificante das dôres e decepções intoxicar o espírito e arrastar o homem a abismos

catastróficos, quando o sofrimento lhe parece um absurdo, um paradoxo, uma injustiça.

O Cristianismo, como suprema culminância da fé na imortalidade é, por isto mesmo, o mais poderoso fator de encorajamento e consolação, no meio das noites da vida terrestre. Com o advento do Cristianismo perdeu a dôr o seu caráter de cego e cruel fatalismo. Deixou de ser uma espada de Dámocles. Despaganizou-se. Foi batizada. Cristianizou-se. Adquiriu um sentido e uma razão-de-ser, porque dos horizontes do além coa uma luz que com os seus reflexos aclara os negrores da noite terrena.

Tolero a vida transitória — porque creio na vida eterna.

22. - Cristo e o sofrimento

O Cristo-taumaturgo enche-nos de admiração.

O Cristo-mestre rasga-nos horizontes de infinita amplitude.

O Cristo-apóstolo arrebata o nosso espírito a grandes entusiasmos.

Mas o Cristo-sofredor dá-nos aquilo de que mais necessidade temos por entre as dôres e decepções da vida presente: força, paciência, serenidade, paz interior.

Se o Nazareno tivesse remido o mundo apenas com o seu divino poder ou com a sua excelsa doutrina, e não com os seus humanos padecimentos, nem de longe teria ele conquistado tão imensa e profunda simpatia como lhe tributam milhões de sêres humanos.

Sentimo-nos bem em companhia de Jesús-mártir.

A firmeza da sua atitude robustece a vacilante dubiedade da nossa posição.

A serenidade do seu espírito acalma as tempestades da nossa revolução interior.

A intacta pureza da sua vida desperta em nós saudades de paraisos perdidos em plena Sodoma.

Todo novo conhecimento é uma nova ascensão espiritual.

Toda ascensão espiritual é um novo grau de libertação interior.

Toda libertação interior é uma nova alvorada para a verdadeira felicidade.

O peso da materialidade que de presente nos onera, como dissemos, será sempre o mesmo. As dôres da vida serão sempre as mesmas e tendem antes de aumentar e exacerbar-se com a progressiva evolução cultural do que a diminuir.

O acervo dos sofrimentos que pesa sôbre a humanidade e sôbre cada homem individual é enorme, acabrunhante, esmagador. Nenhuma filosofia, nenhuma teologia, nenhuma metafísica, nenhuma mística está em condições de reduzir sensivelmente o coeficiente das dôres humanas.

Não o podem, e, ainda que o pudessem, nem com isto teriam dado solução definitiva e cabal ao problema do sofrimento, uma vez que o sofrimento genuinamente humano tem caráter espiritual e eminentemente personal.

Não pode o homem ser redimido do inferno da vida pela simples eliminação objetiva das dôres. O que o pode redimir, enquanto redimivel na vida presente, é tão sómente a atitude pessoal que ele assuma em face do sofrimento, a verdadeira e correta perspectiva que tome diante da dôr — é unicamente esta atitude e perspectiva que o pode

reconciliar com o sofrimento e fazer da existência terrestre, se não um céu aberto, ao menos um purgatório toleravel e salutar.

Ainda que aparecesse sôbre a face da terra um Messias que curasse todos os doentes, saciasse todos os famintos, expulsasse todos os demônios, e désse à humanidade todas as satisfações imaginaveis — nem com isto estaria solucionado o problema dos problemas.

É, de fato, o Cristo do Evangelho não mostrou o menor interesse pela definitiva abolição do sofrimento humano. Pelo contrário, disse e redisse aos seus discípulos que eles seriam alvo de todas as dores do corpo e da alma, e tanto mais intensamente sofreriam quanto mais com ele se parecessem. Os enfermos que Jesús curou são casos esporádicos, de caráter quase acidental. A humanidade como tal continua a sofrer os mesmos males, tanto antes como depois do advento do Cristo. Bem sabia o Nazareno que nem só de pão vive o homem, e que todo pão para a boca e o estômago não o poderia preservar da dolorosa fome do espírito e do coração.

Todo homem, chegado à maturidade espiritual, vive mais da "palavra" que do "pão", e, quanto mais ascende na escala da sua verdadeira humanidade, tanto mais sobrepuja a sua fome espiritual à fome material. Homens há que com tanta veemência sentem em si a fome do espírito que

se esquecem da fome do corpo e chegam a definhar fisicamente em face dos seus absorventes anseios metafísicos. Podem em verdade dizer com o Cristo: "O meu reino não é deste mundo".

Quanto mais o homem se habitua a viver nesse "reino que não é do mundo", tanto mais fácil se lhe torna tolerar os sofrimentos, que são deste mundo.

O homem que ainda esteja com ambos os pés firmados no solo maciço do mundo material, sente-se subitamente sem apoio nem sustentáculo quando as dôres e adversidades da vida lhe solapam esse solo e lho arrebatam de sob os pés. Fica então como que no vácuo, suspenso sôbre o abismo noturno dum grande desespêro. Tudo se lhe torna inconsistente, uma vez que lhe fugiu de baixo dos pés a única base em que ele se apoiava.

O homem espiritualizado, embora no mundo, não é do mundo em que vive. Aprendeu a matemática divina de criar um fulcro fora deste mundo de fenômenos transitórios e instáveis. Encontrou um rochedo extramundano e nele firmou os pés. E de lá assiste aos eventos e às vicissitudes multicores da história da humanidade e da história do próprio Eu. Sacudam terremotos o orbe terráqueo, varram ciclones a face da terra, rasguem raios e relâmpagos os espaços celestes, transbordem rios e mares, envolva hórrida caligem a atmosfera em derredor, venha o mundo abaixo com

todos os astros, planetas, luas e satélites — desabe em fragorosa derrocada toda a obra da sua vida exterior — esse homem continua firme no seu ponto intangivel; contempla, sereno, a conflagração dos elementos cósmicos; assiste, com perfeita calma de espírito, à revolta das potência do próprio Eu, que não valem expugnar o rijo baluarte da sua vontade, cimentado com as lágrimas dos seus olhos e o sangue do seu coração, — nada é capaz de perturbar a paz profunda e solene do seu espírito...

*
* *

E onde aprende o homem essa sobrehumana firmeza e energia?

Com o homem das dôres — com o homem-Deus...

Na escola do divino Mestre, à luz dos seus olhos e à luz do seu Evangelho, por entre as sombras do Horto das Oliveiras e aos ardores do Calvário é que o homem consegue sobrehumanizar-se, divinizar-se quase, pelo sofrimento.

Nos cumes das grandes montanhas reina silêncio absoluto — e nos cumes da grande espiritualidade impera a paz da alma, a serenidade do espírito, a imensa e suavíssima tranquilidade de todo o nosso ser.

Uma vez que o Cristo é a suprema culminância da espiritualidade, é também em sua compa-

nhia que o homem aprende perfeita paz e serenidade no sofrimento.

Também o discípulo de Cristo conhece noites tempestuosas — mas nenhuma escuridão, por mais negra, nenhuma nuvem, por mais espessa, consegue ocultar-lhe as estrelas do céu.

Também a vida do cristão é sacudida de violentos terremotos — mas nenhum abalo sísmico consegue dar em terra com os edifícios que ele ergueu sôbre alicerces eternos.

Em última análise, só existe uma única solução real do problema da dôr, e esta solução se chama CRISTO — Cristo, o Crucificado, Cristo, o Ressuscitado.

Fôra Cristo apenas o Crucificado, não seria completa a solução do doloroso problema, seria apenas meia-solução. Teriamos, sim, diante de nós um luminoso exemplo de paciência e resignação, de heroismo e nobreza d'alma — mas não teriamos esse jubiloso hino de vitória que o Cristo redivivo cantou sôbre a derrota das potências adversas, sôbre as lágrimas das dôres e sôbre os horrores da morte.

Ao *miserere* da paixão tinha de suceder necessariamente o *aleluia* da ressurreição.

As sombras vespertinas do sepulcro tinham de ser iluminadas pelos fulgores matutinos da Páscoa...

Do tronco áspero da cruz, coberto de rubor

sanguíneo, tinham de brotar as rosas purpúreas duma alegria imensa e perene.

Por isso, pode todo cristão sorrir entre lágrimas e saudar alvoradas no mais profundo negror das suas noites d'angústia.

Toda revolta em face da dôr, todo desespêro dos profanos, todo naufrágio moral do homem moderno proveem, em última análise, da falência do Cristianismo na vida social e individual dos nossos dias, proveem da falta duma fé viva e vigorosa na vida eterna.

Uma coisa é recitar atos de fé — e outra coisa é ter fé.

A fé é uma convicção profunda e inabalavel na existência dum mundo imortal, eterno, divino. E' a certeza absoluta de que o homem, na vida presente, não está jogado ao meio dum caos fatalista e duma cega babel de elementos irracionais, mas que à sua vida preside um plano eterno; que ele mesmo se acha ainda em plena jornada rumo às alturas; que todas as coisas adversas da vida são outros tantos impulsos para a luminosa excelsitude do seu grande destino.

O humano viajor, livre de sofrimentos, acabaria fatalmente por estacionar a meio caminho da sua evolução espiritual, ou cederia à lei da inércia moral resvalando aos poucos à baixada e aos pantanais da zona infra-humana.

A vida ideal de Jesús Cristo, o heroismo da sua morte, a vitória da sua ressurreição, o seu absoluto poder sôbre as potências da destruição e da hostilidade — tudo isto é de molde a encher de força e coragem, de serena confiança e jubilosa alegria a alma do verdadeiro e sincero discípulo de Cristo.

Cristo, o Crucificado!

Cristo, o Ressuscitado!

23. - Sofrimento voluntário

Na noite em que Jesús ia começar o seu sofrimento redentor, quis ele, antes de tudo, provar que tomava sôbre si com absoluta liberdade esses martírios e a morte. Não queria que aquela tão pavorosa quão gloriosa tragédia que poria termo à sua vida mortal tivesse o mais ligeiro vestígio de fatalidade imprevista e inevitavel. No mesmo intúito, já predissera ele, repetidas vezes e com toda a precisão, o tempo, o lugar e as circunstâncias da sua paixão e morte.

No Getsêmane, avançam sôbre ele os soldados romanos, e, atrás deles, os servos da sinagoga; aqueles, armados de espadas e varapaus; estes, repletos de ódio e despeito.

Oh! inqualificavel comédia! Querem os homens fisgar na ponta dos seus espêtos de pau e de ferro o espírito eterno e onipotente!...

Querem barrar com palitos o curso do sol!

Querem esgotar com uma concha de molusco o oceano da Divindade!

Querem ligar com teias de aranha o rei imortal dos séculos!

De tamanha loucura é capaz a sapiência dos dos homens...

Para mostrar a essas grandes crianças armadas de espadas e varapaus que não eram elas que o obrigavam a sofrer, mas que ele sofria porque queria, lançou Jesús contra os agressores uma daquelas invisiveis ondas do seu divino poder — e no mesmo instante cairam todos por terra, como que fulminados pelo raio...

Se Jesús quisesse, lá deixaria perecer seus inimigos. Não necessitava de lâminas de ferro nem de hastes de madeira para se defender contra eles. Bastava que sua vontade mobilizasse as invisiveis potências do espírito, mais poderosas que "doze legiões de anjos"; bastava que ele não ligasse esses invisiveis exércitos, e ninguem seria capaz de mover um só dedo contra ele. Não o quis.

Quem é realmente poderoso não tem necessidade de exibir poder. Pode aparecer inerme como o mais fraco dos fracos. Só o fraco precisa de ostentar força, para que os homens, á vista dessa diminuta parcela de poder, creiam na sua força aparente e se esqueçam da sua fraqueza real.

Por isso, depois de provar a liberdade do seu sofrimento, retraiu Jesús as invisiveis correntes da sua divina espiritualidade e estendeu as mãos aos esbirros para que o prendessem e ligassem.

Jesús não foi capturado — foi ele mesmo que se prendeu por um ato espontâneo da sua vontade.

Quem sofre livremente não é vítima nem escravo — é senhor e soberano do sofrimento. Sofrer assim, só o pode o homem que livremente se associa ao divino Crucífero o rumo ao Cálvario.

Para que o homem possa sofrer livre e espontaneamente deve ele ter grande fé no poder do espírito sôbre a matéria. "Crer" não quer dizer apenas recitar atos de fé, fórmulas feitas, tomadas de algum devocionário. Crer, no sentido genuino e pleno da palavra, quer dizer estar intimamente convencido de que o espírito é a grande realidade central do universo, e a matéria não passa duma sombra vaga e quase irreal, na extrema periferia das coisas. Crer quer dizer viver diariamente as grandes realidades do mundo invisivel, inverter diametralmente os conceitos da filosofia materialista e empírica e considerar o espírito como centro e eixo de todas as realidades.

Quem crê assim no poder do espírito pode, com absoluta paz e serenidade, permitir que sôbre ele desabem todas as vagas da dôr, que contra ele esbravejem todas as tempestades da perseguição, que todos os terremotos da desilusão lhe sacudam o sòlo e sub-solo da alma. Pode dizer com o Nazareno: "Tenho de ser batizado com um batismo (de sangue) — e como anseio por que ele se realize!"

A compreensão cabal da verdade nos torna calmos, porque verdade é poder.

Quem possue grande poder não necessita de recorrer a violência, porque violência é des-poder, é sinal de fraqueza. O homem verdadeiramente poderoso e detentor duma vasta potência espiritual é indulgente, benévolo, amigo dos seus inimigos; pode com toda a sinceridade e sem ares de heroismo pedir a Deus: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"... Pode, com a maior naturalidade, apresentar a outra face a quem o feriu na direita. Pode, sem ostentação de virtude, ceder a capa a quem lhe roubou a túnica, e acompanhar por dois mil passos a quem o obrigou a acompanhá-lo por um milheiro.

A conciência da verdade, que é o poder do espírito, torna o homem paciente, longânimo, tolerante, profundamente benévolo e bom.

A verdade é suave, silenciosa, amiga. "Não quebra a cana fendida, nem apaga a mecha fumegante, nem se ouve o seu clamor nas ruas"...

Verdade é amor — e "o amor tudo crê, tudo espera, tudo suporta, tudo sofre".

Jesús venceu o mundo, porque triunfou pela verdade e pelo amor.

Por isso, podia sofrer com calma e serenidade.

Tanto mais cristão é o homem quanto mais espiritualizado, e tanto mais espiritualizado quanto mais perfeito for o seu domínio sôbre a matéria.

Sempre existirá no mundo o sofrimento enquanto existir o homem. O homem não pode eli-

minar da sua vida a dôr — mas pode cristianizar o sofrimento, pode "divinizar" a dôr — e uma dôr assim "divinizada" é muito melhor para a evolução espiritual do homem do que a ausência do sofrimento.

Pode o homem fazer dum veneno mortífero um antídoto vivificante.

Pode transformar a mais terrivel peçonha da vida no mais poderoso elixir da imortalidade.

Tão grande é o poder do espírito!...

Tão imensa é a potência de Cristo Redentor!...

4. - A biologia da dôr

Todo o ser vivo, ao menos no presente estágio, se acha sujeito ao sofrimento. E' lei da natureza.

A função biológica da dor é da mais alta relevância, porque está a serviço da conservação e evolução do indivíduo e da espécie. Sendo o ser vivo um conjunto de elementos de cuja harmonia funcional depende a vida e atividade vital, deve o indivíduo zelar solicitamente pela existência e integridade de cada um desses fatores. Para conseguir que o ser vivo cuide eficazmente da existência e integridade dos seus elementos constitutivos é que a Natureza, sempre admiravel em suas leis, o dotou da faculdade de sentir dôr e prazer, sendo aquela uma advertência de perigo iminente, e este um atestado de funcionamento normal.

Entretanto, nem a dor nem o prazer limitam a sua missão à simples conservação do indivíduo. Vão além, e, uma vez que a conservação do indivíduo por maior lapso de tempo não é possivel sem a perpetuação da espécie, desempenham a dôr e o prazer importantíssimo papel na reprodução biológica do ser. Se assim não fosse, não tar-

daria a vida da espécie a extinguir-se sobre a face da terra com a extinção do indivíduo.

Toda a lesão orgânica, toda a afecção mórbida, a sêde, a fome, a fadiga, provocam no indivíduo uma espécie de dôr, impelindo-o a libertar-se do desagradavel dessa sensação e contribuindo assim para a existência, saude e integridade do ser.

Assim é que, em todo o âmbito da natureza viva, a dôr não é um fim, mas tão sómente um meio para atingir um fim superior — como também o prazer tem por fim a consecução dum determinado objetivo considerado pelas leis naturais como necessário ou conveniente.

Nenhum organismo repararia prontamente as lesões sofridas, se com o ferimento não experimentasse tal ou qual sensação de dôr. Pode esta sensação ser nitidamente conciente nos sêres superiores, ao passo que nos organismos inferiores é, talvez, semi-conciente ou sub-conciente, segundo o grau que cada ser ocupa na escala hierárquica da vida. Pode percorrer toda a escala das dôres, desde a mais intensa até à mais fraca e diluida; mas, de algum modo, ela existe e impele o indivíduo a cuidar de si mesmo.

Por onde se vê que, mesmo no plano mais primitivo, o sofrimento tem uma função essencialmente positiva, benéfica, salvífica, construtora. Não existe em todo o universo dos sêres vivos

uma dôr de caráter e finalidade negativos, destruidores ou simplesmente passivos.

Toda dôr é uma afirmação — e não uma negação.

Toda dôr está a serviço da vida — e não da morte.

Toda dôr é inimiga da estagnação e do regresso — e amiga da evolução e do aperfeiçoamento.

Toda dôr é construtora — e não demolidora.

O escopo de toda dôr é, em última análise, o prazer, porque este é índice de saude e integridade vital.

Dôr e prazer são irmãos, e, por mais diversos que pareçam, teem a mesma natureza e a mesma missão a cumprir, missão nobre, positiva, sublime: a defesa da vida em todas as suas formas e manifestações. A dôr é a poderosa vanguarda da vida, a vigilante atalaia do mais grandioso fenômeno que sôbre este planeta apareceu.

Impossivel seria, não sómente a conservação da vida, senão também a evolução da mesma, nos vastos domínios da flora e fauna, se lhe faltassem esses dois fatores: a dôr e o prazer. São os dois polos sôbre os quais gira toda essa deslumbrante epopéia evolutiva que abrange milhares de séculos e de milênios. A paleontologia descobriu fósseis nas estratificações geológicas dos períodos siluriano e cambriano, que remontam a uns setecen-

tos milhões de anos antes da nossa éra. Já nesses tempos pre-históricos existiam, portanto, sêres orgânicos: moluscos, trilobitas, corais; e já nessas épocas obscuras imperavam sôbre a face da terra esses soberanos da evolução: a dôr e o prazer. Nunca teriam os tempos subsequentes do Trias, Jura e Creta — uns trezentos milhões de anos antes da nossa éra — visto os gigantescos sáurios de 25 metros de comprimento e 40 toneladas de peso; nunca teria o período Terciário — cêrca de duzentos milhões de anos antes do nosso tempo — produzido essa imensa variedade de peixes, répteis, aves e mamíferos, se não imperassem sôbre a terra a dôr e o seu sorridente irmão, o prazer.

Nunca teria o microscópico protozoário unicelular saído do nível primitivo da sua extrema simplicidade, se não fôra capaz de sentir algo de agradavel e desagradavel dentro da gotinha incolor de protoplasma que lhe constitue o corpo gelatinoso.

Nem jamais teria ao mundo dos peixes e répteis sucedido o das voláteis e dos quadrúpedes, se na criação de orgãos locomotores mais perfeitos não houvesse alguma sensação de prazer suplantando o desprazer.

Sôbre as asas noturnas da dôr e as asas diurnas do prazer se processa toda a evolução do mundo orgânico.

*

*   *

A biologia é, no fundo, uma só para todos os seres vivos, sem excetuar o próprio mundo intelectual e espiritual. Nenhum ser atinge a plenitude da sua evolução senão através das vicissitudes acerbas e deliciosas desses dois fatores de toda a vida.

Indivíduo que nunca se visse agredido pelo sofrimento, que não fosse obrigado a se defender contra algum inimigo, não sairia jamais da planície da sua primitiva mediocridade e imperfeição. Assim como a corrente elétrica só faz encandescer o fio metálico quando este, devido à sua estreiteza, lhe oferece notavel resistência, ao passo que o percorre sem luminosidade alguma quando a ponte metálica é por demais larga e cômoda, assim também nenhum ser aperfeiçoa as suas aptidões e qualidades dormentes quando a vida lhe corre por demais agradavel e facil.

A maior desgraça para qualquer ser vivo, racional ou irracional, é não ter inimigos, não encontrar dificuldades a vencer, não ter de lutar contra potências adversas.

"Amar os inimigos", não é apenas preceito da ética cristã, é também um postulado fundamental da biologia natural, porque os nossos "inimigos" nos são, geralmente, amigos mais verdadeiros do que todos os que nos louvam e adulam, oportuna e inoportunamente. Se nos faltassem esses "queridos inimigos", esses "inimigos amigos", seria a nos-

sa vida uma triste estagnação, em vez duma jubilosa evolução.

Toda a evolução do universo é resultado dessa bendita "inimizade", dessa luta perene contra potências adversas, dessa necessidade que a vida tem de se afirmar contra poderosos concurrentes e forças alheias.

Se Darwin afirma que toda evolução é *struggle for life* (luta pela vida), enuncia, certamente, uma grande verdade, porém uma verdade parcial. A luta do ser vivo não gira simplesmente em torno da questão primitiva de "ser ou não-ser", de "viver ou morrer", mas é, acima de tudo, uma questão de evoluir, de "ser-melhor", de "viver mais amplamente". Para conservar e transmitir a simples e desnuda existência não teria o ser vivo mister essa luta ingente de todos os dias, de todos os séculos e milênios. Mas o que ele quer, conciente ou inconcientemente, é conquistar uma existência melhor, uma vida mais plena, o desdobramento cabal de todas as potências latentes dentro de sua natureza específica. Daí o trabalho, a luta, o sofrimento, em linha ascensional.

A evolução é, pois, no seu ponto culminante e mais característico, uma luta pró-aperfeiçoamento, um drama milenar pela perfeição integral do ser.

Verdade é que muitos sêres sucumbem nessa luta pela vida e pela perfeição; mas os fortes se tornam mais fortes, e dos mais fortes se originam

os fortíssimos, os invenciveis, os que lançam pontes sôbre abismos e conduzem o mundo de perfeição em perfeição, consoante a vontade de seu divino Autor e Legislador.

Sêde perfeitos! — é a senha dos sêres em evolução.

*
*   *

Se em todos os setores do universo a dôr é fator de vida, progresso e aperfeiçoamento, seria paradoxal admitir que na esfera superior da vida racional e espiritual houvesse exceção da regra.

Se, desde o protozoário unicelular até ao mamífero, com seus bilhões de células, a dôr é necessária para que assim o ser vivo "entre em sua glória" — não é possivel que na vida humana tenha o sofrimento outra finalidade e razão de ser senão esta mesma: de fazer com que o homem "entre em sua glória", como dizia aquele que mais do que ninguem sofreu e melhor do que nós conhece a missão do sofrimento aqui no mundo.

Deus não se contradiz em suas obras. O que nos disse através desses milhões de séculos de evolução orgânica, isto mesmo nos diz também pela razão humana e pelos lábios de seu Filho: que todo o ser susceptivel de aperfeiçoamento deve as-

cender ao cume da perfeição lutando e sofrendo — até atingir a plenitude da sua "glória".

Sofre o homem porque não é perfeito — porém perfectivel.

O sofrimento, de perfectivel, o torna perfeito.

5. - Polaridade

Onde quer que exista polaridade alí existe possibilidade de progresso, evolução, aperfeiçoamento. E, quanto maior a distância e a tensão dinâmica entre os polos, tanto maior o potencial de evolução e perfectibilidade.

Só um ser de infinita perfeição não tem polaridade, porque nele se acham atualizadas todas as potências. Nele, portanto, não há luta e conflito entre a *realidade* e a *possibilidade,* entre o *ser* e o *poder ser,* entre o *termo* e o *caminho* da jornada.

Conflito também não existe no ser de absoluta imperfeição, num ser cujos polos se achem no nível zero — se é que tal ser pode existir. No caso, porém, que exista, acha-se ele em estado de absoluta inércia, num eterno equilíbrio passivo consigo mesmo, sempre quite com todos os seus débitos, porque ele mesmo é um enorme débito negativo, uma nulidade dinâmica. Num ser assim, não há "potência que tenda ao ato", porque não há ato, e ele mesmo é uma universal impotência.

Também no ser infinitamente perfeito reina paz, paz eterna e absoluta — mas é uma paz dinâmica, uma paz ativa e positiva, e não uma paz passi-

va e negativa, como no ser infinitamente imperfeito.

Este não evolue, por absoluta impotência — aquele não evolue, por absoluta potência e onipotência.

Aquele não progride, porque, em virtude da sua própria essência, coincidem todas as suas possibilidades com a grande realidade, que é ele mesmo, "actus purus", como dizem os filósofos. Nele está realizado, desde a eternidade, tudo o que havia de "realizavel".

O ser imperfeitíssimo não progride porque não há em sua natureza a menor possibilidade evolutiva, nada fora do seu grande zero em imovel estagnação.

O ser perfeitíssimo não progride porque ele é a plenitude de todo o progresso, ele é o Tudo, e por isso nada mais pode receber que não possua.

Entretanto, todos os sêres que se acham localizados entre esses dois polos extremos, entre o *não* absoluto e o *sim* infinito, estão em vias de evolução, ao menos no presente estágio acessivel ao nosso conhecimento. E toda evolução diz luta, conflito, sofrimento. E, quanto mais alto se acha um ser na escala biológica das entidades, tanto maior é a polaridade e a tensão dinâmica entre os dois extremos, entre o *real* e o *possivel,* entre o *hoje* e o *amanhã* da sua perfectibilidade. E, en-

quanto não coincidirem esses dois polos, haverá polaridade, tensão, luta, sofrimento.

Aqui na terra é o homem o ser de mais vasta polaridade — e, por isso mesmo, o maior sofredor. E, quanto maior se tornar essa polaridade pela intensificação da sua conciência, maior será o seu sofrimento.

Viver é evoluir...

Evoluir é lutar...

Lutar é sofrer...

Por isto, o nosso sofrimento é a nossa glória.

"E' necessário que o homem sofra tudo isto — para assim entrar em sua glória"...

6. - Entre dois mundos

A polaridade dos sêres — a distância entre o que *são* e o que *podem ser* — é a bitola da sua evolução, da sua luta, do seu sofrimento.

No homem é extraordinária essa polaridade, dada a sua natureza composta de elementos díspares que reclamam harmonização. Do mundo espiritual tem ele a alma e as potências superiores, inteligência e vontade — do mundo material tem ele o corpo com todos os órgãos e instintos próprios dos sêres irracionais.

Com esta dualidade de elementos constitutivos está aberta a porta para os mais trágicos conflitos e o mais profundo sofrimento. De per si, seria possível perfeita harmonia entre a matéria e o espírito, porque assás poderoso é o Autor da natureza para fazer dessas duas antíteses uma maravilhosa síntese, e pintar com as tintas claras e escuras dos dois mundos um quadro cheio de beleza e harmonia. E assim o quis, de fato, o Eterno — e assim o quer ainda hoje: a natureza humana, composta de elementos díspares há de ser um poema cheio de ordem e encanto, mais belo, em certo sentido, que o próprio mundo dos puros

espíritos. E' certo que há maior perfeição ontológica e metafísica no mundo dos anjos — mas o mundo dos homens é o mundo da poesia e da graça, o mundo dos contrastes e dos cambiantes, o mundo onde os arco-iris do sorriso brilham através de lágrimas de dôres — todo este mundo de estranha magia nasce essencialmente da fusão de dois elementos heterogêneos sabiamente sintonizados numa grande unidade. Poesia só existe na zona crepuscular onde se dão as mãos o espírito e a matéria, onde se abraçam os gênios das alturas e das profundezas, onde se diluem, num indefinivel jogo de côres e cambiantes, as luzes do céu e as sombras da terra...

E esta zona da poesia é a humanidade.

Podia a natureza humana conservar o maravilhoso equilíbrio dinâmico que lhe dera o divino Autor, subordinando o criado ao incriado, a matéria ao espírito.

Era isto possivel, em tese.

Entretanto, em face da liberdade que Deus outorgou ao homem, era possível também o contrário: o desequilíbrio dos fatores componentes e a subsequente luta dentro da própria natureza humana.

Com o livre arbítrio, inerente a todo o ser racional, estava aberta a porta para uma ilimitada polarização do ser humano, para um conflito de gigantescas proporções — para um paraiso imen-

so de beatitude e para um inferno sinistro de sofrimentos.

Com a sublevação do servo contra o senhor nasceu a revolta da matéria contra o espírito — dois conflitos que determinam a história da humanidade.

Autonomia versus autoridade!

Matéria versus espírito!

Assim como, no terreno da biologia física, o deslocamento dum membro ou a adulteração funcional dum órgão provocam invariavelmente uma sensação de dôr ou mal-estar orgânico, assim também produz toda a adulteração da biologia espitual, como fenômeno concomitante, um desprazer moral, um sofrimento, um martírio da alma.

E, em vista da estreita união vital entre corpo e alma, essa desharmonia espiritual acaba fatalmente por se refletir, cedo ou tarde, sôbre os órgãos mais sensiveis do corpo assim intoxicado por "indução", se assim se pode dizer, envenenando aos poucos toda a vida humana.

Sabemos que o espírito, desde o momento da conceição, constróe o seu corpo, a começar pela fusão de duas células até essa maravilha dos tecidos orgânicos, complicadíssima arquitetura de milhões de células. Mas esse mesmo arquiteto construtor destróe também o corpo que edificou, se o construtor se desharmonizar em suas funções superiores. A saude da alma preludia, inúmeras ve-

zes, a saude do corpo — assim como a enfermidade da alma provoca, não raro, a enfermidade do corpo. E' certo que para essa saude ou enfermidade corporal concorrem também fatores externos; mas o fator interno é de máxima importância.

Grande número dos nossos males físicos tem origem metafísica. Definha o corpo porque a alma está desharmonizada, sobretudo quando o organismo possue uma contextura delicada, vibrátil, éco e instrumento dócil de todas as vozes do espírito. Não são apenas o manicônio ou o posto de psicopatas que atestam o influxo deletério do espírito sôbre o corpo — é quase toda a história da humanidade, através das noites e dos dias da sua epopéia evolutiva.

Não houvesse desharmonia entre o espírito finito e o Espírito Infinito, não haveria, certamente, tão vasta dissonância entre o corpo e a alma — e estaria eliminada uma das principais fontes dos sofrimentos da humanidade.

E, como a humanidade é um todo, uma imensa cadeia de causas e efeitos, são os males transmitidos de geração em geração.

Todo homem é uma espécie de sintese e recapitulação da humanidade. Nas células germinais que deram existência ao nosso ser dormitavam potências sinistras de séculos e milênios pretéritos — como também potências luminosas dos sêres humanos que nos precederam. Culpamos a Deus

pelos males que sofremos, quando, na maior parte dos casos, deveríamos culpar a nós mesmos, seja na pessoa do próprio Eu, seja na pessoa dos nossos ancestrais. Pagamos o débito que contraimos por culpa própria — e pagamos o débito daqueles de que herdamos também o crédito do nosso ser com todas as suas boas qualidades. O simples fato de existirmos prova que esses milhares de élos da cadeia genealógica que nos precederam e nos deram o ser, sustentaram vitoriosamente a luta milenar da existência, tanto assim que levaram até nós, através da arriscada olimpíada da história, a chama ardente da vida e um determinado *quantum* de crédito ativo, para a continuação dessa mesma luta. Este simples fato de existirmos e vivermos equivale a uma grande probabilidade a favor da nossa vitória final e duma ulterior evolução, por entre as ofensivas da direita e da esquerda.

Ora, uma vez que o homem, composto de matéria e espírito, é livre, pode subir a todas as alturas e descer a todos os abismos do universo. Tem nas mãos as chaves do céu e do inferno, também para a vida presente.

Podia Deus criar um ser que não tivesse nas mãos essas chaves — mas, neste caso, devia deixar de criar o homem. Devia criar uma pedra.

de cabalmente o que é mundano, carne de sua carne, osso de seu osso? . . .

Por isto, se via o Mestre obrigado a soletrar e balbuciar diante dessas grandes crianças e desses eternos analfabetos o abc e a tabuada da mais vasta, sublime e profunda de quantas realidades existem no Universo de Deus . . .

Pois, como dizer o indizivel? . . .

Como definir o indefinivel? . . .

Que nome dar ao inominavel? . . .

Como vasar no acanhado receptáculo da humana inteligência o oceano imenso da Divindade? . . .

Como explicar a cegos de nascença a luminosa epopéia duma manhã de primavera? . . .

Como contar a homens espiritualmente surdos a estupenda sinfonia que, desde toda a eternidade, cantavam o Pai, o Filho e o Espírito Santo? . . .

Porque, pois, dizer a essas crianças, a esses analfabetos, a esses cegos, a esses surdos, o que era, de fato, o reino de Deus? . . .

"A luz brilha nas trevas — e as trevas não a compreenderam" . . .

Se nem foi compreendida pelos homens a suave luz crepuscular das parábolas e alegorias, envoltas na aveludada roupagem duma insinuante e cariciosa poesia, que teria acontecido se dos lábios de Jesús jorrasse a luz meridiana da verdade sem véu? se ele falasse sem símbolos nem metáforas?

se dissesse sem circunlóquios o que era o reino dos céus? se de chofre revelasse a plenitude dessa grande realidade?... Teriam humanas pupilas suportado sem prejuizo tão intensos fulgores?... Não teria a frágil retina do espírito finito sucumbido a essa tempestade de luz divina?...

Por isso, conhecedor da humana fraqueza, não derramou Jesús ante os nossos olhos a pleni-luz da divina realidade, mas tão sómente a semi-luz das parábolas, que são como que véus multicores, nuvens translúcidas, prismas intercalados entre o sol da Divindade e a pupila do homem, destinados a dispersar beneficamente, em suaves cambiantes, a candente claridade da luz solar direta e integral. Menos ofensiva para a limitada capacidade da nossa retina espiritual é a carinhosa maciez dessa luz difusa do que seriam os veementes fulgores duma luz tropical, duma linguagem direta e clara, despida de todas as roupagens coloridas de comparações poéticas...

Assim, se as trevas não valiam compreender a pleni-luz da verdade integral, compreenderiam talvez essa meia-luz da verdade envolta na gaze flutuante da fantasia...

Entretanto, como diziamos, o que era indulgente caridade e condescendência para com os homens, era angustioso martírio para a alma do próprio Nazareno. Ter de recorrer sempre a circun-

lóquios infantis, comparações primitivas, símiles tomados do mundo material para ilustrar o que há de mais imaterial; ter de traduzir sempre em língua estranha o idioma pátrio do seu espírito, não poder ao menos uma única vez desabafar a sua grande alma e dizer o que era o reino imenso de Deus — que tortura deve isto ter sido para o coração de Jesús!

Que adiantaria a um sábio dos nossos dias lecionar alta filosofia aristotélica ou platônica aos inquilinos dum jardim d'infância?...

Que fim teria explicar o teorema de Pitágoras ou os cálculos infinitesimais de Newton a um garoto ainda em luta com os mistérios da tabuada?...

Por isto, se fez Jesús criança com as crianças, ignorante com os ignorantes...

Nunca o gênio é tão grande como quando se faz pequeno com os pequeninos...

Nunca o filósofo é tão sábio como quando se faz inciente com os incientes...

Nunca se mostrou Jesús tão divinamente sublime como quando soletrava ingênuas parábolas e revestia de termos primitivos a infinita grandeza do reino de Deus...

Assim é que ele sofria, diante de homens profanos, a sua grande espiritualidade — e vivia a sua imensa caridade...

Às vezes, porém, depois de muito balbuciar e

traduzir em face dos homens ignaros, estava a alma de Jesús tão exhausta de fadiga e o seu espírito tão sedento de desabafo e liberdade, que, altas horas da noite, se refugiava à solidão das montanhas ou ao silêncio do ermo — e então, a sós consigo e com o Pai, dava livre curso ao seu pensar e sentir. Falava a linguagem de casa, sem parábolas nem alegorias... Liberto da penosa versão dos seus pensamentos, abismava-se no oceano imenso da Divindade...

E, quando esse ardente colóquio com o Pai eterno atingia o cume do fervor e da beatitude, então expirava a prece dos seus lábios no mais profundo silêncio...

E esta linguagem do silêncio era a mais verdadeira e eloquente linguagem do seu coração...

E quando então, ao correr das horas, clareavam no horizonte os primeiros albores do novo dia; descia o noturno orante das alturas do monte ou regressava da solidão do ermo, com a alma retemperada, disposto a passar mais doze horas ao meio dos homens — balbuciando primitivas parábolas sôbre o reino de Deus...

"O deino dos céus é semelhante a..."

Assim sofria o Nazareno a sua grande espiritualidade por entre a incompreensão e a descompreensão dos homens...

"Falava por meio de parábolas"...

*
* *

E' inevitavel que o homem, chegado a certa altura de espiritualização, tenha de sorver ao menos umas gotas desse amorgoso cálice da incompreensão, ou até da completa descompreensão da melhor parte da sua vida.

São Paulo chega a dizer que "o homem espiritual compreende tudo — ao passo que ele não é compreendido por ninguem"...

Muitos homens, em face da inevitavel incompreensão de seus semelhantes, afastam-se do convívio social, isolam-se em si mesmos, pessimistas, taciturnos, desprezando a todos os que não pensam como eles — e com isto mesmo provam a limitação da sua grandeza e superioridade.

O homem espiritual e superior compreende até o mais incompreensivel — a incompreensão dos homens. E, porque a compreende, tolera-a e perdoa-a, com grande indulgência e sincera caridade.

E, na razão direta da sua progressiva espiritualização, se vai tornando cada vez mais simples e infantil, acabando por se matricular no jardim d'infância do maior de todos os Mestres da humanidade, que lecionou esta divina filosofia: "Se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos céus... Graças te dou, meu Pai, porque revelaste estas coisas aos simples e pequeninos e as ocultaste aos doutos e entendidos!"

Ninguem é simples por si mesmo...

Só as grandes dôres simplificam o homem...

Só as grandes máguas e desilusões da vida fazem dele um cristal transparente...

E' por isto que o homem sincero, depois de afogar num mar de lágrimas a bagagem multiforme da sua natural complexidade, sai desse banho redentor como um ser virgem, como um novo homem, como algo de infinitamente singelo, diáfano, reto e espiritual...

Sai desse banho redentor como cristão genuino e integral...

E é então que o homem compreende pela primeira vez o Cristo e seu Evangelho...

27. - Apoteose do sofrimento

O capítulo 5.º do Evangelho de São Mateus é apelidado, geralmente, de "Sermão da Montanha".

Poderiamos, com a mesma razão, chamá-lo "apoteose do sofrimento e da espiritualidade".

Nunca, desde o princípio do mundo, foram proferidas sôbre a face do nosso planeta, palavras tão absurdas e tão sublimes como as que, no ano 31 ou 32 da nossa era, ecoaram das alturas da colina de Kurun-Hattin, ao oeste de Cafarnaum — palavras humanamente absurdas e divinamente sublimes.

Ainda que a humanidade continue a peregrinar nesta terra por milhares de anos e de séculos, dificilmente ouvirá palavras mais paradoxalmente grandiosas do que estas:

"Bem-aventurados os pobres"...

"Bem-aventurados os que teem fome e sêde"...

"Bem-aventurados os que choram"...

"Bem-aventurados os que sofrem perseguição, injustiça e calúnia"...

"Bem-aventurados sois vós quando de vós disserem todo o mal — alegrai-vos e exultai"!...

“Quando alguem te ferir na face direita, apresenta-lhe também a outra”...

“Quando alguem te roubar a túnica, cede-lhe também a capa”...

“Quando alguem te obrigar a acompanhá-lo por mil passos, vai com ele dois mil”...

“Dá a quem te pede lhe emprestes algo, nem reclames o emprestado”...

“Amai os vossos inimigos!... fazei bem aos que vos fazem mal”!...

Palavras como estas não devem ser lidas — devem ser vividas e sofridas, sob pena de não serem compreendidas.

Proferiu Jesús estas palavras, diz São Lucas, “depois de haver passado a noite toda em oração com Deus”. O homem que não passar ao menos “uma noite toda em oração com Deus” será incapaz de atingir o verdadeiro sentido desta divina filosofia do humano sofrimento.

Vibra nestas palavras a própria alma do Cristianismo, que nasceu no Gólgota, e só no Gólgota será integralmente compreendido, porque intimamente vivido e sofrido.

O Sermão da Montanha, proferido numa atmosfera de idealismo divino, só será compreendido numa hora de altíssima espiritualidade e intensa vibração psíquica, num desses momentos indefiniveis que, às vezes, iluminam a vida humana, impondo silêncio a todas as vozes da natureza, a

todas as tempestades da carne e do sangue, a todos os protestos do orgulho e da vaidade, a tudo quanto venha de baixo, de fora ou de dentro, para só escutar o que venha do alto...

Ao ouvir o Sermão da Montanha tem-se a impressão de estar no extremo limite entre o reino da matéria e o reino do espírito, lá onde se encontram as fronteiras dos dois mundos, lá onde se osculam o céu e a terra...

Parece ter chegado o momento solene de se romper o tênue véu que se interpõe entre o Aquém e o Além, entre o visivel e o invisivel, entre o humano e o divino...

Adivinhamos os albores dum novo dia...

Suspiramos por aquele mundo tão antigo e tão novo, tão nosso conhecido e tão desconhecido...

Sacudimos com veemência as pesadas cadeias da nossa materialidade, ansiosos, impacientes por erguermos vôo ao país da nossa grande saudade, às ignotas regiões da perfeita liberdade de espírito...

Aos fulgores longinquos desse novo dia, parecem os homens esquecer-se dos seus ódios antigos, sepultar as suas discórdias seculares, apagar as ominosas fronteiras entre o *meu* e o *teu*, lançar pontes de ouro sôbre os abismos que negrejam entre o Eu e o Tu... Parece a humanidade reconquistar o paraiso perdido e cantar uma sinfonia de paz, de amor, de harmonia e fraternidade universal...

"Bem-aventurados"...
"Bem-aventurados"...
"Bem-aventurados"...

....

Quem são esses felizes? esses homens que, em plena noite, cantam hinos à alvorada? esses sêres que preludiam na vida presente a bem-aventurança da vida futura?...

São todos os que, pelo sofrimento, se libertam da escravidão da matéria, do peso morto do próprio Eu, do orgulho, da luxúria, da cobiça, de todos os ídolos e demônios das pequenas e grandes vaidades com que os profanos costumam onerar a sua vida terrestre...

Bem-aventurados, ditosos, felizes são todos aqueles que sabem sofrer pobreza e tristezas, fome e sêde, injustiças e perseguições, os que, de lábios fechados e semblante sereno, sabem padecer todos os tormentos do corpo e todos os martírios da alma que sôbre o humano viajor possam desabar, no trajeto entre o berço e o esquife — bem-aventurados são eles, porque deles é o reino do céu, o reino divino da glória após a grande luta, e o reino divino da paz em pleno campo de batalha...

Real e profundamente feliz deve ser o homem que pelo Deus-homem foi chamado feliz.

Inefavelmente feliz é todo o homem que, através dum cáos de lutas e dôres, conseguiu firmar o

seu espírito num ponto de apoio fora do mundo material, fora do fluxo e refluxo dos fenômenos instaveis da quotidiana mutabilidade, para além deste mundo falaz e cruel de mentiras e injustiças, para além de tudo quanto olhos vejam, ouvidos ouçam, sentidos atinjam... Feliz desse homem que, da excelsa eminência do seu eterno e inabalavel rochedo, possa assistir, imperturbavel, a essa estonteante babel que se chama história da humanidade!...

"Bem-aventurados sois vós!... alegrai-vos e exultai!..."

*

* *

Depois desta deslumbrante apoteose do sofrimento que o Nazareno cantou sôbre as verdes colinas da Galiléia, depois desta divina beatificação dos sofredores, passou ele a esboçar, em luminosos traços, a alma do seu Evangelho, a essência do Cristianismo.

Declara de início que não veio para destruir a religião revelada nos séculos pretéritos, mas para levá-la à última perfeição e beleza. Retoma o "filho do carpinteiro", as ferramentas abandonadas por Moisés e pelos profetas da lei antiga e continua a esculpir a grandiosa efígie da revelação divina por eles iniciada. E sob as suas mãos de in-

comparavel artista não tarda a emergir, do imperfeito e semi-amorfo bloco da Tora, a suprema perfeição do Evangelho — esse maravilhoso retrato da intangivel Divindade, onde cada traço revela o gênio que o concebeu e a mão que o executou...

Jesús não veio para destruir, mas, sim, para construir. Sua missão é essencialmente positiva e construtora. Quando destroi, é só para construir sôbre as ruinas do erro humano o templo da verdade divina. Foi por isto que, mais tarde, os arquitetos do erro crucificaram o mestre da verdade — e é pela mesma razão que ele continua a ser "crucificado" através de todos os séculos.

O que o Nazareno disse depois daquele panegírico dos humanos sofredores, poderiamos sintetizá-lo nestas palavras: O verdadeiro valor do homem não está no que ele diz ou faz, mas, sim, no que ele é; depende da sua intenção, e não do simples ato externo. Esta intenção do espírito dá ou tira ao ato o valor moral; é ela a alma de todas as realidades históricas da nossa vida. O ato puramente objetivo não é bom nem mau, é eticamente neutro, incolor; quem lhe dá conteudo, atitude, colorido, valor ou desvalor, é a disposição interna do espírito, é a intenção com que é praticado. Pode um ato materialmente criminoso ser um grande heroismo da alma — e pode um ato historicamente sublime ser na realidade uma grande infâmia.

O Mosaismo, na sua fase imperfeita, dava muita importância ao *corpo* visivel dos atos humanos — assim como, durante o período evolutivo do organismo humano, prevalece o fator "matéria" sôbre o fator "espírito".

O Cristianismo, porém, fase perfeita e definitiva da religião, proclama a hegemonia da *alma* invisivel dos nossos atos sôbre a parte visivel dos mesmos — assim como no homem adulto, chegado à plenitude da sua evolução, prevalece o espírito sôbre a matéria, cabendo ao corpo o papel de servidor da alma.

E' à luz deste princípio central que deve ser entendido o que se segue, no Sermão da Montanha — e só o compreenderá cabalmente o homem devidamente espiritualizado pela dôr.

"Foi dito aos antigos — eu, porém, vos digo"...

O maior mal do *homicídio* não está na destruição duma vida humana — vida que Deus pode criar em número ilimitado — mas na perversa intenção do espírito que nesse ato se manifesta. E esta intenção subsiste também, quanto à sua substância e essência, em todo ato voluntário de ódio e inimizade, embora não culmine no ato externo — e por isso fulmina Jesús com palavras veementes essa "alma" do crime homicida.

A essência do *adultério* está na desordem interna do homem que sujeita o espírito à maté-

ria, o dono ao escravo, o superior ao inferior — e esta desordem existe muito antes que o adultério se consuma no plano concreto da realidade histórica. Mau é o adultério porque má é a alma que lhe dá corpo.

A malícia do *juramento* está naquilo que o tornou necessário entre os homens, isto é, a falta de confiança e de lealdade recíproca. Mau é o efeito visivel porque má é a causa invisivel que o produziu.

Segundo a filosofia de Cristo, o homem é muito mais aquilo que deseja ser, conciente e habitualmente, do que aquilo que é historicamente, de encontro aos seus íntimos desejos.

Por isso, Jesús não condena homem algum pelo simples fato histórico de ser ou parecer pecador — assim como, por outro lado, não louva homem algum pelo mero fato objetivo de praticar tais ou tais atos materialmente bons e honestos. A sua clarividência espiritual — para não falar da sua divindade — preserva-o do erro tão comum entre os homens, de julgar os outros só pelo que fazem, pelo que são externamente, ou parecem ser, e não por aquilo que intimamente são ou desejam ser. A nossa "justiça" é quase sempre uma grande injustiça. Daí a suprema necessidade da caridade, perceito central do Divino Mestre, "vínculo da perfeição", segundo São Paulo.

O homem ainda não é intrinsecamente mau pelo fato de *cair* — mau é ele sómente pelo fato de *querer cair* e de *não querer levantar-se*.

Esmola dada por ostentação; *jejum* feito por exibição; *oração* proferida por vanglória — nada disto tem valor aos olhos de Deus. São outros tantos zeros cheios de desoladora vacuidade, e que por nenhuma adição nem multiplicação darão valor positivo.

Entretanto, bem sabia o divino Mestre que todos os nossos pecados nascem sempre do desordenado apêgo aos bens materiais, dentro ou fora de nós. Por isso, num momento de encantadora inspiração poética, apontou ele para uma avezinha que, numa árvore próxima, acompanhava com os seus trilos e gorgeios as sublimes verdades do Sermão da Montanha; e, olhando para o emplumado cantor da alegria, disse Jesús aos seus ouvintes que tivessem ilimitada confiança na carinhosa providência do Pai celeste, que alimentava e vestia as avesinhas do mato... Depois, cravando os olhos num grupo de lírios silvestres, vermelhos como chamas de fogo a brotar do solo, disse que nem a púrpura de Salomão, em toda a sua glória, era comparavel à magnificência dessas pétalas com que o Pai celeste ornava as frágeis filhas da natureza — e como deixaria ele perecer a míngua o homem feito à sua imagem e semelhança?...

Todas estas divinas espiritualidades dizia o Nazareno aos que tinham ouvido a apoteose do sofrimento, porque "o homem espiritual compreende todas as coisas" (São Paulo). E só o sofrimento torna o homem bastante espiritual para compreender tão sublimes realidades.

*

* *

Quando Jesús desceu, silencioso, das alturas de Kurun-Hattin e passou pelo meio da multidão dos seus ouvintes, parecia todo mundo iluminado duma luz divina... E em todos os olhos brilhava misteriosa claridade... Os homens, israelitas e gentios, que o tinham escutado, só a custo conseguiram voltar das longinquas regiões dum universo invisivel para as realidades do mundo material... Entre-olhavam-se e, cheios de pasmo e estupefação, diziam à meia-voz, como que receiosos de profanar sagrado mistério:

— Nunca homem algum falou como este homem fala...

— Não fala como os nossos escribas e doutores da lei...

— Fala como quem tem autoridade e poder...

— Não será ele o profeta que devia vir ao mundo?...

28. - A mística do sofrimento

Mystes era, na Grécia pagã, o homem iniciado nos profundos arcanos da divindade, convidado a participar daquilo que nenhum profano sabia nem podia saber, a ciência privativa e oculta das excelsas deidades do Olimpo ou das potências sinistras do Hades.

O *mystes* recebia uma ciência infusa, inaquisivel por via meramente experimental, porque este conhecimento superior era um *mystérion*, um *charisma*, um dom gratúito da divindade.

Há também no plano do sofrimento uma classe de *mystes*, há um mistério e há uma mística.

A dôr confere ao sofredor idôneo algo de misterioso, carismático, indefinivel, quase divino.

Há, certamente, uma mística sobrenatural, de que falam as biografias de alguns santos e que se subtrai à nossa investigação natural.

Mas, na ordem natural dos fenômenos — ou talvez melhor, no limiar entre o natural e o preternatural — é o sofrimento o fator máximo da iniciação mística, e, possivelmente, o grande arauto e precursor daquele indefinivel carisma da divina prodigalidade.

Quando a alma humana desce ao mais profundo nadir da dôr, e quando, no meio dessa noite imensa, ergue os olhos às alturas dum grande amor, então contempla as estrelas longinquas de um mundo ignoto, mundo real, porém invisivel a outro homem não circundado dessas trevas nem dotado dessa sensibilidade visual.

Parece que do consórcio do amor e da dôr nasce então este ser estranho que, por indefinivel, foi chamado "Mística".

A Mística é filha desse amplexo do dia e da noite, da suavidade e do amargor, prole do *hosana* de inefavel delícia e do *miserere* dum sofrimento atroz.

E, por ser filha dos maiores contrastes e da mais vasta polaridade que imaginar se possam na vida presente, por isso tem a Mística esse semblante de esfinge, esses olhos dolentes e nostálgicos repletos dum mundo de reticências, de mil perguntas sem resposta, olhos incendidos dum como fogo profundo e longinquo que lembra gigantescos clarões da eternidade...

A Mística é uma luminosa escuridão, um deserto cheio de plenitude, um silêncio profundo em cujo seio cantam inefaveis sinfonias...

Dôr e amor são conceitos correlatos, dois polos sôbre os quais gira toda a vida superior do homem.

O amor doloroso confere à alma a mais intensa clarividência e hiperestesia de que ela é capaz.

Na culminância dessa espiritualidade atinge o homem a zona das grandes intuições, que o distanciam cada vez mais do mundo profano, que o tornam estranho na terra, um como que alienígena na própria pátria, quase um fantasma de outros mundos...

Esse estado é essencialmente anônimo.

Deus é o rei dos anônimos, e por isso lhe dão os homens tantos nomes, porque nenhum deles define o indefinivel, o inominavel, o grande anônimo.

Quanto mais o homem se aproxima da anônima e inominavel Divindade, tanto mais anônimo se torna ele mesmo, tanto mais se confunde e dilue a sua pessoa e atividade nesse Deus sem nome.

Paulo de Tarso tentou definir esse estado místico, mas confessou que o que ouvira eram *"árreta rémata"*, ditos indiziveis...

Agostinho procurou atingir o intangivel — mas rendeu-se ao impossível e gemeu sob o peso da sua insuficiência...

Quase todos os místicos se servem de expressões paradoxais, como "luminosa escuridão", "solidão sonora", etc., palavras que nada dizem e muito fazem adivinhar.

Um desses ébrios de Deus e do homem espiritual chega a dizer que o estado místico é um "des-

nascimento" — e esta expressão é uma das mais verdadeiras e felizes.

Pelo nascimento físico materializa-se o homem. E' necessário des-nascer para a matéria, afim de poder re-nascer para o espírito.

"O que nasce da carne é carne — dizia Jesús — mas o que nasce do espírito é espírito... E' preciso nascer de novo"...

Nascer, des-nacer, re-nascer — eis aí a mais concisa síntese biográfica do homem espiritual.

Nascemos pela geração carnal.

Des-nascemos pelo sofrimento.

Re-nascemos pelo amor.

O homem, des-nascido para o mundo material, re-nascendo para o universo espiritual, emigra, por assim dizer, da sua terra natal e imigra para um país ignoto de grandes maravilhas...

Torna-se um estranho para os que não passaram pelo mesmo processo.

O seu reino já não é deste mundo, e por isto não é compreendido pelos mundanos.

Contempla de cima todas as coisas, com uma espécie de indiferença, de menosprezo, não com esse desprezo feroz do pessimista e desiludido da vida, mas com uma tal ou qual neutralidade psíquica, com uma suave e benévola indiferença, com a risonha leveza do espírito superior que se sabe intangivel e invulneravel no meio da incessante ofensiva das coisas circunjacentes.

Nada mais o prende à matéria, nada o escraviza...

Ele sabe possuir tudo — sem ser possuido por coisa alguma...

A vida perdeu para ele a sua natural acerbidade...

Sofre também ele, é certo, sofre a sua grande espiritualidade — mas não sofre assim como sofrem os profanos...

Não mais o acabrunha o peso do trabalho, do esforço, das lutas e fadigas da vida...

Tudo lhe corre com leveza e espontânea naturalidade, porque ele é senhor da sua vida e do seu Eu...

*

* *

Na excelsitude da intuição mística e da intensa espiritualidade, o homem não pensa propriamente em Deus — dilue-se, por assim dizer, na silenciosa Divindade, assim como uma gotinha d'água num cálice de vinho...

Vive sempre na presença de Deus, dentro de Deus, saturado de Deus, assim como uma esponja lançada ao mar se embebe do elemento líquido...

Esse homem emigrou de si mesmo e imigrou para dentro de Deus...

Muda-se-lhe, aos poucos, até o aspecto externo. Por menos que ele o queira e saiba, a sua alma se reflete no semblante, nos gestos, no olhar, no timbre da voz, em toda a sua atitude...

O seu olhar adquire algo de luminoso, de longinquo, de neutral. Não se fixa mais nos objetos circunvizinhos. Não os contempla com interesse, com paixão, com volúpia; deslisa apenas sôbre eles, como que a acariciá-lo com as pupilas...

O homem espiritualizado e místico passa pelo mundo e pela vida aureolado dum halo de benevolência serena, neutra, incolor, suave e benéfica, roçando ao de leve, com asas de andorinha, a superfície das coisas que, para outros, formam o cobiçado alvo da lufa-lufa quotidiana...

A alma desse homem é como a superfície plácida dum lago, que nada faz senão refletir a claridade solar e o azul do céu, deixando-se sugar às alturas pelo grande astro e evaporando imperceptivelmente ao encontro do sol...

*

*　　*

E' assim o homem que, após a grande e prolongada ofensiva das dôres, entrou na atmosfera duma profunda serenidade interior, nas regiões da anônima e inominavel Divindade.

Através do sofrimento entrou ele na sua glória.

E' por isto que a dôr é a insigne benfeitora do homem, a grande escultora da sua personalidade, o silencioso arcanjo da austera caridade do Deus eterno e amigo do homem...

E' esta a mística divina do sofrimento humano...

EPÍLOGO

Depois de tudo que escrevi sôbre o sofrimento humano, à luz da biologia, da filosofia e do Evangelho, sou obrigado a dizer ao leitor que nada expliquei. A dôr será sempre a grande esfinge e o mais tenebroso mistério do mundo e do homem.

Sei que há homens que se julgam capazes de explicar tudo, homens que demonstram com impecaveis silogismos que tudo deve ser exatamente assim como é, e que é tolo quem não compreende isto. Há quem se arvore em advogado e defensor da Divindade e julgue de seu dever justificar cada uma das obras da divina Providência e esclarecer cada um dos seus desígnios, mesmo os mais ignotos.

Não simpatizo com essa classe de "onicientes". São quase sempre homens que ignoram a sua própria ignorância e teem a pretensão pueril de querer reduzir o mundo a uma fórmula algébrica que se possa demonstrar nitidamente com a + b.

Mas o mundo não é assim — e Deus é infinitamente misterioso, a despeito dessas montanhas de literatura filosófica e teológica que sôbre ele se teem escrito.

Por mais que o homem pense, estude e medite, nunca deixarão Deus e o seu mundo de ter essa aparência absurda e paradoxal. Deus será sempre para a nossa razão — e até para a nossa fé — uma noite imensa, o seu mundo será um eterno ponto de interrogação, e o homem será sempre esse grande "desconhecido" que foi ontem e que é hoje.

Assim foi desde os dias de Adão — e assim será até ao último dia da humanidade.

*
*   *

Tenho tentado, nas páginas deste livro, iluminar alguns aspectos do sofrimento humano. Disse o que sabia, ou julgava saber. Procurei ministrar aos companheiros de jornada alguns motivos de consolo e de paz no meio das suas dôres, para que os que jazessem exhaustos à beira da estrada se levantassem, e os que estivessem em pé marchassem firmes até ao termo da viagem. Se a algum dos meus sócios, nessa imensa legião dos sofredores anônimos, consegui infundir coragem e força, dou-me por muito bem pago por meu trabalho.

*
*   *

Entretanto... a noite continua... Apenas ao longe, muito ao longe, tênue alvor clareia o horizonte...

Até lá, demos a Deus o direito de ser o que é — misterioso, indefinivel, enigmático, intangivel, aparentemente absurdo e paradoxal — na certeza de que ele é tudo isto dentro do seu divino poder, da sua suprema sabedoria e do seu imenso amor para conosco.

Não se arvore o homem — esse átomo entre dois infinitos — em censor ou exegeta da Divindade. Saiba silenciar, admirar, adorar o objeto da sua ignorância e o alvo do seu escândalo. Saiba que há mais verdade nos "absurdos" da divina Providência do que em todas as teses da humana sabedoria...

Saiba também que há mais poesia nessa noite tenebrosa dos mistérios de Deus do que nos dias claros do que os homens compreendem ou dizem compreender...

Mais sugestiva é essa mística do eterno silêncio do que os ruidos profanos das coisas cientificamente demonstradas...

Ignorar é humano — confessar sua ignorância é sobrehumano...

Ai de nós, se não houvesse mistérios!...

Infeliz do homem que tudo "compreende"!...

Seja-nos suficiente saber que Deus é poderoso e bom; se nos faz sofrer, é por algum ignoto mo-

tivo de poder e amor — e isto nos dará sossêgo e serenidade interior...

Entremos, pois, na grande noite!...

Marchemos, firmes, dentro da treva!...

Um poder supremo nos acompanha e conduz...

Um amor infinito nos cinge em suas asas de neve...

E lá no alto brilham estrelas...

As estrelas de Deus através das trevas de Deus...

Do Deus das noites...

Do Deus das alvoradas...

Das alvoradas sem ocaso...

Do dia sem noite...

— F I M —

ÍNDICE

AS OBRAS DE HUBERTO ROHDEN

fazem, hoje em dia, parte integrante da vida espiritual de todo o brasileiro culto.

"Venho dizer-lhe, sem exagero, que seus livros foram o maior bem que recebi nesses últimos tempos. Quem chegou aos 40 anos, lutando por idéias contra o materialismo triunfante em todas as frentes, vai se imbuindo de muita desesperança, de grandes desilusões.

Como fazem bem esses livros, onde as eternas lições do Evangelho surgem aos olhos da alma como luminosos Tabores!

Leio os seus livros diariamente, abro-os em qualquer página para sentir e ver mundos, ter propositos e receber lenitivos. O assunto é divino, mas o seu talento, tirando as asperezas das grandes teses e pintando quadros com as tintas do nosso mundo, faz dos assuntos mais dificeis água viva, cantante e transparente. E' a vida do Mestre, são os ensinamentos do Mestre feitos na mesma linguagem santa de Jesús, mas de acordo com as exigências mais sérias da vida atual.

Leio os seus livros aos amigos, recito-os em voz alta aos que me cercam ou só para meus ouvidos, tenho-os sobre qualquer mesa — tudo isto porque encontrei neles aquilo que minha alma andava buscando.

Seus livros são paisagens, são fatos, são ensinamentos que se levantam e nos ganham a alma. E' poesia, é beleza, é arte — mas é, acima de tudo, Jesús Cristo ressuscitando dentro de nós!"

Prof. F. Julio dos Santos
Diretor do Ginásio Brasópolis